

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

Lúcia Eliza Ferreira da Silva

**OS NOVOS MOVIMENTOS ECLESIAIS E A FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA:
Uma análise ético-teológica crítica dos processos de subjetivação na
Comunidade Católica Shalom**

MESTRADO EM TEOLOGIA

**São Paulo
2022**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

Lúcia Eliza Ferreira da Silva

**OS NOVOS MOVIMENTOS ECLESIAIS E A FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA:
Uma análise ético-teológica crítica dos processos de subjetivação na
Comunidade Católica Shalom**

MESTRADO EM TEOLOGIA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Teologia (Moral), sob a orientação do Prof. Dr. André Luiz Boccato de Almeida.

**São Paulo
2022**

LÚCIA ELIZA FERREIRA DA SILVA

**OS NOVOS MOVIMENTOS ECLESIAIS E A FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA:
Uma análise ético-teológica crítica dos processos de subjetivação na
Comunidade Católica Shalom**

Resultado da Pesquisa apresentado como exigência para o Exame final no curso de Mestrado do Programa de Estudos Pós-Graduados em Teologia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação do Prof. Dr. André Luiz Boccato de Almeida.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. André Luiz Boccato de Almeida – Orientador
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP

Prof. Dr. Antonio Manzatto
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP

Prof.^a Dr.^a Maria Inês de Castro Millen
UNIACADEMIA – Juiz de Fora/MG

**São Paulo
2022**

À Vovó Tereza Braga (*in memoriam*), por seu
legado de mulher e ‘causos’ contados.

Às consciências fragilizadas e despertadas que,
narradas, auxiliaram nessa reflexão.

Permita que eu fale
Não as minhas cicatrizes
Elas são coadjuvantes
Não, melhor, figurantes
Que nem devia tá aqui
Permita que eu fale
Não as minhas cicatrizes
Tanta dor rouba nossa voz
Sabe o que resta de nós?
Alvos passeando por aí
Permita que eu fale
Não as minhas cicatrizes
Se isso é sobre vivência
Me resumir a sobrevivência
É roubar o pouco de bom que vivi
Permita que eu fale
Não as minhas cicatrizes
Achar que essas mazelas me definem
É o pior dos crimes
É dar o troféu pro nosso algoz e fazer nós sumir
(Amarelo, Emicida – artista brasileiro)

“O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- Brasil (CAPES) – nº do processo 88887.489660/2020-00”.

“This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – nº do processo 88887.489660/2020-00”.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPESPROSUC) pelo apoio com a concessão de uma bolsa taxa – código de financiamento 001 – bem como à FUNDASP, pela concessão de desconto para a realização do curso de Mestrado no Programa de Estudos Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP. Sem esse apoio financeiro, não teria sido possível a conclusão desta etapa de estudos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida.

Aos meus pais, Zezilda e Antônio, e irmã, Lúcia Elaine, pelo testemunho laical, por todo incentivo e auxílio nesses anos de formação.

Ao meu esposo, Alexandre, tanto por nosso caminho de aprendizado – na arte de vivermos juntos –, como por me estimular a perseguir a concretização de meus sonhos.

Ao meu primo, Dr. Fábio Agra, por compartilhar o horizonte da vida acadêmica.

Ao orientador, Prof. Dr. André Luiz Boccato de Almeida, por todo apoio e dedicação dispensados nesses anos de estudo. Também por acreditar na pesquisa e em mim, acolhendo conflitos, ouvindo de forma generosa e me inspirando a pensar o humano.

À banca examinadora: Prof. Dr. Antonio Manzatto, que gentilmente participou da construção dessa pesquisa, desde a qualificação e, Prof.^a Dr.^a Maria Inês de Castro Millen, pelo solícito aceite ao convite. E que, juntamente aos examinadores suplentes, Prof. Dr. José Nobre e Prof. Dr. Mário Marcelo, lerão e avaliarão esse trabalho.

À Biblioteca Padre Lebrecht, da Ordem dos Pregadores, pela disponibilização de obras no período crescente da pandemia e, em especial, à bibliotecária Joseane, por toda ajuda nos momentos de pesquisa ao acervo.

Aos funcionários, colaboradores, bibliotecárias e corpo docente da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Ao diretor da Faculdade de Teologia, Prof. Dr. Boris Agustin Nef Ulloa, por despertar a minha consciência acerca de ser uma mulher, leiga e negra, na produção teológica.

Aos integrantes dos grupos de pesquisa PHAES – Pessoa Humana, Antropologia, Ética e Sexualidade – e LERTE – Literatura, Religião e Teologia –, pelo compartilhamento de nossas pesquisas e vivências.

Aos membros efetivos ou desligados da Comunidade Católica Shalom, que narraram fragilidades, alegrias, esperanças, questionamentos e descobertas sobre si.

Enfim, a todos que me ajudaram direta ou indiretamente no processo de construção desse trabalho durante os últimos anos.

RESUMO

Este trabalho tem por intenção analisar o processo formativo na Comunidade Católica Shalom no contexto pós-Vaticano II e os possíveis impactos deste à autonomia da consciência. Tendo como aspecto inicial que as novas comunidades são majoritariamente integradas por leigos e leigas, objetiva-se questionar o dado da subjetividade diante da estrutura comunitária. Dessa forma, se compreende que a dimensão interior de cada indivíduo deve ser o seu regimento primordial. Contudo, contrariamente a essa noção, é possível notar que, inseridos nessas novas estruturas comunitárias, esses sujeitos eclesiais acabam terceirizando suas vidas. Pretende-se problematizar, nessa pesquisa, essa complexa realidade a partir de três momentos: no primeiro, apresentar a noção eclesiológica e laical nas fases do Concílio Vaticano II; num segundo, as novas formas associativas com espiritualidade carismática, em específico a Comunidade Shalom e seu processo de formação; no terceiro, problematizar propriamente o tema da formação da consciência e o processo de subjetivação, à luz da Tradição Teológica. Assim, o trabalho visa propor uma reflexão para a complexidade existente no contexto das novas comunidades, a fim de transparecer possíveis cenários de crise e de distanciamento no que se espera na plena vivência da vocação laical e do protagonismo da consciência na vida do fiel.

PALAVRAS-CHAVES: Leigos. Concílio Vaticano II. Comunidade Católica Shalom. Formação da consciência. Subjetividade.

ABSTRACT

KEY WORDS: This paper aims to analyze the formation process in the Shalom Catholic Community in the post-Vatican II context and the possible impacts on the autonomy of conscience. Having as an initial aspect, that the new communities are mostly integrated by laymen and laywomen, it aims to question the data of subjectivity before the community structure. In this way, understanding that the inner dimension of each individual should be its primordial rule, contrary to this notion, it is possible to notice that, inserted in these new communitarian structures, these ecclesial subjects end up outsourcing their lives. In this research, we intend to problematize this complex reality from three moments on. In the first, to present the ecclesiological and lay notion in the phases of Vatican Council II; in the second, the new associative forms with charismatic spirituality, specifically the Shalom Community and its formation process; and in the third, to problematize the theme of the formation of conscience and the process of subjectivation, in the light of the Theological Tradition. Thus, the work aims to propose a reflection on the complexity existing in the context of the new communities, in order to show possible scenarios of crisis and distancing in what is expected in the full experience of the lay vocation and the protagonism of conscience in the life of the faithful.

KEY WORDS: Laity. Vatican Council II. Shalom Community. Formation of conscience. Subjectivity.

ABSTRAIT

Résumé : Cet article vise à analyser le processus de formation de la communauté catholique Shalom dans le contexte post-Vatican II et les impacts possibles sur l'autonomie de conscience. Ayant comme aspect initial, que les nouvelles communautés sont majoritairement intégrées par des profanes et des laïcs, il vise à questionner les données de la subjectivité face à la structure communautaire. Ainsi, en comprenant que la dimension intérieure de chaque individu doit être sa première régulation, contrairement à cette notion, il est possible de constater que, insérés dans ces nouvelles structures communautaires, ces sujets ecclésiaux finissent par externaliser leur vie. Dans cette recherche, nous avons l'intention de problématiser cette réalité complexe à partir de trois moments. Dans la première, présenter la notion ecclésiologique et laïque dans les phases du Concile Vatican II ; dans la deuxième, les nouvelles formes associatives avec la spiritualité charismatique, concrètement la Communauté Shalom et son processus de formation ; dans la troisième, problématiser proprement le thème de la formation de la conscience et le processus de subjectivation, à la lumière de la Tradition Théologique. Ainsi, le travail vise à proposer une réflexion pour la complexité existant dans le contexte des nouvelles communautés, afin de montrer les scénarios possibles de crise et d'éloignement de ce qui est attendu dans la pleine expérience de la vocation laïque et du protagonisme de la conscience dans la vie des fidèles.

MOTS CLÉS: Laïcs. Conseil du Vatican II. Communauté Shalom. Formation de la conscience. Subjectivité.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AA – *Apostolicam Actuositatem*. Decreto sobre o apostolado dos leigos.

AL – *Amoris Laetitia*. Exortação Apostólica pós-sinodal sobre o amor na família.

CE – *Christi Ecclesiam*. Lettera Apostólica Motu Proprio.

CL – *Christifideles Laici*. Exortação Apostólica pós-sinodal sobre vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo.

CV – *Comunidade de Vida*. Comunidade Católica Shalom.

CVv - *Christus Vivit*. Exortação Apostólica aos jovens e a todo o povo de Deus.

DAp – Documento de Aparecida. V Conferência Geral do Episcopado Latino- Americano e do Caribe.

Dag 2019 – *Documento da Assembleia Geral 2019*. Comunidade Católica Shalom.

DCe – *Deus Caritas Est*. Carta Encíclica sobre o amor cristão.

ECCSh – *Estatutos Comunidade Católica Shalom*.

DH – *Dignitatis Humanae*. Declaração sobre a liberdade religiosa

EG – *Evangelii Gaudium*. Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual.

EN – *Evangelii Nuntiandi*. Exortação apostólica sobre a evangelização no mundo contemporâneo.

ES – *Ecclesiam Suam*. Carta Encíclica sobre os caminhos da Igreja.

Est – *Escritos*. Comunidade Católica Shalom.

GG – *Governo Geral*. Comunidade Católica Shalom.

GL – *Governo Local*. Comunidade Católica Shalom.

GS – *Gaudium et Spes*. Constituição Pastoral sobre a Igreja no Mundo de hoje.

HG – *Humani Generis*. Carta Encíclica sobre opiniões falsas que ameaçam a Doutrina Católica.

LG – *Lumen Gentium*. Constituição Dogmática sobre a Igreja.

MD – *Medellín*. II Conferência Geral do Episcopado Latino- Americano.

NC – Novas Comunidades.

PL – *Puebla*. III Conferência Geral do Episcopado Latino- Americano.

QA – *Querida Amazônia*. Exortação Apostólica pós-sinodal ao povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade.

RCC – Renovação Carismática Católica.

RL – *Responsável Local*. Comunidade Católica Shalom.

SC – *Sacramentum Caritatis*. Exortação apostólica pós-sinodal sobre a Eucaristia.

SD – *Santo Domingo*. VI Conferência Geral do Episcopado Latino- Americano.

VD – *Verbum Domini*. Exortação apostólica pós-sinodal sobre a Palavra de Deus na vida e na Missão da Igreja.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO I	19
O VATICANO II E A TEOLOGIA DO LAICATO	19
1.1 O Concílio Vaticano II: preparação e perspectivas eclesiológicas	20
1.1.1 A fase preparatória e suas características gerais.....	20
1.1.2 Nouvelle Theologie	23
1.1.3 Marie-Dominique Chenu e o compromisso com o mundo.....	26
1.1.4 Yves Marie Joseph Congar e a importância da concepção Povo de Deus	30
1.1.5 O papa João XXIII e o protagonismo dos leigos.....	33
1.2 O laicato no Concílio Vaticano II: do silêncio ao protagonismo	36
1.2.1 O laicato na Constituição Apostólica <i>Lumen Gentium</i> (1964).....	36
1.2.2 O laicato no Decreto <i>Apostolicam Actuositatem</i> (1965)	41
1.2.3 O laicato na Constituição Pastoral <i>Gaudium et spes</i> (1965)	44
1.3 Os leigos no magistério pontifício pós-conciliar.....	48
1.3.1 Papa Paulo VI.....	48
1.3.2 Papa João Paulo II	51
1.3.3 Papa Bento XVI.....	54
1.3.4 Papa Francisco.....	56
1.4 A tradição teológica e pastoral sobre os leigos e leigas na América Latina	59
1.4.1 II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Medellín (1968)...	59
1.4.2 III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Puebla de Los Angeles (1979).....	61
1.4.3 IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Santo Domingo (1992)	63

1.4.4	V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe em Aparecida (2007).....	65
CAPÍTULO II.....		68
DAS NOVAS COMUNIDADES DE PROTAGONISMO LAICAL À COMUNIDADE CATÓLICA SHALOM E O SEU PROCESSO FORMATIVO		68
2.1	As Novas Comunidades de protagonismo laical e suas características.....	69
2.1.1	Renovação Carismática Católica: origem e espiritualidade	69
2.1.2	Advento das Novas Comunidades	72
2.1.3	Novas Comunidades nos pontificados pós Vaticano II	77
2.2	Contexto e surgimento da Comunidade Católica Shalom	82
2.2.1	Cenário religioso: Ceará-Fortaleza	82
2.2.2	Inspirações iniciais e fundação	88
2.2.3	Carisma, espiritualidade e missão	91
2.2.4	O caminho: Contemplação, Unidade e Evangelização.....	95
2.3	Organização, funções e membros comunitários.....	97
2.3.1	Estrutura de governo.....	98
2.3.2	Comunidade de Vida	100
2.3.3	Comunidade de Aliança.....	103
2.3.4	Estilos de vida: famílias, celibatários, presbíteros e solteiros	104
2.4	Características do processo formativo shalomita	106
2.4.1	Vocacional	106
2.4.2	Postulantado	108
2.4.3	Discipulado	109
2.4.4	Consagração.....	111
2.4.5	Formação pessoal e comunitária	111

CAPÍTULO III	113
DA CONSCIÊNCIA AO PROCESSO DE SUBJETIVAÇÃO COMO PRÁTICAS DA FORMAÇÃO MORAL	113
3.1 Contribuições teológicas para a formação e conscientização de si.....	113
3.1.1 Conceito de consciência na Tradição Bíblica	113
3.1.1.1 Tradição veterotestamentária.....	113
3.1.1.2 Tradição neotestamentária.....	116
3.1.1.2.1 Evangelhos	116
3.1.1.2.2 Escritos Paulinos	117
3.1.2 Conceito de consciência na Tradição Patrística.....	120
3.1.2.1 Características gerais	120
3.1.2.2 Síntese agostiniana	121
3.1.3 Conceito de consciência na Tradição Medieval.....	122
3.1.3.1 Características gerais	122
3.1.3.2 Síntese tomasiana	123
3.1.4 Conceito de consciência na Tradição Moderna	124
3.1.4.1 Características gerais	124
3.1.4.2 Afonso Maria de Ligório	125
3.1.4.3 John Henry Newman	127
3.1.5 A consciência moral no Concílio Vaticano II.....	128
3.1.5.1 Precedentes ao Concílio Vaticano II	128
3.1.5.2 <i>Gaudium et Spes</i>	128
3.1.5.3 <i>Dignitatis Humanae</i>	130
3.1.5.4 Contribuição de Bernhard Häring sobre a consciência	131
3.2 A formação da consciência na Comunidade Católica Shalom	133
3.2.1 A formação da consciência no ambiente digital	134
3.2.2 A concepção de mundo na perspectiva do Shalom	138

3.3	Uma reflexão sobre a vivência laical e da consciência na Comunidade Shalom....	
		140
3.3.1	Cenários de crise: a realidade do sujeito nas novas comunidades.....	140
3.3.2	Do neoultramontanismo ao distanciamento das inspirações do pontificado de Francisco	143
3.3.3	Possíveis horizontes para o fenômeno das novas comunidades e formação da consciência	145
CONCLUSÃO.....		147
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS		150

INTRODUÇÃO

A presente dissertação tem por objetivo aprofundar a questão da formação da consciência no contexto das novas comunidades eclesiais, especialmente na Comunidade Católica Shalom, estabelecendo para esse fim, como agente importante, o leigo e a leiga. Pretende-se, mediante os três capítulos, elucidar tais implicações que são emergentes e complexas. Se quer com essa abordagem, indicar a preocupação religiosa, especialmente no acontecimento do Concílio Vaticano II e sua fase de recepção, acerca do protagonismo laical na vivência de sua consciência.

Queremos refletir o tema da religião e o contexto do mundo moderno que, em um primeiro momento, se encontravam em lados opostos, onde se operava reinante a ótica da fé. Além disso, se pretende apresentar personagens religiosos que veem nessa liberdade da modernidade a possibilidade de renovar a linguagem e identidade católica. Nesse ínterim, elucidaremos os novos ventos eclesiais que conduziram a perspectiva do *aggiornamento* proposto pelo Concílio, que inclui os fiéis leigos nas implicações.

Pretendemos propor tanto a vivência da consciência quanto a vida subjetiva, como dado mais importante e autêntico para a pessoa. E isso porque, diante de tantas estruturas de dominação, se faz urgente educar para uma cultura que destaque o sentido da verdade interior e a responsabilidade sobre si mesmo como caminho de amadurecimento eclesial e pessoal.

Diante do exposto, a pesquisa será apresentada a partir das noções da Teologia Moral moderna, se atendo ao objeto de trabalho pelo estudo histórico, em diálogo com outras ciências, articulando obras e hermenêuticas dos textos sugeridos, desenvolvendo análise, problematizações e dados propositivos. Contudo, considerando a leitura crítica dos fatos, a pesquisa teológica desempenhada propõe com maior exatidão contribuir para a reflexão da Igreja e seus sujeitos no contexto brasileiro.

O primeiro capítulo, “O Vaticano II e a Teologia do Laicato”, abordará o desenvolvimento do Concílio e suas proposições acerca do leigo. Neste, através da análise histórica e textual, proporcionará uma inicial constituição de leigos, por quatro momentos: a fase preparatória ao Vaticano II e a influência da *Nouvelle Théologie*; a dimensão do laicato nos documentos *Lumen Gentium*, *Apostolicam Actuositatem* e *Gaudium et Spes*; a noção de leigo nos pontificados posteriores ao evento conciliar; e a Tradição Teológica e pastoral na América Latina sobre a vocação laical.

O segundo capítulo, “*Das Novas Comunidades de protagonismo laical à Comunidade Católica Shalom e seu processo formativo*”, destacará o fenômeno das nossas associações laicais, percorrendo a origem da RCC e a fundação de Novas Comunidades no cenário mundial e brasileiro. Além disso, também se abordará a singular fundação da Comunidade Católica Shalom, em Fortaleza/Ceará, com suas características próprias, relativas a: espiritualidade, formação e membros. O desenvolvimento desse capítulo se dará pela contextualização histórica, hermenêutica de obras e textos da Comunidade Shalom, bem como no manuseio de estudos teológicos acerca do fenômeno pentecostal católico.

O terceiro capítulo, “*Da consciência ao processo de subjetivação como práticas da formação moral*”, apresentará o tratado da consciência e sua importância para prática moral. Esse trajeto se dará por meio da elucidação das contribuições teológicas para o tema, a partir das perspectivas bíblicas, passando pela Tradição Patrística, Medieval, Moderna e do Vaticano II. Isso será delineado através de teólogos o amadurecimento da noção, sua abordagem no contexto formativo da Comunidade Shalom e, por fim, a laicidade e a consciência como fatores possíveis para uma renovação eclesial. Neste capítulo, como plano interdisciplinar, será descrita a perspectiva de Michel Foucault sobre subjetividade, além da de Zygmunt Bauman acerca da vivência em comunidade. Também será abordada a perspectiva de Hannah Arendt sobre a banalidade do mal.

Para o desenvolvimento do trabalho, houve a possibilidade de ter em mãos uma bibliografia vasta com referencialidade ao Concílio, a consciência e a Comunidade Católica Shalom. Houve também o manuseio de obras mais recentes, publicadas em revistas científicas, dados nas redes sociais da comunidade estudada, como narrativas de experiências de membros do Shalom. Todavia, não fomos isentos de certas limitações. Uma delas foi a impossibilidade de acesso às bibliotecas durante o isolamento social em decorrência da Pandemia.

Composto por esses três momentos, o referido trabalho nos conduziu a perceber que o leigo é detentor de uma originalidade própria no discipulado e, quando conduzida para uma consciência amadurecida, a compreensão de si (subjetividade), se torna mais integral e humanizada. Portanto, como dado hipotético, foi percebido que a Comunidade Católica Shalom reverbera o protagonismo laical, mas que diante de escolhas pastorais esse dado pode estar em risco, principalmente no que diz respeito à autonomia da consciência.

CAPÍTULO I

O VATICANO II E A TEOLOGIA DO LAICATO

O desenvolvimento deste primeiro capítulo objetivará refletir o relacionamento entre Igreja e o mundo, principalmente por meio da vivência laical do cristão leigo localizado no contexto secular. Será reconhecida a singular importância que o evento eclesial, Concílio Vaticano II (1962-1965), proporcionou para esta aproximação (instituição e modernidade) que, na tentativa de desligar-se dos condicionamentos e condenações, vislumbrou um novo horizonte mais vinculado às questões modernas.

Para tanto, se percorrerá disposições pré-conciliares, no que tange às perspectivas desenvolvidas para impulsionar uma renovação eclesial. Será salientado o viés hermenêutico desenvolvido pela *Nouvelle Théologie*, e a teologia empregada por dois de seus representantes, Marie-Dominique Chenu (1895-1990) e Yves Joseph Congar (1904-1995), na referência ao laicato e o compromisso com o mundo, pontos de destaque nos textos conciliares.

Após reconhecer a singularidade do caráter secular da vocação laical, pelos prognósticos do Vaticano II, será apontado o pós-Concílio. Nesse período, de recepção e descontinuidade das implicações conciliares, interessará a aproximação aos magistérios papais de Paulo VI a Francisco, no que se refere a formação da consciência eclesial.

Logo em sequência, será destacado os desdobramentos ocorridos no contexto da Igreja latino-americana, pós-Vaticano II. Pelos apontamentos enunciados pelos documentos das conferências episcopais latino-americanas de Medellín (1968), Puebla (1979), Santo Domingo (1992) e Aparecida (2007), se destacará a dignidade laical reconhecida e cultivada neste cenário religioso e territorial.

Nesse sentido, se questionará como os leigos vinculados e localizados nesses novos cenários eclesiais entendem a secularidade, se acolhem, testemunham e fundamentam suas instituições nos ensinamentos conciliares e, se possuem clareza sobre a peculiaridade de sua vocação, relativo a seu papel eclesial e secular.

1.1 O Concílio Vaticano II: preparação e perspectivas eclesiológicas

Nesta primeira seção, será apresentado propriedades gerais do Concílio Vaticano II (1962-1965), vistas no horizonte do laicato, secularidade e constituição da dignidade de cada membro do Povo de Deus, em especial dos não clérigos e atuantes no mundo. Será abordado pistas interpretativas das interpelações conciliares no período pré-conciliar, pela aproximação à *Nouvelle Théologie*, como nas construções teológicas dos dominicanos, Marie-Dominique Chenu (1895-1990) e Yves Marie Joseph Congar (1904-1995), para que, subsequente estudo dessas correntes, se possa indicar questões emergentes para a renovação eclesial e identidade da vocação laical. Por fim, se destacará o impulsionador do evento conciliar, papa João XXIII (1881-1963), em sua acolhida das notáveis inquietações da instituição religiosa frente às transformações do mundo moderno.

1.1.1 A fase preparatória e suas características gerais

O Concílio Vaticano II emerge em meio ao contexto de uma sociedade com profundas mudanças que marcaram a humanidade. Eventos históricos que, delinearam o desenvolver e as características desse que será o maior evento eclesial do século XX, a proporcionar e inspirar uma renovação institucional. Pela tentativa de promover o diálogo com o mundo, ausentando-se de perspectivas condenadoras, a instituição religiosa, requererá certa ruptura com modelos institucionais avessos à modernidade. De modo que, intuições teológicas ditas como periféricas e perigosas, no período pré-conciliar, se tornaram vias primordiais para os desdobramentos e interlocuções conciliares.

A Revolução Francesa (1789-1799), rebento do iluminismo, emplacou o rompimento e questionou com arroubo os determinismos religiosos. De forma adversa, o sistema religioso no território francês, no ato de abolir o cristianismo no território francês, instituindo o culto à “razão”, desliga legalmente os laços entre Estado e Igreja, iniciando perseguições e deportação de religiosos. Segundo Souza, tal contexto influenciou diretamente o triunfalismo do papado no Vaticano I dado que Napoleão entendia a Igreja como motor político e, assim, apta a reestruturações – tais circunstâncias coloraram em dúvidas o sistema papal e sua infalibilidade¹.

¹ SOUZA, Ney; GONÇALVES, Paulo S. L. *Catolicismo e sociedade contemporânea: do Concílio Vaticano I ao contexto histórico-teológico do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2013, pp. 30-32.

Ao iniciar o século XIX, o projeto da instituição religiosa se reerguer e fortalecer o arquétipo de Cristandade ainda é persistente, sendo defendido como o mais acertado meio de “diálogo” com a sociedade da época. Esse modelo pode ser traduzido por: “(...) Igreja procura assegurar sua presença e expandir seu poder na sociedade civil, utilizando do Estado”². Desse modo, regido de forma teocrática, a religião legítima as realidades sociais pela ordem e aspectos que lhe são próprios.

Com o término da Revolução Francesa e a Europa em busca de reerguimento, a religião tentará apregoar essa função. No entanto, o processo histórico desenvolvido até esse momento requererá o ato do dialogar, o que fundamenta mais divergências entre Igreja e sociedade. A cultura antirreligioso – em resposta dos determinismos da instituição e da postura contrarrevolução – faz com que seu discurso fortifique e ganhe adeptos, inclusive no interior da instituição, fazendo surgir dentro da Igreja Católica:

Grupos de católicos que simpatizam com as novidades originárias da Revolução Francesa. Acreditam que os seus valores são perfeitamente aceitáveis para um cristão: liberdade de opinião, de associação, de consciência e de ensino. [No entanto], a ideia de renovação da Igreja é rejeitada, como considerada um ultraje³.

No entanto, essa rejeição a respeito da necessidade de atualização eclesial não se tornou majoritária na instituição. Mesmo que circunstâncias históricas favorecessem a não realização da assembleia eclesiástica, em decorrência do clima de confronto, pela Guerra Fria (1947-1991) e pelo enrijecimento institucional justificado pela imutabilidade das certezas de fé⁴, ecos de esperança e preocupações expressavam o ambiente do catolicismo romano. E isso porque o Concílio iria oportunizar a santificação do clero, edificação do povo cristão e encorajar a todos para em pensamento de fé e paz⁵.

Outro efeito importante que circundava a realização desse evento conciliar era o da superação das incertezas geradas pela suspensão do Vaticano I, em 1870 – e o de não se tornar sua continuação. Para isso, o Concílio, convocado por João XXIII, tinha programação livre e aberta, fator visto pelos textos recolhidos como resposta à consulta no período pré-conciliar.,

² OLIVEIRA, Carlos Augusto Ferreira de. A cristandade: um modelo eclesial de poder. *Revista Fragmentos de Cultura – Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas*. Goiânia, 2021, p. 308. Disponível em: <<http://revistas.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/1889>>. Acesso em: 03 abr. 2021.

³ SOUZA, Ney. *História da Igreja: notas introdutórias*. Petrópolis, Rio de Janeiro: 2020, p. 275.

⁴ ALBERIGO, Giuseppe. *História do Concílio Vaticano II – vol 1: O catolicismo rumo à nova era. O anúncio e a preparação do Vaticano II*. Tradução: João Rezende Costa. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995, p. 23.

⁵ KLOPPENBURG, Boaventura. *Concílio Vaticano II – vol 1: Documentário pré-conciliar*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1962, p. 15.

demonstrando sugestões variadas e de diferentes correntes teológicas. No que tange essa característica de “agenda livre” do Vaticano II, segundo Alberigo, esta seria a preocupação predominante e constante do papa durante a preparação e celebração do Concílio⁶.

Todavia, tal insistência papal remontava, segundo Kloppenburg, à impositação característica dessa Assembleia Conciliar, o de ser “pastoral”⁷, tendo como finalidades três pontos principais, sendo eles: incremento da Fé, renovação dos costumes e adaptação da disciplina eclesiástica às necessidades do tempo atual⁸. Isto posto, a tarefa hermenêutica é chave de leitura para os trabalhos como na aproximação das intuições conciliares, pois:

Considera a história como um mundo da vida experimentada pelo homem [...] denotando a partir da historicidade do homem, seu dinamismo vital experimentado em seu próprio processo histórico, articulado em sua temporalidade presente, enquanto retomada do passado e antecipação do futuro. A consciência histórica é consciência da situação hermenêutica do texto, do evento, dos homens que estão envolvidos no processo de compreensão e de interpretação⁹.

Esta observação do aspecto hermenêutico faz com que a linguagem ganhe relevância para o Concílio. Sendo revista e alterada, é condutora interrogativa e expressão da fé, em que o sujeito é tanto agente de ação hermenêutica como também *locus* interpretativo. Nessa circunstância, fora de condicionamentos, o Homem exerce sua liberdade e atua em formar realidades libertadoras da humanidade. Portanto, afirmar que o caminho singular proposto pelo Concílio Vaticano II foi de renovação, é destacar sua atuação pela linguagem empreendida.

Nessa esteira de propulsão de reviravolta, encontra-se um caminho hermenêutico que muito contribuiu para as elucidações conciliares, dito como: *Nouvelle Théologie*. Movimento que apontou e aprofundou as exigências de renovação, como contribuiu para na articulação dos temas do Vaticano II, na atividade de assessoria de seus teólogos reformistas que veremos a seguir. Sendo assim, identificar no evento suas novas posições e abordagens acerca de sua própria estrutura, corpo e presença no mundo, é encontrar no discurso sua grande relevância e elemento condicional para efetivação de interesses.

⁶ ALBERIGO, 1995, p. 65.

⁷ ALBERIGO, 1995, p. 65.

⁸ KLOPPENBURG, 1962, p. 16.

⁹ SOUZA; GONÇALVES, 2013, p. 125.

1.1.2 Nouvelle Theologie

Descendente das aspirações modernas e importante precursor para as impulsões e realizações do Vaticano II, a *Nouvelle Theologie* caracteriza-se como importante e influente exercício teológico no século XX. Subjaz a essa corrente teológica o método hermenêutico de não temer o diálogo com o mundo moderno e, empregando a observação do contexto com vias científicas não confessionais, abre possibilidades à uma teologia em dinâmica de atualização.

Nesse processo de formação intelectual com nova argumentação, nasce um movimento fruto dessas inquietações teológicas – Igreja, homem e modernidade - a apelar pelo *ressourcement* (volta às fontes) como meio de favorecer a libertação do exercício teológico vinculado estritamente ao contexto escolástico¹⁰. A pertinência dessa moção se dá pelo realce a iminência da aproximação e recepção às noções modernas, considerando-as fontes de um novo saber eclesial e social, com profusas contribuições para o processo de atualização e contextualização das afirmações de fé e prática comunitária, tais como: pela investigação histórico-bíblica como ciência, na indicação da natureza litúrgica, mística e eclesiológica.

Essa teologia de cunho investigativo se coloca na perspectiva de compreender e modernizar a teologia a relacionando ao seu tempo e suas mais diversificadas fontes do saber. Originalmente sua origem parte da escola de *Le Saulchoir*, em 1904, na Bélgica, e posteriormente, em 1939, em *Étiolles*, próximo à Paris, como também presente na faculdade dos jesuítas, em Lyon, onde esse caminho de transição se fortaleceu.

Em um primeiro momento, essa trajetória foi desempenhada pela passagem de uma conceituação religiosa meramente apologética para um destaque das coisas terrestres, indicando que as dimensões temporais são fundamentais para o discurso religioso, visto que o sujeito localizado historicamente no interior das propriedades sociais, comunitárias, afetivas é compreendido como receptáculo da revelação¹¹.

Em um segundo momento, a *Nouvelle Theologie*, converte a ciência eclesial e o discurso sobre Deus - o que tange na exclusiva manutenção da Tradição, da Escritura e de uma moral autoritária - em direção da reformulação a partir da perspectiva histórico-teológico,

¹⁰ QUEIRUGA, Andrés Torres. *A teologia depois do Vaticano II: diagnóstico e propostas*. Tradução Afonso Maria Ligorio Soares – 1ª ed. São Paulo: Paulinas, 2015, p. 14.

¹¹ SOUZA; GONÇALVES, 2013, p. 53.

transcendental e estética. Nesse sentido, desdobra a compreensão de que “a teologia se liberte dos entraves metodológicos arcaicos que a impedia de dialogar com o mundo”¹².

O dominicano Marie-Dominique Chenu – um dos expoentes desse novo método teológico - em seu livro manifesto “*Une École de Théologie*”, “Uma Escola de Teologia”, com publicação em 1937¹³, descreve de forma analítica o paradigma conceitual e teológico desse ambiente acadêmico. Para ele, os pesquisadores que se “vinculavam” à essa forma de pensar e argumentar, optavam pela originalidade fundada no exercício do saber teológico ligado aos avanços das ciências, técnicas de pesquisa e não se intimidariam no diálogo com a sociedade em evolução. Sobre o regime de trabalho, em *Saulchoir*, a forma de análise desses teólogos se caracteriza pela:

preocupação aguda e permanente em discernir a variedade radical de métodos na aquisição da verdade, e então organizar o conhecimento internamente em um status científico apropriado [...] *Le Saulchoir* buscou essa flexibilidade metodológica para a geração de mais velhos, aumentando ainda mais a juventude de alma da nova geração¹⁴.

Vê-se então, respaldados nos fatos, que esse movimento inovador com sua atividade de articulação entre as ciências e a teologia, não foi reconhecido beneficentemente pela classe majoritária que orientava os rumos da instituição nesse período. E isso pois a corrente pensante empregada na organização religiosa visava e apoiava uma visão teológica dogmatizante, de função meramente especulativa, apologética e jurídica.

À vista disso, como via corretiva e tentativa de conter avanços e seus frutos, o papa Pio XII, condena esse movimento renovador, a fim de afirmar as noções reacionárias, destituir seus teólogos e proibir a circulação de seus livros. Essa ação acontece por intermédio da Encíclica *Humani generis* (1950)¹⁵. Em quarenta e quatro parágrafos, Pio XII, abençoa a visão

¹² XAVIER, Donizete. *Nouvelle Théologie* (pp. 677-679). In: PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L. *Dicionário do Concílio Vaticano II (1962-1965)*. São Paulo: Paulus, 2015, p. 677.

¹³ Colocado no Index, em 1942, em decorrência da interpretação das autoridades eclesiásticas acerca da obra.

¹⁴ CHENU, Marie-Dominique. *Une École de Théologie: Le Saulchoir*. Belgique: Kain-lez-tournai; France: Etilles (S. et O.), 1937, pp. 33-34.

¹⁵ PAPA PIO XII. *Carta Encíclica Humani Generis sobre opiniões falsas que ameaçam a Doutrina Católica*, 1950. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_12081950_humani-generis.html>. Acesso em: 10 out. 2020.
A partir desse momento HG.

autocrática e conservadora das verdades construídas até então¹⁶, não permitindo a oficialização de avanços consistentes na interpretação dogmática e na percepção institucional¹⁷.

No desenvolvimento do texto, as verdades religiosas são apresentadas como soberanas frente à razão e suas áreas de investigação. Há a supervalorização dos termos e noções escolásticos como únicos luzeiros para o aprofundamento do magistério. Em contrapartida, é evidenciado esse exercício hermenêutico, como desculto à teologia e à filosofia escolástica, de forma que o Magistério da Igreja e a Sagradas Escrituras seriam também penalizadas por essas novidades. Segundo a encíclica, tais aspirações contestam as noções do Vaticano I, pondo em protagonismo a liberdade do sujeito. Ainda segundo Pio XII:

Não há que admirar terem essas novidades produzido frutos venenosos em quase todos os capítulos da teologia. Põe-se em dúvida que a razão humana, sem o auxílio da divina revelação e da graça divina, possa demonstrar a existência de Deus pessoal, com argumentos tirados das coisas criadas; nega-se que o mundo tenha tido princípio e afirma-se que a criação do mundo é necessária, pois procede da necessária liberalidade do amor divino; nega-se também a Deus a presciência eterna e infalível das ações livres dos homens; opiniões de todo contrárias às declarações do concílio Vaticano¹⁸.

Não se pode falar apenas dos princípios da *Nouvelle Théologie* sem notificar as consequências geradas, dado que não aconteceu sua oficialização ou recepção, neste período e nem posteriormente de maneira fácil, posto que, confrontos entre métodos – histórico *versus* essencialista, nova teologia *versus* teologia clássica ou tomista – subsistiram constantemente. Nesse ínterim, há conflitos de teorias de teólogos oficiais e modernos, como o enfrentamento entre a Cúria Romana, Escola (academia) Romana e as escolas (colégios) que acolheram os teólogos modernos, na França e na Bélgica.

Nota-se, a partir da *Nouvelle Théologie*, a possibilidade de usufruir de um ambiente livre de pesquisa e ensino, que promoverá novas linhas teológicas que indicavam a emergência da renovação eclesial, teológica, pastoral, ecumênica e litúrgica. Segundo Gibellini, esses teólogos, formados pelas inquietações da *Nouvelle Théologie*, de ameaças à Igreja, se tornaram

¹⁶ HG 18, 22, 29.

¹⁷ HG 7, 10, 41.

¹⁸ HG 25.

“intrépidos pioneiros do Concílio”¹⁹, favorecendo através de suas interrogações a renovação eclesial.

Portanto, se encontra no desenvolvimento teológico desse movimento chaves interpretativas e originárias das indicações do Concílio Ecumênico Vaticano II, acerca do laicato, da natureza da Igreja e da própria modernidade, cujos quais contribuíram diretamente para a aguardada renovação eclesial – promovendo ainda novas perspectivas e avanços.

1.1.3 Marie-Dominique Chenu e o compromisso com o mundo

O desenvolvimento teológico desse frade dominicano, Marie-Dominique Chenu (1895-1990), é afinado às interpelações da *Nouvelle Théologie*, especialmente no que tange a aproximação às questões do dia a dia das dimensões da fé. Nessa interlocução, o contemporâneo, com todas as suas dimensões, é definido como *locus teológico*, de modo que se identifique como importante elemento para sistematização teológica.

Sendo a história esteira para a teologia, a tessitura teológica se dá pela crônica e narração no tempo, fazendo compreender os aspectos da fé, ao passo que, segundo Carlos Josaphat, a teologia ilumina a história e a história auxilia na compreensão²⁰. É a partir desse desenvolvimento teórico que se fomenta uma Igreja ligada às questões do mundo.

Nessa perspectiva, o pensamento de Marie-Dominique Chenu se desenvolve abordando novas categorias para a teologia. A título de exemplo, pode ser evidenciado o dado da história, do intercâmbio com outras ciências, da liberdade e da subjetividade. Tais interlocuções provocaram, por parte do Santo Ofício, uma ação “corretiva” ao seu manuscrito, *Une École de Théologie* (Uma escola de Teologia) em 1942, no qual Chenu, descentraliza a ciência teológica. Segundo ele:

A teologia é sabedoria, e sabemos que, no vocabulário dos antigos, essa palavra expressa tanto a eminência de uma disciplina quanto seu poder arquitetônico. Até pensamos que só uma teologia pode funcionar como sabedoria, pois somente ela transcende suficientemente as ordens racionais da mente para presidi-las sem se enredar nelas ou sem desorganizá-las. O metafísico não tem tanto essa segurança [...] por isso repudiamos esse caminho

¹⁹ GIBELLINI, Rosino. *O papel da teologia no Concílio e o estatuto dos teólogos e teólogas hoje*. (28.jan.2021). Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/517231-o-papel-da-teologia-no-concilio-e-o-estatuto-os-teologos-e-teologas-hoje>>. Acesso em: 18 out. 2020.

²⁰ JOSAPHAT, Carlos. Chenu, Marie-Dominique (pp. 109-112). In.: PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L. *Dicionário do Concílio Vaticano II (1962-1965)*. São Paulo: Paulus, 2015, p. 108.

do imperialismo teológico, que é apenas um clericalismo intelectual, por mais que acreditemos em uma certa possibilidade reguladora da ciência sagrada. Equilíbrio delicado, cujos elementos iremos medir; mas, confessamos imediatamente, após a experiência, tal liberdade espiritual nos parece alcançável apenas na pureza e na audácia de uma contemplação, e não em uma especulação tão bem construída como é com suas abstrações e seus objetos²¹.

A partir dessa elucidação, vê-se que a teologia desenvolvida como a consciência eclesial defendida percorre trilhas não arraigadas nas absolutizações totalitárias impostas pelas perspectivas institucionais, assumindo posturas audaciosas para sua época²². Sua perspectiva teológica tem por objeto retornar ao sujeito de forma concreta, a partir de sua temporalidade e contexto histórico, identificando nesse processo princípios reflexivos e argumentos em comunhão com os dramas e recursos do mundo.

Essa consciência histórica é latente na teoria chenusiana e ponto alto do Vaticano II, porque traz à teologia e ética cristã a prerrogativa de não se deter exclusivamente à ótica religiosa. Sem embargo, essa se pauta nas análises sociais e humanas filosóficas, antropológicas e históricas, fazendo com que na Tradição e no Magistério se sobressaia a função especulativa e não mais os determinismos da imutabilidade moral, de verdades e do depósito da fé, percorrendo, por fim, novo caminho a partir da referencialidade da presença de Deus na história.

Para Molina, esse exercício histórico proporcionado por Chenu reconhece a positividade da secularidade e o dom da sociabilidade. Admite igualmente os dramas humanos e os problemas sociais, especificamente do mundo operário pós-guerra permeado pela pobreza, contexto este que incutiu seus empenhos teológicos. Nesse cenário de profusas tragédias, sua abordagem se torna genuinamente cristã, mesmo não partindo exclusivamente das noções teológicas e bíblicas uma vez que recorre também à autores da filosofia personalista – como Jacques Maritain, Emmanuel Mounier, Jean Lacroix e Gabriel Marcel – para suas abordagens acerca da fraternidade, justiça e trabalho²³.

Marie-Dominique Chenu, em sua extensa produção científica com quase quatrocentos escritos²⁴, fundamenta o valor das realidades terrestres pelo desenvolvimento antropológico-teológico na dinamicidade de uma fé encarnada na história. Esta projeção se efetiva juntamente

²¹ CHENU, 1937, pp. 43-44.

²² JOSAPAHT, 2015, p. 111.

²³ MOLINA, Dumar Iván Espinosa. Trabajo e historicidad en la teología de Marie Dominique Chenu. (pp. 63-83) *Revista Theologica Xaveriana*, 67, 183, 2017, p. 66. Disponível em: <<https://doi.org/10.11144/javeriana.tx67-183.thtmdc>>. Acesso em: 20 fev. 2021.

²⁴ JOSAPHAT, 2015, p. 110.

com sua presença em movimentos de renovação da Igreja, como a JOC (Juventude Operária Católica), local que ocupa para denunciar os problemas existentes no mundo operário e, concomitantemente, constatar a insuficiência da teologia clássica por não conceder “resposta teológica adequada a essa nova realidade”²⁵.

O aspecto do trabalho é para Chenu um “sinal dos tempos” que expressa valor objetivo e não subjetivo, a significar que o lugar de trabalho constitui-se como colaboração ímpar para a “construção do mundo e do destino histórico da humanidade, não sendo um mero instrumento de perfeição a ser moralizado mediante piedosas intenções”²⁶. Para o cristão localizado nesse contexto, significa a possibilidade da concepção e efetivação de uma presença sensível²⁷, refutando à ganância evangelizadora com vias de colonizadoras.

Acerca disso, já no período pós-conciliar, Chenu, refletindo sobre as interpelações do Vaticano II em 1965, relata uma tendência interpretativa do parágrafo 34 da *Lumen Gentium*. No recorte em questão, trata-se sobre a consagração do mundo pelo apostolado laical, destacando o leigo como uma ponte delegada pela Igreja, o qual “agindo em toda a parte santamente, como adoradores, consagram a Deus o próprio mundo”²⁸.

Para tal, é sugerido pelo teólogo dominicano uma melhor precisão interpretativa do fragmento, porque, essa consagração do mundo não se dá pela sacralização da mundanidade, em razão de que santidade não é segregar. No entendimento de Chenu, o fator clericalizante ou teocrático pode ofuscar o real sentido da moção, que seria direcionado à ação de encarnar-se na secularidade, isto é, a consagração e santificação do mundo se facultaria pela recapitulação em Cristo. Pois,

É necessário um culto em que a fé no mistério encontre expressão sensível, adaptada à condição humana e às exigências propriamente religiosas do encontro com o Deus da fé. Com efeito, se a união com Deus em Cristo consiste essencialmente no movimento da vida teologal que anima toda a existência, verifica-se que fé, esperança e caridade se nutrem de um culto em que a virtude moral da “religião”, reguladora das relações com a divindade, encontra o seu domínio. Certas coisas, pessoas e ações poderão e deverão ser oportuna e eficazmente sacralizadas, consagradas²⁹.

²⁵ MOSER, Antonio. *O compromisso do cristão com o mundo na Teologia de M.-D. Chenu*. Petrópolis: Vozes, 1974, p. 22.

²⁶ MOSER, 1974, pp. 28-29.

²⁷ CHENU, Marie-Dominique. *Pour une théologie du travail*. (Collections “Esprit”). Paris: Éditions du Seuil: 1955, p. 69

²⁸ LG 34.

²⁹ CHENU, Marie-Dominique. Os leigos e a “consacratio mundi”. In: BARÚNA, Guilherme. *A Igreja do Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 1965, p. 1013.

Assim, percebe-se nessa transitoriedade do valor do trabalho como peculiar presença na mundanidade, superando, desse modo, afirmações escolásticas que fomentavam essa realidade como mera atividade física e do ordinário “ganha-pão”³⁰. Para isso, o entendimento desse labor requalificado, conecta o indivíduo ao corpo social, ao caracterizá-lo pela responsabilidade na construção de mundo, através do seu exercício de trabalho na comunidade humana. Mediante essa atribuição, ganha e transforma-se, pela evolução do mundo e no aspecto relacional dos entes, como descreve Moser,

O cristão, se quiser saldar seu compromisso com o mundo, não pode ficar indiferente à opressão existente na sociedade e sobretudo no mundo do trabalho. Seu compromisso com o mundo não o leva tão somente à construção deste, nem só a uma reforma constante no seio da Igreja, mas também a um empenho pela libertação do homem³¹.

Dada essa emancipação do homem frente a certas estruturas de condução e de desigualdade sociais, se favorece o movimento de retorno ao Evangelho em sua essencialidade e proposta, uma vez que a promoção de profundas mudanças estruturais do indivíduo atinge necessariamente camadas sociais e eclesiais. Chenu, acerca disso, ao dizer sobre o Reino de Deus anunciado por Jesus dos Evangelhos, o comunica não como sobreposto ao mundo, mas como ponto de impacto da mensagem evangélica, em que “todos os bens terrestres, individuais e coletivos desenvolvem no homem disponibilidades positivas para a encarnação da vida divina”³².

Por isto, mediante a evolução da compreensão da vivência da fé com presença efetiva no mundo, pelas elucidações de Chenu, tem-se a articulação entre fé e razão, fé e história³³. Para esse pressuposto, é imperativo a identificação do agente da ação de crer, pensar e pertencente ao tempo – em sua individualidade e pertencimento a um corpo, o de Cristo Jesus.

³⁰ MOSER, 1974, p. 30.

³¹ MOSER, 1974, pp. 41-42.

³² CHENU, Marie-Dominique. *O povo de Deus no mundo*. (Coleção “O Evangelho no século XX”). São Paulo: Livraria Duas Cidades Ltda, 1967, p. 47

³³ SOUZA; GONÇALVES, 2013, p. 133.

1.1.4 Yves Marie Joseph Congar e a importância da concepção Povo de Deus

Proveniente de Sedan na França, Yves Congar nasce em 13 de abril de 1904 e falece em Paris, aos 91 anos, na data de 22 de julho de 1995. Frade dominicano, inicia seu caminho vocacional e formação intelectual em sua cidade de origem, partindo tempo depois para Saulchoir na Bélgica – um dos berços da *Nouvelle Théologie* – a fim de dar continuidade a seus estudos. Em sua produção intelectual, é possível perceber a identificação da questão histórica com desdobramento dos aspectos pastorais, ecumênicos e eclesiológicos, referências que o introduziram às inspirações da corrente vigente no território francês.

Em 1950, com a publicação da obra *Vrai et fausse réforme dans l'église* (Reforma verdadeira e fala da Igreja), Congar desenvolve a questão eclesiológica, apontando a necessidade de uma verdadeira renovação estrutural. Neste texto, frisa-se a noção de comunhão, a distinguindo das perversões hermenêuticas que, destituídas do contexto histórico, fomentam decepções e desconfianças sobre a instituição³⁴. Diante desse cenário de suspeita, a abordagem congariana aponta para uma mudança indispensável e iminente de caráter eclesiológico, onde todos, incluindo os leigos, tenham participação ativa na comunidade.

Tal indicativo, o de renovação eclesial, recomporia a identidade na Igreja pelo viés comunitário e de escuta mútua, em que todos são importantes para a concepção e afirmação religiosa, ideia a retornar e fortificar à categoria Povo de Deus, em que:

esta união de uma reforma eclesial com o princípio sinodal é compreensível, certamente reflete a natureza profunda das coisas. No afeto, trata-se de aliar o movimento de baixo e a ação da autoridade, o apoio da base e a direção das lideranças responsáveis. Uma assembleia, qualquer que seja o nome e a forma - capítulo, sínodo, conselho, congresso ... - é um lugar de diálogo onde uma vontade comum pode ser formada e afirmada, onde a autoridade pode agir com o consentimento vivo de todo o corpo³⁵.

Para Congar, a instituição eclesial deveria constituir uma Igreja, enquanto comunidade de fiéis e em plena comunhão, compreendendo o depósito da fé, formariam os sacramentos e o serviço apostólico pela intuição pneumatológica. Em outros termos, para uma boa “saúde da Igreja”³⁶, exige-se a atividade dos fiéis, todos encontrados inclusive nas famílias, nas escolas e

³⁴ CONGAR, Yves Marie-Dominique. *Falsas y verdaderas reformas en la Iglesia*. Tradução casteliana de Carmen Castro de Zubiri. Madrid: Instituto de Estudios Políticos, 1953, p. 28.

³⁵ CONGAR, 1953, p. 204.

³⁶ CONGAR, Yves Marie-Dominique. *Se sois minhas testemunhas: três conferências sobre o laicato, a igreja e o mundo*. São Paulo: Paulinas, 1967, p. 65

nos contextos seculares. Deste modo, sem divisões entre si – sujeito religioso e ‘mundano’ – é possível um cenário de formação religiosa amadurecida.

Para corroborar na discussão acerca do Povo de Deus, Congar demonstra a preocupação com a dimensão do laicato na Igreja ao frisar o aspecto da responsabilidade coletiva³⁷, sugerindo a superação das desigualdades existentes por primar a proporcionalidade de compromisso que cada fiel possui³⁸. Concedendo relevante produção textual acerca desse tema, a abordagem congariana indica a autenticidade do leigo, tendo como eixo para o desenvolvimento dessa teologia do laicato a perícopa de Rm 12,1: a vida como oferta, como culto espiritual³⁹. Nessa perspectiva acerca do leigo, Congar, realça o selo e movimento do Espírito na vida cristã desses batizados. Assim, ele explica:

Perceberão que, em 90% dos casos talvez, “Igreja” significa concretamente: a hierarquia, o governo dos fiéis, por vezes mesmo somente o papa, ou o papa e as congregações romanas. Como se um corpo consistisse apenas nos seus órgãos de direção, ou um povo nos seus altos funcionários... não! A Igreja é um corpo totalmente vivo, totalmente animado por sua alma, o Espírito Santo. Os fiéis também têm o Espírito Santo. Mas num corpo, a alma não anima da mesma maneira todas as partes, porque essas não têm nem a mesma posição, nem a mesma função⁴⁰.

Da mesma forma que o Espírito dinamiza a dimensão eclesiológica, estimula à liberdade e autenticidade da vida da Igreja. Isso significa, na obra do teólogo dominicano, o quanto a Igreja pode ser construída fundamentada na história humana, obtendo rosto da humanidade e entendendo a dignidade comum de todo sujeito cristão⁴¹, independentemente de sua posição na organização. Segundo Moraes, essa Igreja-comunhão como categoria promotora de renovação, evidencia a essencialidade da instituição e inspira novos mecanismos para as relações. Trata-se de um ideal de unidade para a comunidade dos fiéis, na qual pelo:

Batismo produz uma igualdade ontológica de todos os membros, anteriormente a qualquer distinção dada pelos carismas doados pelo Espírito

³⁷ CONGAR, 1953, p. 427.

³⁸ CONGAR, 1953, p. 437.

³⁹ BRITO, Ênio J. da Costa. Congar, Yves Marie Joseph. (pp. 217-219). In: PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L. *Dicionário do Concílio Vaticano II (1962-1965)*. São Paulo: Paulus, 2015, p. 218.

⁴⁰ CONGAR, 1967, p. 67.

⁴¹ SILVA, Maria Freire da. Uma eclesiologia de comunhão (pp. 119-137). *Revista de Cultura Teológica*, v. 19, n. 76 – out/dez 2011. p. 1255. Disponível em: < <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/viewFile/14996/11194> >. Acesso em: 02 fev. 2021.

e pelo estado de vida de cada membro. Há entre todos os membros verdadeira igualdade qual à dignidade e ação comum na edificação do Corpo de Cristo⁴².

Ainda utilizando a referencialidade de Moraes, que em seu trabalho cunha a palavra “unipluralidade”⁴³ – se referindo sobre a comunhão entre muitos em uma conjuntura – , é importante destacar que este a entende como uma possibilidade de avanço às pretensões de Congar. Em razão de similarmente protagonizar o leigo em meio a estrutura hierarquizada e hierarquizante das consciências dos fiéis, o autor enfatiza a diversidade do povo em seus modos de vivência, questões que enfraquecem a habitual compreensão a respeito do fiel leigo, como sendo o obediente e submisso.

Nessa visibilidade do leigo, Congar assinala que esta perspectiva não se fundamenta na mera organização de agrupamento de pessoas, como um ‘clubismo’, mas esta comunhão é realizada em Cristo por aqueles que se encontram n’Ele, em seu Espírito e projeto heterogêneo de rostos e contextos. Dessa maneira, explica:

A Igreja é coletividade dos que estão “em Jesus Cristo” e, essa coletividade é uma coisa completamente diferente de uma coleção de indivíduos simplesmente justapostos; é um povo, o povo de Deus: melhor ainda, é o corpo de Cristo, e não se realiza como povo de Deus senão sendo o corpo de Cristo. É comunhão de pessoas, é feita por suas pessoas como um povo é feito por seus cidadãos, um corpo por seus membros⁴⁴.

Como já dito, nessa comunhão e expressão de fé, o leigo detém igual dignidade face aos demais membros do Povo de Deus: celibatários, clérigos ou hierárquicos. E, neste mesmo decoro, Congar indica que os leigos exercem também atividades sagradas no testemunho, na vivência das realidades terrestres e no engajamento na História, sendo “chamados a fazer a obra de Deus neste mundo [...] enquanto cristãos, em um verdadeiro engajamento no dar-à-luz ao mundo”⁴⁵.

À vista dessas indicações, o fiel leigo se identifica como sujeito responsável e propenso ao labor do cotidiano nas esferas pessoais, eclesiais, do campo econômico até a política. Essa responsabilização gerada pelo exercício da liberdade consome a obediência passiva que

⁴² MORAES, Eva A. R. A eclesiologia de comunhão de Yves Congar e sua relevância para a Igreja de hoje. *Revista Atualidade Teológica*, ano XI nº26, maio/agosto, 2007, pp. 182-183. Disponível em: < <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/18530/18530.PDF> >. Acesso em: 02 fev. 2021

⁴³ MORAES, 2007, p. 185.

⁴⁴ CONGAR, Yves Marie Joseph. *Os leigos na Igreja: escalões para uma teologia do laicato*. São Paulo: Editora Herder, 1966, p. 42.

⁴⁵ CONGAR, 1966, p. 35.

infantiliza e o ciclo de culpabilização, que abstrai as tomadas de decisões. Sobre isso, Congar, diz:

Ainda há muita coisa a fazer para curar os leigos de sua mania de sempre procurar determinações que os dispensem de pensar por si mesmos em seus problemas, e os clérigos de seu hábito de prever, decidir e prescrever tudo. É uma das razões pelas quais muitos não viram saída fora do moralismo, ou fora de uma solução de pura obediência ao ditame de determinações prontas simplesmente temperadas por uma casuística, senão em uma pura “ética da situação” ou numa mística da liberdade evangélica⁴⁶.

Portanto, dado o protagonismo aos leigos no campo eclesial na própria secularidade, percebe-se profundas interrogações direcionadas ao ensinamento institucional e a sua real validade para as constantes transformações da cultura moderna. No que concerne ao distanciamento, entre Igreja e mundo, aponta-se para a concretização de efetivas mudanças ou a estagnação religiosa. A história apontará para a primeira convicção, mesmo com muitos desafios, em que pelos impulsos proporcionados pelo pontificado de Roncalli: o papa bom, do desejo de renovação e do diálogo com a modernidade figurará o renascimento laical pela realização das sessões conciliares.

1.1.5 O papa João XXIII e o protagonismo dos leigos

Ângelo Giuseppe Roncalli, italiano do distrito de Sotto il Monte, uma região de Bergamo, nasce em 25 de novembro de 1881 e vem a falecer aos 81 anos, na data de 03 de junho de 1963, no período inicial do Concílio Vaticano II⁴⁷. Sua formação intelectual é modesta, mas seu currículo diplomático e serviço apostólico desenvolvido nas Igrejas da Bulgária, Istambul, Turquia e França, proporcionarão ao futuro bispo de Roma uma sensibilidade ecumênica, eclesiológica renovada e proximidade as questões modernas⁴⁸.

Já como Núncio Apostólico, por exemplo, se encontrou na região de Paris, localidade esta peculiar para o exercício diplomático em decorrência do período político, cultural e eclesiástico que o país passava devido o pós-guerra⁴⁹.

⁴⁶ CONGAR, 1966, pp. 643-644.

⁴⁷ ALTEMEYER JUNIOR, Fernando. João XXII (pp. 498-501). In.: PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L. *Dicionário do Concílio Vaticano II (1962-1965)*. São Paulo: Paulus, 2015, p. 498.

⁴⁸ ALBERIGO, 1995, pp. 23-24.

⁴⁹ ALTEMEYER JUNIOR, 2015, p. 499.

Segundo Souza, a transição entre os papados de Pio XII e João XXIII se refere sobretudo à modificação de concepção de Igreja – Igreja no mundo e de mundo. Enquanto o magistério de Pacelli pode ser compreendido, através de suas mensagens, discursos e encíclicas, como sendo centralizador e antimoderno, por rejeitar “doutrinas evolucionistas, existencialistas, historicistas, e suas intervenções na teologia católica foram de grande relevância, como as censuras feitas a Maritain, Chenu, De Lubac, Mazzolari, Milani e aos padres operários franceses⁵⁰”, as escolhas e posicionamentos de Roncalli lhe são antagônicas.

O magistério de João XXIII, a simplicidade, sensibilidade e habilidade no diálogo, forjará a identidade de seu pontificado. As características eclesiológicas e pastorais em continuidade à tradição da Igreja, indicarão como ato profético seu bispado, que evidenciará a dinamicidade do *aggiornamento* no horizonte institucional.

De forma específica sobre o Concílio, Alberigo o define como fruto de uma convicção pessoal do papa João XXIII, pois, sedimentado em seu espírito, indicava o projeto roncallino em uma Igreja Católica que entrava “em fase nova e imprevista de sua história”⁵¹. Essa etapa sendo caracterizada pelo exercício do diálogo institucional com os elementos modernos, promove o surgir de uma nova hermenêutica teológica em articulação com as ciências históricas, filosóficas e sociais, resultando em uma renovada e contextualizada prática pastoral humanizante.

Potencializando esses novos ventos institucionais, há o aspecto da sensibilidade carismática do papa João XXII, que, segundo Souza, indica a propiciação emergente do Concílio, pois o marca como um evento “ (...) de abertura histórica e teológica, de recepção e aprofundamento do pluralismo, de visualização da comunhão do mistério de Deus presente na história humana”⁵².

Sobre o anúncio do Vaticano II, Yves Congar, em 15 de fevereiro de 1959, retrata sua confiança e esperança no evento conciliar, vendo-o como possibilidade para o trato de questões emergentes do contexto da época. Em seu texto publicado no *Informations catholiques internationales*⁵³, Congar destaca possíveis eixos temáticos, tais como: a revisão de erros

⁵⁰ SOUZA, Ney de. Contexto e desenvolvimento histórico do Concílio Vaticano II. In.: GONÇALVES, Paulo S. L.; BOMBONATTO, Vera Ivanise. (orgs). *Concílio Vaticano II: análise e perspectivas*. São Paulo: Paulinas, 2004, pp. 21-22

⁵¹ ALBERIGO, 1995, p. 35.

⁵² SOUZA; GONÇALVES, 2013, p. 152.

⁵³ Referência ao artigo “*Les conciles dans la vie de l’Église*”, de 15 de fevereiro de 1959, do dominicano Yves Congar, realizada por Giuseppe Alberigo (cf. ALBERIGO, 1995, p. 51).

doutrinários; a evidenciação da vocação espiritual do homem; a posição da Igreja frente à ameaçadas diversionistas no aspecto da paz e à ameaça das armas nucleares e a promoção da união da pastoralidade e doutrina.

Nesse sentido, Congar observa que o Concílio seria uma possibilidade de protagonizar a causa da “unidade, mas também da eclesiologia [...] Uma ocasião que se deveria desfrutar ao máximo, de acelerar a recuperação dos valores ‘episcopado’ e ‘Igreja’ na eclesiologia, e de progredir substancialmente sob o prisma ecumênico”⁵⁴.

Tais intuições de Congar são encontradas nas sessões e nos documentos conciliares. Dos movimentos realizados nas reuniões conciliares às provocações que os textos promovem, as anotações identificam o Vaticano II com a designação de um “novo Pentecostes”⁵⁵. E isso por conta de uma emblemática transição entre épocas que, no propósito de recuperar a identidade da tradição e garantir a fidelidade às noções do Evangelho de Jesus, enfraqueceu a perspectiva de normatização frente à busca de renovação eclesial.

Dessa maneira, o pontificado de João XXIII, em virtude de tudo o que proporcionou de atualização e os meios utilizados, se diferencia pelo “clima mais humano e cristão”⁵⁶, cujo qual acelerou o processo de renovação. Esse atributo é pertinente uma vez que a intenção conciliar não fora administrar e reproduzir condutas anterior frente aos erros, mas de conjecturar as próprias estruturas e identidades.

Nesse regime, João XXIII tem singular responsabilidade por acolher os sinais dos tempos e colaborar de forma peculiar nos trâmites conciliares. Assim, é inevitável não reconhecer esse evento eclesial como:

o Concílio de João XXIII. [Pois] admite-se que a revolução nas atividades e no pensamento da Igreja Católica que esteve ligada à primeira sessão conciliar se deveu quase inteiramente à resolução do Papa e ao seu modo de agir. Quanto aos resultados da primeira sessão do Concílio, foi sem hesitação que João XXIII virou de cabeça para baixo os modos de agir dos partidários da velha guarda. Ele entrou nisso como um mestre⁵⁷.

⁵⁴ ALBERIGO, 1995, p. 51.

⁵⁵ ALBERIGO, 1995, p. 57.

⁵⁶ ALBERIGO, 1995, p. 25.

⁵⁷ RYNNE, Xavier. *La révolution de Jean XXIII – letters from Vatican City*. Bernard Grasset Éditeur: Paris, 1963, p. 210.

Portanto, a inspiração renovadora de Ângelo Roncalli, atestada pelo seu compromisso pessoal na obra do Vaticano II, anima os membros da Assembleia conciliar⁵⁸ - mesmo que em meio a certas tensões – , buscando fidelidade aos princípios conciliares. Nesse caso, vale citar João XXIII: “(...) apresentar ao mundo a Igreja de Deus em seu perene vigor de vida e de verdade e com sua legislação adaptada às circunstâncias presentes”⁵⁹. Como tal aspecto se encontrará evidenciado como desdobramento da vida dos leigos e leigas será tratado posteriormente.

1.2 O laicato no Concílio Vaticano II: do silêncio ao protagonismo

O desenvolvimento do Vaticano II acontece no ambiente de grandes transformações individuais e coletivas. Isso porque a modernidade provocou fenômenos, como a valorização da razão, da subjetividade e do processo histórico que estruturaram uma nova constituição relativamente à vida e o indivíduo. Esses elementos motivaram embates com as determinações religiosas, em decorrência de, por exemplo, questionar a obediência e a submissão às orientações hierárquicas. Nesse sentido, o Concílio precisou corroborar para concretas transformação, do aspecto litúrgico a pastoral, da transparência da fé à autonomia do crente.

A construção da individualidade de vocação laical será essencial para a abertura à modernidade, visto que ressalva sua especificidade na profissão de fé e na maneira de expressa no cotidiano. Nessa perspectiva, o Vaticano II destacará os leigos como porção importante do Povo de Deus com textos que superam uma eclesiologia tradicional – hierárquica, absolutista e espiritualizante.

1.2.1 O laicato na Constituição Apostólica *Lumen Gentium*⁶⁰ (1964)

A confecção deste documento está elencado como um dos momentos de grande debate no decorrer da Assembleia conciliar já que confronta linhas teológica antagônicas: reformistas (das escolas belga e francesa) e conservadores (da escola romana). O primeiro grupo ganhou o debate ao inserir avanços hermenêuticos no texto. Após discussões sobre os esquemas

⁵⁸ ALBERIGO, Giuseppe. *História do Concílio Vaticano II – vol 2: a formação da consciência conciliar – o primeiro período e a primeira intersessão* (outubro de 1962 a setembro de 1963). Petrópolis: Vozes, 1999, p. 334.

⁵⁹ KLOPPENBURG, 1962, p. 16.

⁶⁰ A partir desse momento LG.

perpassarem as três primeiras sessões conciliares em: dezembro de 1962; setembro e outubro de 1963 e setembro de 1964. A aprovação final se deu em 21 de novembro de 1964 pelo novo papa, Paulo VI, “tornando-se o documento central do Vaticano II”⁶¹.

O texto final da LG tem por subdivisões oito capítulos, em que é percorrida a maturação da identidade da Igreja e de seus membros – que formam um povo responsável pela missão da comunidade. Sobre este último ponto, a colocação de Igreja como Povo de Deus apresenta uma das mudanças mais significativas do Concílio⁶², já que destaca o relacionamento harmônico dos membros e responsabiliza a todos, homens e mulheres, no projeto missionário, enfatizando a igual dignidade pela graça batismal. A respeito disso, Almeida, diz:

Povo de Deus, que é expressão histórico-social do mesmo mistério de comunhão filial e fraterna suscitado e sustendo por Deus através da Palavra e dos Sacramentos; comunhão hierárquica, estrutura, de um lado, pelos pastores que sucedem ao grupo dos Doze, e pelos fiéis, leigos e leigas, que juntos, a partir de carismas e ministérios diferentes, respondem pela mesma missão de Cristo em todos os tempos, lugares e modalidades; santa, uma vez que foi indefectivelmente repleta com o dom do Espírito Santo para a glória de Deus; a caminho, na esperança de seu cumprimento na glória dos céus, quando da restauração de todas as coisas, cujo ícone pessoal é Maria, mãe e discípula de Cristo⁶³.

Embora a expressão “Povo de Deus” compreenda em si todos os membros da comunidade eclesial, esse termo diz respeito “(...) particularmente aos leigos, homens e mulheres, em razão da sua condição e da sua missão, em virtude do tempo atual”⁶⁴. A Constituição Dogmática, LG, atribui um artigo exclusivo sobre os leigos, o quarto. Nele, os leigos e leigas são identificados de forma positiva e propositiva⁶⁵, em que, por essa inovação teológica e hermenêutica, corroboram para sinalização desses agentes como indivíduos importantes para o testemunho da fé⁶⁶, com sua presença qualitativa no mundo e na sociedade.

Nesta abordagem conciliar, a porção do Povo de Deus, os leigos, não são identificados como agentes de execução de serviço clerical ou abaixo da hierarquia, todavia, encontram-se também “chamados à santidade”⁶⁷. Portam “(...) comum dignidade dos membros pela

⁶¹ LOPES, Geraldo. *Lumen Gentium: texto e comentário*. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 9.

⁶² LOPES, p. 20.

⁶³ ALMEIDA, A. J. de A. *Lumen Gentium* (pp. 562-573). In: PASSOS, J. D.; SANHEZ, W. L. *Dicionário do Concílio Vaticano II (1962-1965)*. São Paulo: Paulus, 2015, p. 571.

⁶⁴ LG 30.

⁶⁵ LG 30.

⁶⁶ LG 31.

⁶⁷ LG 32.

regeneração em Cristo”⁶⁸ e são encarregados da missão de desenvolver a obra salvífica da Igreja em todo o mundo⁶⁹ pela “(...) vocação e missão específicas, confiadas pelo próprio Cristo, legitimadas pelo batismo”⁷⁰. Em outras palavras, a dignidade não está em ser leigo, mas ser batizado.

Nesse sentido, ao caracterizar a comunidade dos crentes como “Povo de Deus” , se reconhece todos os membros pela diversidade, sem exaltar predileções e soberanias, fortificando a concepção que na Igreja “(...) os fiéis batizados, incorporados a Cristo, membros do povo de Deus, participantes da função sacerdotal, profética e régia de Cristo, que tomam parte no cumprimento da missão de todo o povo cristão, na Igreja e no mundo”⁷¹. Há aqui a expectativa de iluminar uma eclesiologia de comunhão que abra espaço para a pluralidade de rostos, modos, vocações que confluam em uma mesma missão e na participação do sacerdócio comum⁷². Acerca disso, Silva afirma que essa nova formulação de “Povo de Deus” ofereceu ao laicato:

Tornar-se sujeito protagonista da igreja, afirmando a dignidade comum dos membros batizados do povo de Deus. A LG, consequentemente, assinala de forma decisiva a teologia do laicato, dando-lhe uma moldura peculiar e uma estrutura eclesiológica integral. Essa teologia situa-se na perspectiva missionária da igreja. Ao apresentar a igreja como povo de Deus, criou-se espaço para situar o leigo no seu interior. O leigo passou a ser visto como aquele que participa ativamente em toda a obra e missão da igreja⁷³.

Ao elucidar a questão dos leigos, o Concílio os identifica como sujeitos, em conformidade com sua missão e contribuições próprias que cooperam para a edificação da caridade⁷⁴, por intermédio de seus serviços e carismas. Além disso, os reconhece como “membros vivos”⁷⁵, corresponsáveis pela missão da Igreja, tornando sua presença ativa e constante em locais e circunstâncias em que exigem ser sal da terra⁷⁶.

⁶⁸ LG 32.

⁶⁹ LG 30.

⁷⁰ KUZMA, Cesar. Leigos (pp. 527-533). In: PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L. *Dicionário do Concílio Vaticano II (1962-1965)*. São Paulo: Paulus, 2015, p. 527.

⁷¹ LG 31.

⁷² LG 10.

⁷³ SILVA, Maria Freire da. O laicato nos documentos do Concílio Vaticano II. *Revista Estudos Teológicos*, v. 52, n. 1, jan/jun, 2021, p. 64. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/260>. Acesso em: 10 fev. 2021.

⁷⁴ LG 30.

⁷⁵ LG 33.

⁷⁶ LG 33.

Os leigos, homens e mulheres, são reconhecidos na LG como indivíduos que não pertencem às ordens sagradas, como clérigos, e não são religiosos pertencentes à institutos de vida consagrada⁷⁷. Estes são entendidos como cristãos batizados, membros do povo de Deus, cumpridores da missão na Igreja e no mundo⁷⁸. Ao frisar o caráter secular, a LG caracteriza os leigos pelo viver no mundo em meio as profissões, trabalhos, família e ambiente social; indicando que nesses mesmos meios são chamados por Deus como leigos, a viver segundo o Espírito do Evangelho, tornando a Igreja presente e ativa nos lugares, sendo sal da terra por seu apostolado e atividades ordinárias.

Outro aspecto a destacar no texto conciliar, é o tratado no número 34 da LG. Neste parágrafo consta a explanação do sacerdócio de Jesus Cristo continuado no testemunho e no serviço dos leigos, por e na dinamicidade Espírito Santo que, ungindo esses fiéis, consagra suas “(...) obras, orações, iniciativas apostólicas, vida conjugal e familiar, trabalho, descanso espiritual e corporal, na paciência e vivência dos dramas”⁷⁹. Consagrados, estes – os leigos - consagram o mundo a Deus⁸⁰.

Comentando sobre esse trecho citado anteriormente – “E deste modo, os leigos, agindo em toda a parte santamente, como adoradores, consagram a Deus o próprio mundo”⁸¹ - o teólogo dominicano Chenu relata uma tendência interpretativa que corrobora no determinismo do leigo como agente delegado pela Igreja. Como alternativa, é sugerido pelo teólogo uma necessidade de correção linguística e interpretativa, pois o leigo não é um intermediário, mas a própria Igreja no meio do mundo profano. Assim diz,

O papel dos leigos na construção da Igreja, na “presença” da Igreja no mundo, a expressão encontra sua força original [...] a ideia de presença da Igreja supõe o empenho por adquirir o dom de interpretar os acontecimentos históricos do mundo de hoje, na convicção da presença ativa da obra redentora de Deus. Aí está o grande tema dos “sinais dos tempos. Portanto, quando os cristãos quiserem ser o sentido divino ou evangélico dos acontecimentos, não deverão fazer uma abstração inconsciente da realidade terrestre deles e espiritualizá-los. (Antes), nos acontecimentos mesmo, está a sua plena e própria densidade como sinais que são”⁸².

⁷⁷ LG 31.

⁷⁸ LG 31.

⁷⁹ LG 34.

⁸⁰ LG 34.

⁸¹ LG 34.

⁸² CHENU, 1965, pp. 1001-1011.

Neste trabalho do dominicano, se encontra a abordagem da consagração, não como tarefa de sacralização – entendida como clericalizante e teocrática –, mas como referência válida e benéfica quando exercida na dinâmica da ação de encarnação dos homens pela recapitulação em Cristo⁸³. Para Chenu, não se deve desejar sacralizar o mundo ou suas camadas sociais para o santificar, pois a santidade não segrega. De modo contrário, ela age individual e coletivamente⁸⁴.

Tal aspecto é o que vemos na construção da teologia chenusiana que, afinada com as questões do dia a dia, se confronta com as dimensões da fé, resultando no contemporâneo como *locus teológico*. Sobre isso, é possível citar como exemplo o aspecto do trabalho, que para Chenu se torna um “sinal dos tempos”, já que expressa valor objetivo e não subjetivo. É justamente no lugar de trabalho que o leigo contribui de forma ímpar para a construção do mundo e do destino histórico da humanidade, não sendo um mero instrumento de perfeição a ser moralizado mediante piedosas intenções, mas ambiente de construção de sentido.

Ao comentar essa análise de Chenu, o teólogo moralista Moser enfatiza a determinação ética de compromisso do cristão com a mundanidade. Fato este inegociável para a autenticidade religiosa e engajamento social. Assim fala:

O cristão, se quiser saldar seu compromisso com o mundo, não pode ficar indiferente à opressão existente na sociedade e sobretudo no mundo do trabalho. Seu compromisso com o mundo não o leva tão somente à construção deste, nem só a uma reforma constante no seio da Igreja, mas também a um empenho pela libertação do homem⁸⁵.

Portanto, aproximando-se das impressões conciliares delineadas na LG acerca dos leigos, pode-se concluir que, mesmo não fazendo parte da hierarquia institucionalizada, a porção laical do Povo de Deus não está desprovida de dignidade, vocação e santidade. De modo igual, os leigos se incorporam no sacerdócio de Cristo pelas competências que lhe são próprias e pessoais, inclusive em sua localização nas realidades temporais. Assim, a sua índole secular oferece também cooperação na “dilatação e crescimento do Reino de Cristo no mundo”⁸⁶.

⁸³ CHENU, 1965, p. 1013.

⁸⁴ CHENU, 1965, p. 1014.

⁸⁵ MOSER, 1974, p. 41.

⁸⁶ LOPES, 2011, p. 110.

1.2.2 O laicato no Decreto *Apostolicam Actuositatem*⁸⁷ (1965)

Ao dar sequência às implicações conciliares acerca dos leigos, o Vaticano II desenvolve um documento com especificidade no apostolado leigo. O texto conciliar, AA, semelhante ao desenvolvimento da LG, obteve adversidades na aprovação do texto final, passando pelas quatro sessões iniciais e sendo aprovada somente em 18 de novembro de 1965. Neste, a abordagem a respeito da identidade laical, com seus desdobramentos eclesiais e sociais, visa: ampliar a compreensão dessa vocação para o apostolado⁸⁸ – a partir da condição batismal pela qual o insere no corpo eclesial e o constitui membro do povo de Deus⁸⁹ –, intensificar a importância do apostolado leigo na Igreja e no mundo⁹⁰, além de regimentar as maneiras associativas que esses cristãos podem vincular-se⁹¹.

Em cinco capítulos, a AA oferece configurações específicas acerca dos leigos, estabelecendo certa continuidade com as intuições da Constituição sobre a Igreja, LG, como também na esteira da Constituição Pastoral *Gaudium est Spes*⁹², quanto a observação dos impulsos modernos⁹³.

A estruturação do decreto tem seis capítulos com subdivisões em 33 artigos, perpassando por: capítulo I, vocação dos leigos ao apostolado – identificando sua participação e fundamentos dessa apostolado como fruto da fé e expressividade da espiritualidade laical; capítulo II, finalidades do apostolado leigo – pautando na urgência de uma evangelização e animação cristã em harmonia com as realidades temporais; capítulo III, os diversos campos de apostolado – apresentando as atuação laical na paróquia, comunidades, família e meio social; capítulo IV, as várias formas de apostolado – caracteriza o testemunho de vida e apostolicidade individual em meios associativos, por exemplo; capítulo V, organização do apostolado leigo – em relação com a hierarquia, ambientes cristãos ou não; capítulo VI, a formação para o apostolado – configurando a necessidade de crescimento espiritual e doutrinário integral e contínuo.

⁸⁷ A partir desse momento AA.

⁸⁸ AA 2.

⁸⁹ AA 2-3.

⁹⁰ AA 5.

⁹¹ AA 15.

⁹² A partir desse momento GS.

⁹³ AA 19.

Na disposição de evidenciar a vocação laical, a AA identifica o apostolado como qualquer atividade voltado para o anúncio do Reino de Deus⁹⁴, no anúncio da proposta do Evangelho ao mundo. Dessa maneira, o referido decreto aprofunda as convicções conciliares, apresentando à Igreja e à sociedade o exercício do cristão leigo⁹⁵, cujo estilo de vida se autentica-se pelo tripé: vocação, missionariedade e social. Analisando o escrito conciliar, Cesar Kuzma, ainda afirma que:

O decreto exorta os leigos de maneira esperançosa, afirmando que o seu trabalho é algo absolutamente necessária e importante para a missão da Igreja, tem caráter único e insubstituível, portanto, nunca pode faltar [...] Reconhece-se, assim, a resposta de um chamado divino, por isso apostolado, que se insere no plano eclesial como um todo e oferecem ao mundo um testemunho inequívoco de Cristo e de seu Reino⁹⁶.

Nesse sentido, esse impulso sobre os ministérios dos leigos e sua responsabilidade na sociedade são características primordiais para o desenvolvimento de uma teologia do laicato, proporcionando a superação de estereótipos negativos e limitadores. Essa nova condição faz resplandecer nele seu valor como “(...) membro do povo de Deus, batizado, ativo e responsável pela construção do tecido social”⁹⁷, fazendo iluminar sua identidade eclesial para consagrar sua condição como cristão e cristã, primordialmente pelo batismo, seguido pela diversidade das funções, ministeriais e carismas.

Essa questão de suplantar certas ideias escusas estabelecidas relativas aos leigos – tais como as definições de que seriam agentes meramente passivos e executores de tarefas delegadas pelo clero⁹⁸ – faz parte de uma necessária conversão de mentalidade sobre a identidade da própria Igreja e seus membros⁹⁹, como também da estruturação de novas formas evangelizadoras e administrativas eclesiais. Esses são fatos que o documento não avança com profundidade e novas propostas.

Quando na AA se desenvolve os pormenores dos campos apostólicos do laicato, no capítulo III, ao tratar sobre a comunidade cristã, a linguagem exercida é ainda a de desnivelar

⁹⁴ AA 2.

⁹⁵ KUZMA, Cesar. *Apostolicam Actuositatem* (pp. 26-30). In: PASSOS, J. D.; SANCHES, W. L. *Dicionário do Concílio Vaticano II (1962-1965)*. São Paulo: Paulus, 2015, p. 29.

⁹⁶ KUZMA, 2015, pp. 28-30.

⁹⁷ GUESSER, Murilo. Da *Apostolicam Actuositatem* aos ministérios leigos – conferência de Maria Clara Bingemer auditório do ITESC, 03/09/2012. *Revista Encontros Teológicos*, n. 64, ano 28, n.1, 2013, p. 67. Disponível em: < <https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/viewFile/165/156>>. Acesso em: 15 fev. 2021.

⁹⁸ BRIGHENTI, Agenor. *O laicato na Igreja e no mundo: um gigante adormecido e domesticado*. São Paulo: Paulinas, 2019, p. 102.

⁹⁹ AA 18.

os membros do corpo da Igreja-comunidade. Esse fato é notável pela condição dos leigos deverem cultivar o espírito dos “(...) homens e mulheres que auxiliavam São Paulo na evangelização e habituar-se a colaborar com os padres na paróquia”¹⁰⁰. Ou seja, pertencer sem protagonismo e ainda permanecer na condição de guiáveis. Na contramão desse cenário, Brighenti, elucida possíveis caminhos para despertar laical no ambiente comunitário. Ele diz:

O Laicato não pode continuar sendo um executor de tarefas delegadas pelo clero. A iniciativa de criação de serviços autônomos por parte do laicato é legítima pelo Vaticano II. Entretanto, os leigos só serão sujeitos à medida que houver na comunidade eclesial corresponsabilidade entre todos, fruto do discernimento e da tomada de decisões entre todos. O laicato precisa ser sujeito também pelo exercício de ministérios, como o ministério da coordenação de serviços de pastoral e mesmo da coordenação de comunidades eclesiais, sempre com o cuidado da inclusão das mulheres. As tarefas administrativas e burocráticas são campos de ação mais próprias para o laicato, pois, além de muitos deles terem formação para isso, podem também contribuir para a liberação dos ministros ordenados ao pastoreio mais direto junto ao povo, em especial dedicando-se à formação dos agentes de pastoral¹⁰¹.

Outro aspecto é a tônica utilizada para configurar a presença do cristão leigo no mundo. Para a AA, os leigos “introduzem o espírito do Evangelho nas realidades temporais”¹⁰², realizando esta missão da Igreja no mundo que fundamenta a santificação do mundo através do “próprio testemunho da vida cristã e as obras, feitas com espírito sobrenatural”¹⁰³. Tais concepções tem a finalidade de obedecer a exortação conciliar, que é defender dos princípios cristãos aos problemas do tempo, segundo a mente da Igreja¹⁰⁴.

Por essa razão, diante do caminho percorrido até este momento, vê-se mais um recuo no diálogo com a secularidade. Se o leigo está no mundo para mudá-lo pelo ato de “expurgar” o que não corresponde a sua fé e estrutura normativa, essa presença se torna autorreferencial e não se vê cidadãos conscientes e cristãos que anunciam o Reino de Deus.

Desse modo, é elemento específico e funcional a relação harmoniosa com a temporalidade e suas características próprias (pluralidade, contextos e benefícios), que, segundo Kloppenburg, de dentro da sociedade – como fermento – contribuem para a santificação do mundo, pois é ação típica do leigo procurar o Reino de Deus exercendo funções temporais e

¹⁰⁰ AA 10.

¹⁰¹ BRIGHENTI, 2019, p. 102-103.

¹⁰² AA 5.

¹⁰³ AA 6.

¹⁰⁴ AA 6.

ordenando-as segundo Deus. Assim, manifestam Cristo aos outros, especialmente pelo testemunho de sua vida resplandecente em fé, esperança e caridade¹⁰⁵.

Por fim, algo para ser iluminado e começar a refletir é o cenário dos leigos e as associações. O artigo conciliar argumenta que, “os leigos têm o direito de fundar associações, governá-las e dar-lhes um nome”¹⁰⁶. A pergunta que surge é: o protagonismo laical é fundar comunidades, exercer governança e “batizá-las”? Diante das disposições conciliares, em especial na LG, é o avanço necessário? No aspecto eclesial, sim, é um progresso, pois interrompe a supremacia de agentes religiosos (clérigos e celibatários) no carisma fundante. A preocupação que sobressai é, contudo, se essas associações realmente implicam na autonomia laical que o Vaticano II deseja, principalmente com espiritualidade laical¹⁰⁷, índole secular¹⁰⁸ e espírito do seu tempo¹⁰⁹.

Com ascensões e certos regressos, o decreto conciliar, AA, protagoniza o leigo como agente importante para a eclesialidade e sinal autêntico do Reino de Deus em meio ao mundo. Oferecido esse segundo tratamento, direcionado aos leigos, se indica que o tema é válido e um dos conceitos chave para a renovação institucional pois ilumina e provoca instancias institucionais, tanto na linguagem como na postura pastoral.

1.2.3 O laicato na Constituição Pastoral *Gaudium et spes* (1965)

A promulgação dessa Constituição Pastoral, a GS, foi de fato o último ato conciliar antes do encerramento do Vaticano II, dado em 08 de dezembro de 1965. Sendo o derradeiro – dos dezesseis existentes –, o documento pastoral é aprovado na data de 07 de dezembro de 1965, dia do término das sessões conciliares, após um longo período de emendas e sugestões. Para o perito conciliar Baraúna, a GS é de forma indiscutível o documento que marca e carrega a identidade conciliar, sendo que “(...) sem ela faltaria uma peça essencial nesse complexo e vasto conjunto. Sem a *Gaudium et Spes* o Concílio de João XXIII teria permanecido gravemente incompleto”¹¹⁰.

¹⁰⁵ KLOPPENBURG, Boaventura. *A eclesiologia do Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 1971, pp. 241-242.

¹⁰⁶ AA 19.

¹⁰⁷ AA 4.

¹⁰⁸ AA 29.

¹⁰⁹ AA 7.

¹¹⁰ BARAÚNA, Guilherme. *A Igreja no mundo de hoje*. Petrópolis: Vozes, 1967, p. 7.

Juntamente com a LG, esse texto conciliar da GS contribuiu para a renovação da identidade eclesial e concepção de Igreja na contemporaneidade, reafirmando a necessidade do diálogo fraterno entre os homens, com as comunidades e sociedade humana¹¹¹. Tendo essa condição como, segundo Gonçalves, alegria da Igreja por estar no mundo, promovendo a reunião de todo o gênero humano e comunidade de todos os povos à serviço do Reino de Deus, inseridos na história e promovendo a unidade¹¹².

Sobre esse estímulo ao diálogo com o temporal, a Igreja se interpela a não estagnar na condição de dominar a sociedade e complexar a autonomia dos sujeitos modernos, mas assumir para si as “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje”¹¹³, através do real conhecimento das características do presente. De acordo com Lopes, a GS reafirma os húmus da nova eclesiologia do Vaticano II, na perspectiva do sacerdote comum dos fiéis, da universalidade do único Povo de Deus e da missionária da Igreja e a relação dos leigos com a hierarquia¹¹⁴.

Ainda sobre o contato com a modernidade, o texto conciliar converge para o destaque e a interpretação dos “sinais dos tempos”, de quem deseja se situar diante das condições do presente. Consonantemente a isso, Lima aponta que a Igreja se projetou para se ocupar com o mundo no horizonte do estabelecimento de conexões ao invés da condenação e distanciamento. Com isso, se superaria as resistências institucionalizadas pelo Magistério em vigor que identificava no mundo aspectos pessimistas. Assim, diz sobre a GS:

Não se trata de uma condenação do mundo moderno, mas de uma visão objetiva e global do nosso tempo; não se trata de uma divisão do mundo em zonas hostis entre si, mas de um esforço de superação das antíteses; não se trata de uma proclamação de anátemas, mas de uma convocação universal de homens e nações, com seus respectivos direitos e deveres; não se trata de uma defesa do *status quo* social nem de uma simples volta ao passado, mas de uma projeção para o futuro; não se trata de uma confusão ou aliança da Igreja com qualquer cultura ou regime político e econômico, mas da afirmação de sua independência e supereminência a todos, pela primazia do espírito; não se trata de uma apologética da Igreja ou de uma reivindicação de privilégios, mas de uma prestação de serviços à humanidade toda¹¹⁵.

¹¹¹ GS 23.

¹¹² GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes. *Gaudium et spes* (pp. 395- 400). In: PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L. *Dicionário do Concílio Vaticano II (1962-1965)*. São Paulo: Paulus, 2015, p. 395.

¹¹³ GS 1.

¹¹⁴ LOPES, 2011, p. 16.

¹¹⁵ LIMA, Alceu Amoroso. Visão panorâmica sobre a constituição Pastoral “*Gaudium et Spes*”. In: BARAÚNA, G. *A Igreja no mundo de hoje*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1967, p. 154.

Nesta condição de diálogo com o contemporâneo direcionada a todo o Povo de Deus, para que, “(...) manifestem sua eloquente solidariedade, respeito e amor para com a inteira família humana, com os problemas diversos, apontando a luz do Evangelho e pondo à disposição do gênero humano as energias salvadoras da Igreja, guiada pelo Espírito Santo”¹¹⁶, a GS protagoniza o leigo.

À vista disso, a GS, especificamente no n. 43, apresenta o leigo como protagonista dessa atividade secular, no qual age como cidadão do mundo imbuído das convicções da fé e de acordo com a consciência – devidamente formada -, a fim de contribuir, a partir dos princípios evangélicos, para o bem comum. Em primeiro lugar, denomina que a atividade secular compete como sendo próprias aos leigos, mesmo que não de forma exclusiva¹¹⁷, visto que o cidadão do mundo, com suas rotinas e exigências, possa corresponder às demandas da sociedade com a “força espiritual dos sacerdotes”¹¹⁸.

Em seguida, o texto conciliar destaca que o leigo deve tomar parte ativa da vida da Igreja, não devendo contentar em impregnar com os valores e o espírito cristão, mas pertencer ao seio da comunidade integralmente¹¹⁹, reconhecendo a realidade social, suas evoluções, a cultura humana e suas manifestações. Gonçalves pressupõe que essa missão no mundo contemporâneo tem a finalidade de apresentar a relação entre Igreja-mundo assinalada pela recíproca colaboração, dizendo que:

Esta Igreja se situa no mundo, compreendendo-o em seu momento de secularização em que a religião está descentralizada. Sua postura, entretanto, é de diálogo para cumprir sua missão de “salvar a pessoa humana, de edificar a sociedade humana”. Ao assumir o diálogo, a Igreja deve escutar o mundo, compreender os seus problemas, as suas dádivas e os seus caminhos de esperança¹²⁰.

A GS apoia-se na LG uma vez que, depois das abordagens acerca da concepção da Igreja, identidade e características, considera avançar na realidade *ad extra* da instituição e suas normativas, na forma de indicar a sua atuação no mundo e convivência. Assim, conforme indica Gonçalves, na medida em que se delineia suas características como Igreja e mistério de comunhão, se concebe sua relação com o mundo contemporâneo¹²¹. Sendo que, a partir de cada

¹¹⁶ GS 3.

¹¹⁷ GS 43.

¹¹⁸ GS 43.

¹¹⁹ GS 43.

¹²⁰ GONÇALVES, 2015, p. 397.

¹²¹ GONÇALVES, 2015, p. 395.

membro, comunica a vida iluminando o mundo, contribuindo para o restabelecimento dos laços sociais e a dignidade humana, assinalando a proclamação dos direitos humanos como baliza orientativa.

Neste sentido, o Concílio busca exortar os cristãos leigos para o cumprimento dos seus deveres de ordem temporal, segundo a própria vocação e exigências sem a prerrogativa da possibilidade – e tendência – de divórcio entre a fé professada e o cotidiano. E isso em razão de que, confabulando tais idealizações, se pode convergir para erros graves e anomalia religiosa. A respeito disso, a GS destaca o perigo de separar fé e vida.

Não se oponham, pois, infundadamente, as atividades profissionais e sociais, por um lado, e a vida religiosa, por outro. O cristão que descuida os seus deveres temporais, falta aos seus deveres para com o próximo e até para com o próprio Deus, e põe em risco a sua salvação eterna. A exemplo de Cristo que exerceu um mister de operário, alegrem-se antes os cristãos por poderem exercer todas as atividades terrenas, unindo numa síntese vital todos os seus esforços humanos, domésticos, profissionais, científicos ou técnicos com os valores religiosos, sob cuja elevada ordenação, tudo se coordena para glória de Deus¹²².

Dessa forma, aplicando a lei divina às realidades temporais através do leigo, segundo Chenu, esse papel de testemunha e construtor do mundo importa na conformidade dessas duas funções e não na contraposição, já que a recapitulação em Cristo, equivale a um “cristianismo social”, significando uma teologia da presença e da aplicação de princípios abstratos em dimensões históricas¹²³. Similarmente, Küng compreende o batismo como início do estilo comportamental do cristão que entende e compromete sua responsabilidade social como condição de fé e ética no mundo, não excluindo da vivência do Evangelho esses conceitos primordiais¹²⁴.

Portanto, na GS há o reconhecimento da benignidade do mundo favorável à estrutura da instituição e do amadurecimento dos seus membros. Ultrapassa-se o cenário de temor perante a contemporaneidade e suas interrogações sobre a religião, para aspirar interlocuções benéficas para ambos. Nesse aspecto, o leigo é detectado como instrumento promissor nesta atividade. Sendo cristão secular, todavia, habitando o mundo com todas as suas implicações, não seria essa a identidade que o desfavorece no ambiente religioso? Em vista daqueles (clérigos e

¹²² GS 43.

¹²³ CHENU, Marie.-Dominique. A missão da igreja no mundo de hoje. In: BARAÚNA, Guilherme. *A Igreja no mundo de hoje*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1967, pp. 348-349.

¹²⁴ KÜNG, Hans. *A Igreja tem salvação?* São Paulo: Paulus, 2012, pp. 225-226.

celibatários) serem entendidos como indivíduos menos mundanos e mais espiritualizados, se tem por resultado que o cristão mais “mundano” não seria conveniente em certos postos eclesiais.

1.3 Os leigos no magistério pontifício pós-conciliar

Nesta presente seção, será desenvolvida a aproximação aos ensinamentos dos papas: Paulo VI, João Paulo II, Bento XVI e Francisco, no período de recepção das evidências trabalhadas e defendidas pelo Vaticano II. Logo, se buscará indícios de possíveis avanços e práticas aconselhadas pelo Concílio, como apontar e refletir possíveis recuos na atualização do diálogo com o mundo contemporâneo e o protagonismo da vocação laical.

1.3.1 Papa Paulo VI

No primeiro pontificado pós Vaticano II, o papado do cardeal eleito Giovanni Battista Montini teve como período de exercício 15 anos (1963-1978), lhe cabendo iniciar a desafiante recepção das reverberações conciliares no diálogo com a sociedade e na renovação eclesial. Segundo Gonçalves, esse pontificado foi um marco para as tentativas iniciais de abertura à modernidade¹²⁵, mas não negou as tendências retrógradas que potencializaram, outra vez, a autoridade da Igreja em certas questões, por exemplo, a publicação da Carta Encíclica *Humanae Vitae*, de 1968, sobre moral e sexualidade.

Apesar disso, Paulo VI encaminha eventuais tentativas de impulsionar as palavras-chave do Concílio – diálogo e *aggiornamento* – adiante. No decorrer das Reuniões Conciliares, em 1964, o então papa publica sua primeira Carta Encíclica: *Ecclesiam Suam*¹²⁶, sobre os caminhos da Igreja¹²⁷. Destaca-se no texto o empenho do Concílio e o não desejo de interferir, mas contribuir no aprofundamento sobre si e no relacionamento com o mundo¹²⁸.

¹²⁵ GONÇALVES, Paulo Sérgio. Paulo VI (pp. 729-733). In: PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L. *Dicionário do Concílio Vaticano II (1962-1965)*. São Paulo: Paulus, 2015, p. 731.

¹²⁶ A partir desse momento ES.

¹²⁷ PAPA PAULO VI. *Carta Encíclica Ecclesiam Suam sobre os caminhos da Igreja*. Disponível em: < https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_06081964_ecclesiam.html >. Acesso em: 20 fev. 2021.

¹²⁸ ES 2.

Sendo uma Carta Encíclica sobre a Igreja nos caminhos a percorrer, o texto trata de aspectos *intra* institucionais e a secularidade com seus desafios. Nota-se que sobre os leigos há somente uma referência no n. 67, em que os identifica como “estimados leigos militantes” no exercício de diálogo da Igreja com o mundo, mas sendo ofício posterior aos, de modo especial, sacerdotes e religiosos.

Já no período pós-conciliar, ocorrem significativos eventos sobre o laicato que iluminam perspectivas acerca desse sujeito eclesial e abarcam novos horizontes e hermenêuticas, tais como a fundação do Conselho dos Leigos, “que surgiu a partir das decisões conciliares e da atuação do laicato na Igreja”¹²⁹, e a partir do *Motu Proprio Catholicam Christi Ecclesiam*, de 06 de janeiro 1967¹³⁰, que indica o processo contínuo de renovação das estruturais eclesiais, em decorrência de sua vivificação e fortalecimento das relações com o mundo.

Dessa maneira, se reforça a posição particular dos leigos como membros do Povo de Deus e, o seu modo exercer a missão de salvação pertencendo de forma particular ao seio da comunidade. Corresponde também às interpelações conciliares, especificamente aquelas encontradas no decreto AA, promover pelo Conselho de Leigos a internacionalização do apostolado dos leigos, promoção do congresso para o apostolado leigo e estudos sobre a área e formação aos leigos.

O segundo avanço foi o III Congresso Mundial para o Apostolado dos Leigos, entre os dias 11 e 18 de outubro de 1967, que contou com a participação de pessoas provenientes de 107 países, com 64 organizações católicas internacionais, somando 3.000 participantes¹³¹, tendo uma atmosfera de universalidade, segundo Scopinho.

Já em 1971, durante a Audiência Geral de 11 de agosto, Paulo VI enfatiza a pertença do leigo ao Povo de Deus como membro do Corpo Místico de Cristo. Ao identifica-lo como membro ativo e operante – conforme vislumbra o Vaticano II –, ele não avança completamente

¹²⁹ SCOPINHO, Sávio Carlos Desan. O laicato nos pontificados de Paulo VI e João Paulo II. Revista Pistis & Prax. Curitiba, v. 5, n. 2, p. 493-528, jul./dez. 2013, p. 497. Disponível em: < <https://periodicos.pucpr.br/index.php/pistispraxis/article/view/12935> >. Acesso em: 25 fev. 2021.

¹³⁰ PAPA PAULO VI. *Lettera Apostolica Motu Proprio Catholicam Christi Ecclesiam*. Disponível em: < https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/motu_proprio/documents/hf_p-vi_motu-proprio_19670106_catholicam-christi-ecclesiam.html >. Acesso em: 20 fev. 2021.

A partir desse momento CE.

¹³¹ SCOPINHO, 2013, p. 498.

porque retrocede linguisticamente quando aponta como aspecto negativo para a fisionomia eclesial do leigo o não ser ordenado sacramentalmente¹³².

Posteriormente, durante o ano de 1974, é realizado o Sínodo dos Bispos sobre a evangelização. O documento final dessa assembleia sinodal é publicado no ano seguinte, em 1975, nomeado de Exortação Apostólica *Evangelli Nuntiandi*¹³³, sobre a evangelização no mundo contemporâneo. No decorrer do texto, é demonstrada a preocupação e prováveis caminhos para o desenvolvimento dessa ação evangelizadora em tempos novos¹³⁴, o que leva em consideração as condições da sociedade e a exigência de novos métodos e meios¹³⁵.

Para o fim de atingir ao homem contemporâneo e seu contexto, a EN destaca a importância do testemunho laical no mundo¹³⁶, como obreiros da evangelização. Tal gesto e condição coloca em evidência a vocação específica do laicato para atuar de forma singular na missão. Deste modo, a EN indica que quanto mais o leigo conhecer o Evangelho de Jesus, mais haverão atitudes responsáveis nos contextos que estiver, até porque se comprometerá em promover essa consciência cristã¹³⁷.

Esta contribuição laical é indicada no texto como específica e singular, sendo seu campo particular de atuação, de evangelização, o vasto e complexo mundo do exercício político, do cenário social e da economia. Também o da cultura, das ciências e das artes, da vida internacional, dos "mass media" e, ainda, da família, a educação das crianças e dos adolescentes, o trabalho profissional e o sofrimento”¹³⁸.

É possível observar que o pontificado de Paulo VI é marcado pela primeira tentativa de recepcionar as orientações conciliares, a fim de não permitir que aquilo que o Concílio provocou ficasse abandonado no caminho. Assim, em meios aos desafios do seu tempo,

¹³² Um aspecto negativo limita a fisionomia eclesial do leigo, porque ele não recebe a ordenação sacramental, que faz do cristão, isto é, do leigo, um ministro detentor de um poder particular, diaconal ou sacerdotal, e também porque não pertence, oficialmente, ao estado religioso. O leigo não é um padre, o leigo não é um religioso. Isto foi suficiente para que o termo «leigo» viesse a assumir, na linguagem comum, o significado de profano (recordemos o verso de Horácio: « odi profanum vulgus et arceo ») e até de secular e, depois, de a-religioso, ou, pior ainda, como se diz hoje, de laicista, e muitas vezes, de antirreligioso e anticlerical. Cf. PAPA PAULO VI. *Audiência Geral, quarta-feira, 11 de Agosto de 1971*. Disponível em: < https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/audiences/1971/documents/hf_p-vi_aud_19710811.html>. Acesso em: 10 mar. 2021.

¹³³ PAULO VI. *Exortação Apostólica Evangelli Nuntiandi* sobre a evangelização no mundo contemporâneo. Disponível em: < https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangeli-nuntiandi.html>. Acesso em: 20 fev. 2021.

A partir desse momento EN.

¹³⁴ EN 2.

¹³⁵ EN 3.

¹³⁶ EN 41.

¹³⁷ EN 70.

¹³⁸ EN 70.

identificou as marcas conciliares e avançou na percepção da presença atuante dos leigos na evangelização.

1.3.2 Papa João Paulo II

Em um dos mais longos pontificados da história, de 1978 a 2005, a Igreja Católica se encontrou sob o pastoreio de João Paulo II. O cardeal polonês Karol Wojtyła (1920-2005), recém-eleito, destacará durante uma radiomensagem, em 17 de outubro de 1978¹³⁹, os tons que seu pontificado tomaria pelas diretrizes de: indicar a importância do Vaticano II e sua execução, a observância do Magistério e das normas litúrgicas – excluindo inovações injustificadas – e a promoção da disciplina, aspectos que indicam esse pontificado como controverso¹⁴⁰.

No ano seguinte, 1979, o papa João Paulo II utiliza pela primeira vez o conceito de “Nova Evangelização”¹⁴¹, durante a abertura da XIX Assembleia do CELAM. Acerca disso, segundo Hackmann e Camargo, o papa anuncia uma nova Igreja pautada no anúncio na Boa Nova, com novo “ardor, métodos e em expressão”¹⁴² que compromete a todo o Povo de Deus (ministros ordenados e leigos) na obra evangelizadora. No entanto, ao segundo grupo, é detalhado o papel de colaborar eficaz na missão.

Por ocasião do vigésimo aniversário da conclusão do Vaticano II, fora convocado um novo Sínodo Extraordinário dos Bispos, para deliberação sobre a compreensão da Igreja. Segundo Libanio, essa assembleia sinodal possibilitou a modificação do real sentido de Povo de Deus desejado pelo Vaticano II¹⁴³. E isso porque “Povo de Deus”, no magistério de João Paulo II, dá lugar à concepção de Igreja comunhão pela releitura da LG¹⁴⁴ tendo, a partir dessa

¹³⁹ PAPA JOÃO PAULO II. *Radiomensagem, URBI ET ORBI, terça-feira, 17 de outubro de 1978*. Disponível em: < https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1978/documents/hf_jp-ii_spe_19781017_primo-radiomessaggio.html >. Acesso em: 05 mar. 2021.

¹⁴⁰ PIKAZA, Xabier. *João Paulo II. Balanço de um pontificado*. Disponível em: < <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/599365-joao-paulo-ii-balanco-de-um-pontificado-artigo-de-xabier-pikaza> >. Acesso em: 05 mar. 2021.

¹⁴¹ PAPA JOÃO PAULO II. *Discurso do papa João Paulo II na abertura da XIX Assembleia do CELAM*. Catedral de Porto Príncipe, Haiti, quarta-feira, 09 de março de 1983. Disponível em: < https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1983/march/documents/hf_jp-ii_spe_19830309_assemblea-celam.html >. Acesso em: 05 mar. 2021.

¹⁴² HACKMANNAM, Geraldo L. B.; CAMARGO, Tiago Ávila. A expressão “nova evangelização” e seu desenvolvimento do pontificado de João XXIII a Francisco. *Revista Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 54, p. 623-643, set./dez.2016, p. 627. Disponível em: < <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=especifico&nrSeq=27768@1> >. Acesso: 5 mar. 2021.

¹⁴³ LIBANIO, João Batista. João Paulo II (pp. 496-498). In: PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L. *Dicionário do Concílio Vaticano II (1962-1965)*. São Paulo: Paulus, 2015, p. 497.

¹⁴⁴ PAPA JOÃO PAULO II. *Única conclusão da Assembleia Extraordinária do Sínodo dos Bispos – homilia do Santo Padre João Paulo II, solenidade a Imaculada Conceição, domingo, 08 de dezembro de 1985*. Disponível

nova abordagem, a oposição entre a concepção de Povo de Deus, Igreja Mistério à hierarquia¹⁴⁵. O discurso de João Paulo II ganha outra conotação, que será falta para o emprego e compreensão das interpelações conciliares.

Permanecendo no desenvolvimento do teólogo Libanio, no transcorrer do sínodo extraordinário se desejou proporcionar uma espécie de avaliação pós-conciliar, o que buscou “(...) reviver o espírito de comunhão eclesial do Concílio Vaticano II, intercambiar experiências sobre como o Concílio foi vivido e deve ser vivido, e finalmente, como atualizar o Concílio à luz das novas necessidades”¹⁴⁶. No entanto, se instituiu uma nova compreensão acerca da Igreja, a mencionando como comunhão, como já dito, a fim de afastar a delimitação de ‘povo de Deus’, pois nessa nova perspectiva o sacerdote se torna pedra fundamental e o responsável em favorecer a comunhão entre os diferentes, proporcionando um retrocesso eclesial.

A realização da VII Assembleia Geral Ordinária, de 1º a 30 de outubro de 1987, cujo tema foi “A vocação e a missão do leigo na Igreja e do mundo”, resultou na publicação da Exortação Apostólica pós-sinodal *Christifideles Laici*¹⁴⁷ no ano de 1988, sobre a vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo. O convite desse documento consiste no amadurecimento do caminho conciliar para apontar e reafirmar “(...) o dom e a responsabilidade que todos os fiéis leigos, e cada um deles em particular, têm na comunhão e na missão da Igreja”¹⁴⁸.

Para Scopinho, a preocupação que direciona o papa João Paulo II nesse sínodo era em caráter pastoral laical, fundamentando-se nas questões teológica e doutrinal, como dar andamento ao Catecismo da Igreja Universal e aproximação mais direta dos leigos. Desse modo, a participação dos leigos ocorreu em várias etapas e de distintas formas, desde a contribuição dos Pontifício Conselho para os Leigos, dos Departamentos laicos das Conferências Episcopais até dioceses e paróquias. Segundo Scopinho,

em: < https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/es/homilies/1985/documents/hf_jp-ii_hom_19851208_conclusionesinodo.html >. Acesso em: 06 mar. 2021.

¹⁴⁵ LIBANIO, João Batista. Segunda Assembleia Geral Extraordinária do Sínodo dos Bispos. *Revista Perspectiva Teológica*, vol. 18, n. 44, 1986, p. 79. Disponível: < <http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/1830> >. Acesso em: 07 mar. 2021.

¹⁴⁶ LIBANIO, 1986, p. 77.

¹⁴⁷ PAPA JOÃO PAULO II. *Exortação Apostólica pós-sinodal Christifideles Laici sobre a vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo*. Disponível em < https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_30121988_christifideles-laici.html >. Acesso em: 10 mar. 2021. A partir desse momento CL.

¹⁴⁸ CL 2.

No que diz respeito à participação e intervenção dos leigos no sínodo, elas aconteceram em três momentos: na Prima Auditio Laicorum, do dia 3 de outubro, quando se ouviu o testemunho dos participantes da Consulta Mundial de Rocca di Papa, ocorrida entre os dias 21 e 25 de maio de 1987; na Secunda Auditio Laicorum, do dia 7, na qual se refletiu sobre a presença dos leigos no mundo; e na Tertia Auditio Laicorum, de 13 de outubro, quando se apresentou uma reflexão sobre a vida associativa e os movimentos. Assim, a partir do sínodo e da apresentação das proposições, o papa elaborou a Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christifideles Laici*¹⁴⁹.

No desenvolvimento da Exortação CL, o leigo é mencionado como aquele que é chamado a acolher com responsabilidade sua participação na comunhão eclesial¹⁵⁰, com ativa colaboração na vida da Igreja-comunidade, sendo inerente a sua função à ação salvífica desenvolvida por intermédio da Igreja. Neste sentido, “(...) os fiéis leigos, juntamente com os sacerdotes, os religiosos e as religiosas, formam o único Povo de Deus e Corpo de Cristo”¹⁵¹, participantes pelo batismo, no múnus sacerdotal, profético e real de Cristo, exercendo assim a parte que lhes cabe na Igreja e no mundo¹⁵².

Sobre essa presença secular, o documento indica que o fiel leigo no mundo encontra meio e ambiente para a vivência da vocação cristã, destinando a dar glória a Deus Pai em Cristo. Dessa maneira,

O estar e o agir no mundo são para os fiéis leigos uma realidade, não só antropológica e sociológica, mas também e especificamente teológica e eclesial, pois, é na sua situação intramundana que Deus manifesta o Seu plano e comunica a especial vocação de procurar o Reino de Deus tratando das realidades temporais e ordenando-as segundo Deus. A índole secular do fiel leigo não deve, pois, definir-se apenas em sentido sociológico, mas sobretudo em sentido teológico. A característica secular é vista à luz do ato criador e redentor de Deus, que confiou o mundo aos homens e às mulheres, para tomarem parte na obra da criação, libertarem a mesma criação da influência do pecado e santificarem a si mesmos no matrimônio ou na vida celibatária, na família, no emprego e nas várias atividades sociais¹⁵³.

A identidade do leigo emerge de seu protagonismo em construir a Igreja como comunidade de fé, oração e caridade fraterna e em sua presença no mundo como campo específico de ação. O seu chamado imprescindível é o de evangelizar e transformar as realidades em que está inserido sem se eximir. Assim, sendo consciente de seu batismo, deve

¹⁴⁹ SCOPINHO, 2013, pp. 514-515.

¹⁵⁰ CL 21

¹⁵¹ CL 28.

¹⁵² CL 9.

¹⁵³ CL 16.

conduzir a uma nova evangelização que, por sua vez, conduza à promoção humana e responda, por fim, às necessidades da vida social.

À vista disso, é possível apontar para possíveis distanciamentos do carisma inicial do Vaticano II, já que a eclesiologia desenvolvida no pontificado nesse período, em certo sentido, emudece o protagonismo laical quando centraliza o serviço ministerial e a realidade hierárquica da ordenação. Esta fundamentação sublinhará os aspectos pastorais, doutrinários e evangelizadores do período contemporâneo na formação de cristãos durante o pontificado de Wojtyła.

1.3.3 Papa Bento XVI

Foram sete anos de pontificado do cardeal Joseph Aloisius Ratzinger (1927 -) durante o período de abril de 2005 a fevereiro de 2013. Quando da recente eleição, Bento XVI, em sua primeira mensagem, afirmou o seu compromisso em prosseguir atuando nas pegadas do Vaticano II com fidelidade à tradição da Igreja¹⁵⁴. Mas, alguns meses depois, em 22 de dezembro de 2005, o então papa volta a enfatizar o aspecto problemático da abertura ao mundo na prerrogativa da relação entre fé e razão, afirmando que:

Não podia ser intenção do Concílio abolir esta contradição do Evangelho em relação aos perigos e aos erros do homem. Era, porém, realmente a sua intenção deixar de lado contradições errôneas ou supérfluas, para apresentar a este nosso mundo a exigência do Evangelho em toda a sua grandeza e pureza. O passo dado pelo Concílio em direção à era moderna, que de modo tão impreciso foi apresentado como "abertura ao mundo" pertence definitivamente ao perene problema da relação entre fé e razão, que se apresenta sempre de novas formas. A situação que o Concílio devia enfrentar é comparável aos acontecimentos das épocas precedentes¹⁵⁵.

¹⁵⁴ PAPA BENTO XVI. *Primeira mensagem de sua santidade Bento XVI no final da concelebração eucarística com os cardeais eleitores na Capela Sistina, quarta-feira, 20 de abril de 2005*. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/pont-messages/2005/documents/hf_ben-xvi_mes_20050420_missa-pro-ecclesia.html>. Acesso em: 15 mar. 2021.

¹⁵⁵ PAPA BENTO XVI. *Discurso do papa Bento XVI aos cardeais, arcebispos e prelados na curia romana na apresentação dos votos de Natal, quinta-feira, 22 de dezembro de 2005*. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2005/december/documents/hf_ben_xvi_spe_20051222_roman-curia.html>. Acesso em: 12 mar. 2021.

Por consequência, a leitura acerca do leigo coincide ao do pontificado anterior. Na Exortação apostólica pós-sinodal *Sacramentum Caritatis* sobre a Eucaristia¹⁵⁶, apresenta o ministério litúrgico desempenhado por religiosos e leigos dependente do sacramento da Ordem¹⁵⁷. Além disso, afirma que, quando na ausência de um ministro ordenado, o serviço do leigo não deve jamais ofuscar o ministério insubstituível do sacerdote¹⁵⁸, sendo necessária a espera e a oração para o envio de sacerdotes quando existir a privação destes.

Em contrapartida, na Carta Encíclica *Deus Caritas Est*, sobre o amor cristão¹⁵⁹, Bento XVI destaca a benéfica e essencial presença do leigo na sociedade: pelo dever de trabalhar pela ordem justa do ambiente comum; assumir uma vida pública e não se eximir dos aspectos sociais, econômicos e legislativos que circundam a organização social. Assim, alega:

É missão dos fiéis leigos configurar retamente a vida social, respeitando a sua legítima autonomia e cooperando, segundo a respectiva competência e sob própria responsabilidade, com os outros cidadãos. Embora as manifestações específicas da caridade eclesial nunca possam confundir-se com a atividade do Estado, no entanto a verdade é que a caridade deve animar a existência inteira dos fiéis leigos e, conseqüentemente, também a sua atividade política vivida como caridade social¹⁶⁰.

Nessa mesma direção, se encontram afirmações sobre o papel do leigo no aspecto social na Exortação Apostólica pós-sinodal, *Verbum Domini*, sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja¹⁶¹. Nela, é sugerido como competência do fiel leigo, a partir de uma sólida e madura formação evangélica, a intervenção direta na ação social e política pela guisa da

¹⁵⁶ PAPA BENTO XVI. *Exortação Apostólica pós-sinodal Sacramentum Caritatis sobre a Eucaristia fonte e ápice da vida e da missão da Igreja*. Disponível em: < https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20070222_sacramentum-caritatis.html >. Acesso em: 15 mar. 2021.

A partir desse momento SC.

¹⁵⁷ SC 53.

¹⁵⁸ SC 75.

¹⁵⁹ PAPA BENTO XVI. *Carta Encíclica Deus Caritas Est sobre o amor cristão*. Disponível em <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est.html>. Acesso em: 25 mar. 2021.

A partir desse momento DCe.

¹⁶⁰ DCe 29.

¹⁶¹ PAPA BENTO XVI. *Exortação Apostólica pós-sinodal Verbum Domini sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja*. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20100930_verbum-domini.html>. Acesso em: 10 out. 2021.

A partir desse momento VD.

doutrina social da Igreja¹⁶² e, pela força dessa mesma Palavra, se aplica a particularidade da missão do leigo à santidade nas realidades temporais e atividades terrenas¹⁶³.

O Sínodo concentrou muitas vezes a sua atenção nos fieis leigos, agradecendo-lhes o generoso empenho com que difundem o Evangelho nos vários âmbitos da vida diária: no trabalho, na escola, na família e na educação. Tal obrigação, que deriva do batismo, deve poder desenrolar-se através de uma vida cristã cada vez mais consciente e capaz de dar “razão da esperança” que vive em nós¹⁶⁴.

Com isso, dada a aproximação ao magistério de Bento XVI, é possível perceber a continuidade das elucidações do pontificado que o antecedeu, fortificando uma estrutura de Igreja mais fechada na hierarquia e desconstruindo a autonomia laical. Por outro lado, as afirmações acerca da missão laical no aspecto secular aconteceram, identificando esse agente religioso importante para a promoção dos valores cristãos na sociedade.

1.3.4 Papa Francisco

Jorge Mario Bergoglio (1936 -) teve o início de seu pontificado na data de 13 de março de 2013. Identificado como o primeiro pontífice herdeiro das aspirações do Concílio Vaticano II, por toda a sua formação religiosa e intelectual na Companhia de Jesus, manifesta o retorno dos “(...) traços particulares na sintonia com o espírito e a letra conciliares, permitindo resgatar o carisma conciliar”¹⁶⁵.

Francisco se torna um líder carismático afinado com as inspirações de João XXIII, reverberando também o tom renovador de estruturas institucionais, além de promover o retorno da eclesiologia do povo de Deus e o aspecto missionário da Igreja, o que, segundo Passos, corrobora no fundamento de interação entre Igreja e mundo¹⁶⁶.

No atual pontificado, há uma tendência mais receptiva aos ensinamentos conciliares, pois, “no evento Francisco se desenvolve o evento Vaticano II”¹⁶⁷, ou seja, se promovem os

¹⁶² VD 100.

¹⁶³ VD 84.

¹⁶⁴ VD 84.

¹⁶⁵ PASSOS, João Décio. Francisco (pp. 390-394). In: PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L. *Dicionário do Concílio Vaticano II (1962-1965)*. São Paulo: Paulus, 2015, p. 390.

¹⁶⁶ PASSOS, 2015, p. 393.

¹⁶⁷ LEBRA, Andrea. *Papa Francisco e o Vaticano II: uma nova fase de recepção*. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/576506-papa-francisco-e-o-vaticano-ii-uma-nova-fase-de-recepcao>>. Acesso em: 10 mai. 2021.

conceitos e idealizações do Vaticano II. Conforme Andrea Lebra, essa configuração se dá em uma transição de épocas, de posturas e estilos eclesiais, mesmo com limitações e avanços tímidos na conversão eclesial e institucional.

Para Souza, o processo de transformação iniciado pelo Vaticano II está em curso e em implementação, uma vez que a atuação do Papa Francisco foi um sonho de João XXIII¹⁶⁸ no que diz respeito de uma Igreja mais próximo aos vulneráveis, evangelicamente atuante e com linguagem compreensível às pessoas.

Sobre a teologia laical desenvolvida no atual pontificado, há o reconhecimento de sua atuação como as limitações da própria Igreja quanto à legitimação da missão do leigo. Nesse sentido, Francisco alerta na Exortação apostólica *Evangelii Gaudium*¹⁶⁹ (2013) a tendência de restringir o leigo às necessidades da comunidade eclesial, reduzindo sua importância na dimensão prática da fé no contexto social, político e econômico na sociedade. Assim, diz:

Apesar de se notar uma maior participação de muitos nos ministérios laicais, este compromisso não se reflete na penetração dos valores cristãos no mundo social, político e econômico; limita-se muitas vezes às tarefas no seio da Igreja, sem um empenhamento real pela aplicação do Evangelho na transformação da sociedade. A formação dos leigos e a evangelização das categorias profissionais e intelectuais constituem um importante desafio pastoral¹⁷⁰.

Essa ausência de compromisso no âmbito cultural e sociopolítico é o esquivar-se dos problemas reais dos indivíduos e das condições comunidade. O caminho proposto pela Exortação Apostólica pós-sinodal *Amoris Laetitia*¹⁷¹ para esse desafio é a promoção do incentivo da formação profissional do leigo. Dessa forma, atuando os leigos como “(...) psicopedagogos, médicos de família, médicos de comunidade, assistentes sociais, advogados de menores e família, predispondo-os para receber as contribuições da psicologia, sociologia,

¹⁶⁸ SOUZA, Ney. A igreja herdada pelo papa Francisco, um estudo histórico. *Revista de Cultura Teológica*, ano XXIV, nº88, jul/dez, 2016, p. 187. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/rct.i88.30930/21422>>. Acesso em: 10 mai. 2021.

¹⁶⁹ A partir desse momento EG.

¹⁷⁰ PAPA FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium sobre o anúncio do Evangelho*, nº 102. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html>. Acesso em: 16 mai. 2021.

A partir desse momento EG.

¹⁷¹ A partir desse momento AL.

sexologia e até aconselhamento”¹⁷², tenham melhores recursos no exercício pastoral e na presença em sociedade.

Outro fator importante exposto por Francisco se refere à indicação dos leigos como potenciais colaboradores no exercício do acompanhamento pessoal¹⁷³. Semelhantes aos sacerdotes e religiosos, podem eles se colocar frente a frente com o outro para, com respeito e compaixão, acompanhar e caminhar no processo de amadurecimento da vida cristã. Também, se exorta, na EG, pelo aparecimento de homens e mulheres dóceis ao Espírito¹⁷⁴, para que possam exercer a escuta ativa e a proximidade, a fim de proporcionar autêntico acompanhamento espiritual à serviço da missão evangelizadora.

A exortação de uma Igreja em saída atinge diretamente o laicato, pois demonstra que o leigo precisa ser atento à sua realidade local e agir na promoção da paz, afastando-se de estruturas que engessamento e paralisia pastoral. Nesse sentido, afirma que a resposta vocacional do laicato precisa ultrapassar barreiras institucionais, para assumir urgentemente seu lugar identitário e não enfraquecer diante do clericalismo. Segundo Castro, a vocação laical, quando exercida com verdadeiro protagonismo, enaltece sua real dignidade, afirmando:

Leigos e leigas ‘em saída’ são aqueles que propõem uma vida pautada no Evangelho e desejam sair da realidade em que vivem, atentos às realidades do próximo. Para que isso ocorra, é necessário se fazer a reforma, para que se chegue a algo concreto, não somente na teoria, mas também de forma prática¹⁷⁵.

Francisco, frente a tendência clericalista – que, segundo ele, é uma “perversão da Igreja difícil de eliminar”¹⁷⁶ – propõe como remédio a perspectiva de uma Igreja ministerial, em que é destacada a importância do papel da mulher. Nesse contexto, se reconhece a identidade feminina, sua presença e serviço na evangelização. Ainda se reconhece na EG sua “(...) indispensável contribuição na sociedade e responsabilidade pastorais com os presbíteros, no acompanhamento das pessoas, de famílias e grupos, enriquecendo a reflexão teológica”¹⁷⁷.

¹⁷² PAPA FRANCISCO. *Exortação Apostólica pós-sinodal Amoris Laetitia sobre o amor na família*, nº 204. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia.html>. Acesso em: 16 mai. 2021.

¹⁷³ EG 169.

¹⁷⁴ EG 171.

¹⁷⁵ CASTRO, Robson Ribeiro de Oliveira. Leigos e leigas como sujeitos eclesiais: um laicato consciente para uma ‘igreja em saída’. *Revista Encontros Teológicos* | Florianópolis | V.33 | N.1 | Jan.-Abr. 2018, p. 134. Disponível em: <<https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/view/830/559>>. Acesso em: 18 mai. 2021.

¹⁷⁶ ERPEN, Jackson. *Papa: clericalismo é uma perversão da Igreja*. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2018-08/papa-francisco-igreja-clericalismo-jovens-sinodo.html>>. Acesso em: 18 mai. 2021.

¹⁷⁷ EG 103.

Já na Exortação apostólica pós-sinodal *Querida Amazônia*¹⁷⁸, o papa enfatiza a coragem das mulheres fortes nessa região que “chamadas e impelidas pelo Espírito de Deus”¹⁷⁹, batizam, ensinam e animam comunidades. Nesse sentido, partindo da concepção de que o Espírito sopra onde e quando quer, muitas das implicações conciliares podem ser vistas como “transgressões do Espírito”¹⁸⁰. Com isso, se pode entender o movimentar na história e suas implicações como o alargar de horizontes – e isso para não reduzir a compreensão da Igreja como conjunto de meras estruturas funcionais.

1.4 A tradição teológica e pastoral sobre os leigos e leigas na América Latina

Nessa seção, será possível vislumbrar tanto a riqueza e o entusiasmo com que a Igreja latino-americana recepcionou as intuições conciliares, como aos avanços próprios sobre laicato. São notórios a dignidade e o valor dados a vocação de ser leigo e leiga na instituição religiosa, no decorrer das conferências episcopais mas, também, o destaque a importância de sua presença nas estruturas sociais e políticas, a favorecer a justiça e a paz, a fraternidade e a diversidade.

1.4.1 II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Medellín (1968)

Nesses primeiros anos após o término do Vaticano II, há de se destacar a segunda Conferência Geral do Episcopado Latino-americano de Medellín, em 1968¹⁸¹, que atesta a tentativa de leitura do contexto latino-americano à luz do Concílio. Nesta assembleia, o aspecto laical é empregado, identificando esse sujeito eclesial com rosto latino-americano, comprometido com o desafio de libertar e humanizar seu contexto. Tendo esse agente católico o “compromisso com o mundo, entendido como quadro de solidariedade humana, como trama dos acontecimentos e fatos significativos, em uma palavra, como história”¹⁸².

¹⁷⁸ A partir desse momento QA.

¹⁷⁹ PAPA FRANCISCO. *Exortação Apostólica pós-sinodal Querida Amazônia ao povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade*, nº 99. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20200202_querida-amazonia.html. Acesso em: 18 mai. 2021.

¹⁸⁰ BRIGHENTI, 2019, p. 38.

¹⁸¹ CELAM. Documento da Conferência de Medellín. In.: Conselho Episcopal Latino-Americano. *Documentos do CELAM: conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, Medellín, Puebla e Santo Domingo*. São Paulo: Paulus, 2005. A partir desse momento MD.

¹⁸² MD 1.1 - 2.3.

O documento dedica um capítulo aos leigos, em que os reconhece como sujeitos importantes para o processo de transformação do continente, diante de situações emergentes como a pobreza, a marginalização e o neocolonialismo¹⁸³. Identifica-os como leigos latino-americanos aspirantes à libertação, ao desenvolvimento e à justiça social¹⁸⁴, aspectos estes que implicarão no seu testemunho. Acerca disso:

o que tipifica o papel do leigo é seu compromisso com o mundo, entendido como quadro de solidariedade humana, como trama dos acontecimentos e fatos significativos, em uma palavra, como história. Pois bem, comprometer-se é ratificar com ações a solidariedade em que todo homem se encontra imerso, assumindo tarefas de promoção humana na linha de um determinado projeto social¹⁸⁵.

Dentro desta perspectiva, Kuzma comenta sobre tal compromisso de transformação frente à pobreza, às estruturas neocolonialistas e questões políticas do continente, avançando nas perspectivas do Vaticano II, indicando que:

a forma que deve ser a ação dos leigos na sociedade e em qual perspectiva podem oferecer as razões de sua esperança [...] De acordo com a proposta de Medellín, faz-se necessário libertar a sociedade de todas as amarras que impedem um avanço e desenvolvimento social, na intenção de incluir a todos, e isso deve ser realizado de forma humanizadora, tendo por base a *Gaudium et Spes* que diz que toda a ação eclesial/social deve ter o humano como referência. O documento também nos oferece um suporte de interpretação da realidade, já que a estrutura que é denunciada, sobretudo pela pobreza, acusa-nos a nossa falta social e impede todo o desenvolvimento humano. Diante deste quadro, a Igreja e, de modo bem particular, os leigos, tendo o Reino de Deus por referência, não pode estar alheia a isso, mas deve engajar-se para transformar, para mudar, para oferecer algo diferente, portanto, libertador e humanizador¹⁸⁶.

Medellín destaca a autonomia e a responsabilidade que o leigo goza¹⁸⁷, no que tange seu compromisso com a temporalidade, aspecto este que não declina em dignidade, mas “dá transparência e densidade eclesial”¹⁸⁸, pois seu testemunho promove o acontecer da Igreja no mundo, na tarefa humana e histórica¹⁸⁹. Tais registros acerca do laicato são uma marca da

¹⁸³ MD 1.2a.

¹⁸⁴ MD 1.2b.

¹⁸⁵ MD 2.3.

¹⁸⁶ KUZMA, Cesar. Os leigos em Medellín: memórias e nossas perspectivas. *Revista Horizonte*, Belo Horizonte, v. 16, n. 50, p. 632-647, maio/ago. 2018, p. 640. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2018v16n50p632>>. Acesso em: 1º mar. 2021.

¹⁸⁷ MD 2.3.

¹⁸⁸ MD 2.5.

¹⁸⁹ MD 2.6.

eclesiologia de Medellín, uma vez que, para tal, todos os fiéis, incluindo os leigos, são protagonistas com a missão da Igreja¹⁹⁰.

Ainda sobre a eclesialidade de Medellín e os leigos, França Miranda indica a corresponsabilidade exigida para o florescer de uma vida comunitária saudável e frutífera. O teólogo afirma que, mesmo que o texto não fale diretamente do papel do leigo na estrutura interna da Igreja – como também se percebe nos documentos conciliares do Vaticano II –, tais eventos o protagonizam na ação, em uma pastoral de conjunto, evitando assim a formação de comunidades fechadas¹⁹¹.

Os movimentos de apostolado dos leigos, situados no plano de uma mais estreita colaboração com a hierarquia e que tanto contribuíram para a ação da Igreja, continuam tendo vigência como apostolado organizado. Há de ser, portanto, promovidos, ainda que se deva evitar “ir para além do limite de vida útil de associações e métodos antiquados”¹⁹².

Tal afirmação significa que o projeto laical, para ser devidamente autêntico, necessita de permanente criatividade e adaptação aos contextos que estão em contínua transformação. Além disso, no cenário Latino- americano, a partir do projeto de Medellín, é requerido aos leigos uma presença com: densidade eclesial, a partir do momento que sua atuação “acontece no mundo na tarefa humana e na história”¹⁹³; uma espiritualidade própria, baseada na experiência com o mundo¹⁹⁴ e atenção vigilante às exigências sociais¹⁹⁵.

1.4.2 III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Puebla de Los Angeles (1979)

A conferência de Puebla¹⁹⁶ aconteceu entre os dias 27 de janeiro e 13 de fevereiro de 1979, buscando reafirmar a opção pelos pobres, pelos jovens, a atividade evangelizadora, o respeito pelas culturas e pela religiosidade popular, entre outros aspectos. Sobre o leigo, o

¹⁹⁰ MD 11.

¹⁹¹ MIRANDA, Maria de França. A teologia de Medellín. In: SOUZA; SBARDELOTTI. (org.). *Medellín: memória, profetismo e esperança na América Latina*. Editora Vozes: Petrópolis, 2018, p. 51.

¹⁹² MD 3.4.

¹⁹³ MD 2.6.

¹⁹⁴ MD 3.5a.

¹⁹⁵ MD 3.5b.

¹⁹⁶ CELAM. Documento da Conferência de Puebla. In.: Conselho Episcopal Latino-Americano. Documentos do CELAM: conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, Medellín, Puebla e Santo Domingo. São Paulo: Paulus, 2005.

A partir desse momento PL.

documento segue a linha da reafirmação de sua dignidade, quando evidência seu protagonismo e a necessidade de sua presença no processo pedagógico da fé e da evangelização¹⁹⁷.

O documento elucida um subcapítulo “leigos”, na seção II, nomeado “Agentes de comunhão e participação”. Neste, o laicato é entendido através dos avanços contextuais do período, como “(...) o processo de industrialização, urbanização e transformação da cultura, das diferentes socioeconômicas e o fenômeno da marginalização¹⁹⁸. Tais desafios mencionados formam os aspectos que aguardam a “instauração do Reino de Deus”¹⁹⁹, os quais exigem especial atenção dos leigos e leigas, pois:

o leigo (a) deverá buscar e promover o bem comum na defesa da dignidade do homem e dos seus inalienáveis direitos, na proteção dos mais fracos e dos necessitados, na construção da paz, da liberdade e da justiça, na criação de estruturas mais justas e fraternas²⁰⁰.

A partir de sua atividade ativa, é destacado pelo documento o direito do leigo à uma íntegra e sólida formação humana, doutrinal, social e apostólica²⁰¹. Afirma-se que, “(...) os leigos têm direito a receber, primordialmente, em seus próprios movimentos e associações, mas também em instituições adequadas e no contato com os seus pastores”²⁰².

Logo, o leigo, em Puebla, é sujeito eclesial com dignidade e pertence ao Povo de Deus que é a Igreja, e nesse espírito de pertença se torna vocacionado à missão evangelizadora²⁰³, sendo esta dignidade, instituída pela responsabilidade específica própria no âmbito de comunicação da fé.

Nessa circunstância, essa “nova consciência leiga”²⁰⁴, se dá pela participação ativa nos campos político-social e através da adequada inserção na estrutura eclesial²⁰⁵, na comunicação íntima com os irmãos leigos com os pastores – seus irmãos²⁰⁶ - no testemunho de vida e na instauração do Reino no mundo²⁰⁷. Sendo múltiplo seu campo de atuação, Puebla orienta:

¹⁹⁷ PL 777.

¹⁹⁸ PL 778.

¹⁹⁹ PL 779.

²⁰⁰ PL 792.

²⁰¹ PL 794.

²⁰² PL 794.

²⁰³ FIORE, André Gustavo Di. Os leigos em Puebla e a evangelização na América Latina. In.: SOUZA; SBARDELOTTI (orgs). *Puebla: Igreja na América Latina e no Caribe. Opção pelos pobres, libertação e resistência*. Editora Vozes: Petrópolis, 2019, p. 352.

²⁰⁴ FIORE, 2019, p. 358.

²⁰⁵ PL 782.

²⁰⁶ PL 788.

²⁰⁷ PL 789.

o leigo não fuja às realidades temporais para buscar a Deus, e sim persevere, presente e ativo, no meio delas e ali encontre o Senhor; a luz da fé, descubra nesta realidade a presença do Senhor; em meio à sua missão, não raro geradora de conflitos e cheia de tensões para sua fé, busque renovar sua identidade cristã no contato com a palavra de Deus, na intimidade com o Senhor pela eucaristia, nos sacramentos e na oração²⁰⁸.

Puebla, assim, indica uma espiritualidade laical capaz de transformação da Igreja e do mundo²⁰⁹, concreta, evangélica, comprometida com o tempo, exercendo a justiça e a paz, pelo “discernimento e pela crítica”²¹⁰, exortando à diversidade ministerial, como uma presença organizada dos leigos na estrutura religiosa, supondo uma real integração e coordenação dos movimentos e serviços.

1.4.3 IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Santo Domingo (1992)

A quarta conferência episcopal de Santo Domingo²¹¹ aconteceu durante os dias 12 e 28 de outubro de 1992, cuja temática versou sobre a nova evangelização, promoção humana e cultura cristã. Ao frisar os aspectos da evangelização, se constata que a mensagem evangélica continua sendo a mesma, no entanto, sendo de fundamental relevância uma inovação na “atitude, estilo, esforço e programação”²¹². Em novos tempos, com avanços sociais e diversas hermenêuticas, a mensagem cristã carece de:

novos métodos de apostolado, que seja expressa numa linguagem e forma acessíveis ao homem latino-americano, necessitado de Cristo e sedento do Evangelho [...] a nova evangelização há de ser dar assim resposta integral, ágil, que fortaleça a fé católica, nas suas verdades fundamentais, nas suas dimensões individuais, familiares e sociais²¹³.

Tendo o anúncio cristão a exigência de corroborar para o desenvolvimento integral do homem, se pede também a renovação e conversão espiritual, comunitária e estrutural da

²⁰⁸ PL 797-798.

²⁰⁹ PL 799.

²¹⁰ PL 799.

²¹¹ CELAM. Documento da Conferência de Santo Domingo. In.: Conselho Episcopal Latino-Americano. *Documentos do CELAM: conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, Medellín, Puebla e Santo Domingo*. São Paulo: Paulus, 2005.

A partir desse momento SD.

²¹² SD 10.

²¹³ SD 10b.11c.

instituição. Em outras palavras, se apela para o crescimento em dinamicidade e diversidade²¹⁴, sendo indispensável para a formação e integração de todos os membros como na qualificação e participação dos leigos²¹⁵, a fim de encarnar o Evangelho nas situações específicas onde vivem e atuam.

O desenvolvimento do aspecto laical se dá na explicitação de que o Povo de Deus é formado, majoritariamente, por leigos²¹⁶, e que estes são chamados a serem agentes e destinatários da Boa Nova, exercendo no mundo sua tarefa evangelizadora. Também o comprometimento dessa porção do Povo de Deus retrata uma nova consciência de responsabilidade tanto no mundo quanto na missão, tornando “os pobres a evangelizar os pobres”²¹⁷.

Segundo o documento, há a ausência do clero no acompanhamento dos leigos, permitindo a fixação da inocência sobre a sua própria vocação, favorecendo, possivelmente, a persistente mentalidade clerical no ambiente pastoral, nos agentes, no próprio clero e, inclusive, nos leigos²¹⁸. Assim, com essa mentalidade *intra* eclesial sendo fomentada, se emudece a resposta eficaz por parte dos leigos frente aos desafios atuais no contexto social. O próprio documento diz que:

todos os leigos sejam protagonistas da Nova Evangelização, da promoção humana e da cultura cristã. É necessário a constante promoção do laicato, livre de todo clericalismo e sem redução ao *intra*-eclesial. Que os batizados não evangelizados sejam os principais destinatários da Nova Evangelização. Esta só será efetivamente levada a cabo se os leigos, conscientes de seu batismo, responderem ao chamando de Cristo a que se convertam em protagonistas da Nova Evangelização. No marco da comunhão eclesial, urge esforço de favorecer a busca de Santidade dos leigos e o exercício de sua missão²¹⁹.

Essa corresponsabilidade no agir da Igreja, não significa reduzir o leigo ao âmbito eclesial interno²²⁰, mas impulsionar sua presença nos ambientes socioculturais para serem agentes da “transformação da sociedade à luz do Evangelho e da Doutrina Social da Igreja”²²¹, conduzindo e estruturando a promoção humana. O ato de evangelizar, em SD, é um distanciar-

²¹⁴ SD 55.

²¹⁵ SD 60.

²¹⁶ SD 94

²¹⁷ SD 95.

²¹⁸ SD 96c.

²¹⁹ SD 97.

²²⁰ SD 98.

²²¹ SD 98.

se da abstração na evangelização e condicionar os problemas sociais e econômicos à ordem teológica, associando-a diretamente com a implantação do Reino de Deus.

Deste modo, o laicato nessa projeção tem importante relevância. No projeto de SD, o leigo é protagonista e chamado a ser livre de todo clericalismo e de reducionismo *intra* eclesial²²². Portanto, a consciência batismal indica a efetiva resposta aos desafios da sociedade, bem como o exercício de sua missão na comunhão eclesial.

Acerca disso, o cardeal Lorscheider reflete sobre SD ao indicar que a Nova Evangelização dá-se na esteira do espírito conciliar – o “*aggiornamento*” –, pois a presença na sociedade acontece pela encarnação na realidade, no diálogo, na comunhão, na corresponsabilidade e na fortificação – conversão – de uma Igreja autêntica na pobreza, na missionariedade e no carisma pascal. Assim diz,

Os protagonistas da Nova Evangelização devem ser – com novo ardor missionário – todos os que formam o Povo de Deus: Bispos, Padres, Religiosos, Leigos. E para serem bons evangelizadores, todos eles necessitam de uma sã consciência social (importância do conhecimento da DSI), de um sentido evangélico crítico face à realidade, de um profundo sentido de justiça, solidariedade, de pobreza evangélica, do amor evangélico, sem ódio nem rejeição de qualquer setor social²²³.

Dessa maneira, as concepções de SD elegem o leigo como aquele importante agente na condução da Nova Evangelização, pela apresentação de novos métodos e linguagem. No que tange a essa aplicação de novos meios evangelizadores, o documento enfatiza o carácter social da mensagem evangélica, bem como no estilo de vida e nas escolhas éticas.

1.4.4 V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe em Aparecida (2007)

Na V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe em Aparecida²²⁴, realizada de 13 a 31 de maio de 2007 com o lema: “Discípulos e Missionários de

²²² SD 97.

²²³ LORSCHIEDER, Aloísio. A IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Santo Domingo-República Dominicana. In: *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 53, n. 209, 1993, p. 24.

²²⁴ DOCUMENTO DE APARECIDA. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. 13-31 de maio de 2007. 7ª edição. São Paulo: Paulinas, Paulus; Brasília: Edições CNBB, 2008. A partir desse momento DAp.

Jesus Cristo, para que nele nossos povos tenham vida”, há o emprego da realidade laical diante dos desafios modernos da sociedade, na configuração do aprofundamento das questões sociais e na confluência de uma teologia e vivência contextualizada.

As circunstâncias citadas são destinadas ao leigo e leiga em missão no campo temporal. O leigo é configurado como meio de santidade e concretização de justiça social, objetivando a necessidade de sucumbir as barreiras eclesiais, recordando a esses sujeitos eclesiais que eles são também “(...) Igreja, assembleia convocada por Cristo para levar seu testemunho ao mundo inteiro [...] e batizados devem tomar consciência de que foram configurados com Cristo Sacerdote, Profeta e Pastor, através do sacerdócio comum do Povo de Deus”²²⁵.

O documento trabalha a questão laical no capítulo V, “A comunhão dos discípulos e missionários na Igreja”, elucidando primeiramente o chamamento realizado por Jesus à comunhão (Mc 3,14)²²⁶ que se sustenta sob a comunhão da Trindade se desdobrando no aspecto de Povo de Deus²²⁷. Nesse sentido, a Igreja é convocada à comunhão – e por isso que é discípula²²⁸ - onde reconhece em sua diversidade de carismas, ministérios e serviços, sua vitalidade.

Ao frisar os leigos e leigas, Aparecida os identifica como “(...) cristãos que formam o povo de Deus e participam da ação de Cristo sacerdote, profeta e rei”²²⁹, os quais, segundo sua identidade, realizam e dão testemunho nas esferas temporais e eclesiais. Sendo assim, “homens da Igreja no coração do mundo, e homens do mundo no coração da Igreja”²³⁰, em outras palavras, aprofunda essa dimensão, indicando os espaços *ad intra* e *ad extra* de sua atuação.

No mundo, contribuindo para a transformações das realidades e criação de estruturas justas segundo os critérios do Evangelho: o mundo vasto e complexo da política, da realidade social e da economia, como também da cultura, das ciências e das artes, da vida internacional, dos ‘mass media’, a família, a educação das crianças e adolescentes, o trabalho profissional e o sofrimento. Já na ação pastoral da Igreja, primeiro o testemunho de vida, segundo as ações no campo da evangelização, da vida litúrgica [...] confiando-lhes ministérios e responsabilidades. Aos catequistas, ministros da Palavra e animadores de comunidade como magníficas tarefas dentro da Igreja²³¹.

²²⁵ DAp 264.

²²⁶ DAp 154.

²²⁷ DAp 155.

²²⁸ DAp 156.

²²⁹ DAp 209.

²³⁰ DAp 209.

²³¹ DAp 210.

Acerca desta “mundanidade”²³², como característica imprescindível da vida laical, afirma o teólogo Kuzma:

Isso nos leva a refletir seguramente sobre o caráter insubstituível de sua missão e sua representatividade eclesial, o que atingirá o universo político, econômico e social. Leigos e leigas, uma vez inseridos no contexto da missão, passam a ser testemunho valioso e indispensável para responder aos anseios humanos. A importância em se valorizar a missão de leigos e leigas desta maneira e, obter uma nova concepção dos ministérios, diz respeito ao caráter insubstituível da sua missão (cf. AA 1). Leigos e leigas passam a ser sinal e testemunho de Cristo em lugares onde a Igreja não alcança e não atinge. É como o fermento na massa. Nessa real situação em que estamos vivendo a Igreja não pode mais sobreviver por si mesma e nem se fechar no interior de seus prédios. Ao contrário, ela precisa atingir o mundo e ao mesmo tempo ser atingida por ele²³³.

Dessa forma, a conferência episcopal em Aparecida referendou as inspirações conciliares, pois não retrocedeu acerca dos leigos no aspecto eclesial e secular. As elucidações da assembleia episcopal também protagonizaram a noção de testemunho de vida como pressuposta à ação evangelizadora no continente latino-americano. Cabe aos pastores acolher e conviver com os sujeitos eclesiais e incentivar o protagonismo laical para a edificação da única Igreja²³⁴, reconhecendo a responsabilidade dos leigos na instituição e construção do Reino de Deus, na sua originalidade e competências próprias, além da possibilidade de diálogo com a sociedade em transformação.

Diante do exposto, no decorrer desse primeiro capítulo, foi possível notar certas tensões entre religião e modernidade como, novas hermenêuticas surgidas para contribuir no *aggiornamento* conciliar. Percebeu-se que a recepção das novidades do Vaticano II se deu de forma assimétrica, fomentando certa descontinuidade da renovação eclesial desejada. Além disso, os avanços propostos para a vivência laical, tanto no cenário eclesial quanto no secular, sofreram retrocessos. À vista disso, após atestar algumas chaves interpretativas, a respeito do leigo e sua vocação à secularidade, será problematizada a vivência laical no cenário das Novas Comunidades de espiritualidade carismática e a prática formativa exercida na Comunidade Católica Shalom.

²³² Termo Heideggeriano que entende o ser-no-mundo do sujeito.

²³³ KUZMA, Cesar. Leigos e leigas no debate teológico atual: uma reflexão a partir da V Conferência de Aparecida, pp. 2-3. In: *I Simpósio Internacional de Teologia (PUC-Rio). Desafios e horizontes para a teologia no diálogo com a sociedade contemporânea: Fé-Ciência-Transdisciplinariedade*, Rio de Janeiro. Revista Atualidade Teológica - suplemento, n.29. Ano XII - 2008. Disponível em: < <https://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/docdigital/simposioteologia/pdf/Cesar%20Augusto%20Kuzma.pdf> >. Acesso em: 1º mai. 2021.

²³⁴ DAp 214.

CAPÍTULO II

DAS NOVAS COMUNIDADES DE PROTAGONISMO LAICAL À COMUNIDADE CATÓLICA SHALOM E O SEU PROCESSO FORMATIVO

Este segundo capítulo se desenvolverá na perspectiva de evidenciar o fenômeno das Novas Comunidades no cenário eclesial, uma vez que estas fomentam uma participação peculiar dos leigos e leigas em seus contextos e atividades evangelizadoras. Para isso, será proposto uma breve retomada histórica para indicar como princípio nativo a espiritualidade carismática.

Nesse sentido, é possível observar, não somente no contexto brasileiro, mas também no exterior, a experiência de fundação dessas novas famílias religiosas, dada em meio de momentos oracionais que “chancelam” tal iniciativa. Assim, esse fenômeno pentecostal católico possibilita tais agremiações que, por um lado, contribuíram para a inovação da evangelização, mas por outro, emergem para a tendência de um diálogo frágil com a instituição religiosa, por destacar e buscar um retorno às noções clássicas da religião.

Outro aspecto importante é a dimensão do laicato. Nota-se que muitas dessas novas comunidades são fundadas por leigos ou possibilitam o protagonismo laical. Logo, a hipótese de possíveis interpretações das noções conciliares aparece. Por outro lado, o leigo nestes cenários se tornou isolado da secularidade, já que para uma vivência autêntica da vocação, o discurso oficial destas, em muitas ocasiões ou por interesse, desagrega da mundanidade e, em muitos sentidos, a sensibilidade com o social não é difundida.

Para exemplificar tais prognósticos e analisar a prática formativa laical nas novas comunidades, se optou em verificar a realidade proposta – ou imposta – pela Comunidade Católica Shalom. Serão observados alguns elementos, tais como: sua origem; as inspirações iniciais; as implicações dos seus fundadores leigos, Moysés Louro de Azevedo Filho e Maria Emmir Oquendo Nogueira e características do seu processo formativo.

Dessa forma, se tem por objetivo averiguar se o protagonismo do leigo é autenticamente oportunizado, no cenário eclesial escolhido, no que diz respeito à maturidade de consciência de si mesmo, como indivíduo eclesial e social, ou se mesmo com novos métodos e territórios, a linguagem autoritária, simplória e persuasiva tem vez, para ainda, desconfigurar a vocação laical em sua expressão plena e integral.

2.1 As Novas Comunidades de protagonismo laical e suas características

Nesta seção será indicado o surgimento das Novas Comunidades²³⁵ como novos contextos eclesiais que, majoritariamente, são conduzidos ou protagonizados por leigos. Por uma retomada histórica, será identificado o contexto de sua origem, espiritualidade e características que são replicadas nessas organizações. É observado que repetidamente a fundação dessas novas famílias religiosas se dá em meio ao movimento carismático católico. Haverá também a apresentação sobre seu comprometimento – ou não – com as orientações conciliares, já que se trata de um fenômeno pós-Vaticano II.

2.1.1 Renovação Carismática Católica: origem e espiritualidade

A origem da Renovação Carismática Católica²³⁶ é definida como ocorrente no ano de 1967, durante um retiro espiritual que reunia leigos católicos na Universidade de Duquesne, Pittsburgh, na Pensilvânia²³⁷. Eles desejavam experienciar uma ação do Espírito Santo em suas vidas, na busca de um novo ardor fundamente para a vida espiritual. Anterior a esse fato, é importante frisar que já existia um movimento protestante norte-americano chamado *Holiness Revival* do final do século XIX e início do XX, que possuía como perspectiva o avivamento, via para o que se entende por raízes da pentecostalização no contexto histórico.

Segundo Scherer, os leigos católicos – participantes do retiro na universidade norte-americana – tomaram conhecimento desse movimento de Avivamento Protestante nas décadas de 1950 e 1960²³⁸. A partir de então, a leitura desse acontecimento histórico proporcionou o destaque e a promoção de um método de vivência cristã com uma maior espiritualidade. Patti

²³⁵ Segundo o documento “Igreja Particular, Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades”, se entende por “novos movimentos” as associações surgidas nas últimas décadas, como por exemplo: Focolares, RCC, Caminho Neo-Catecumenal e Comunhão e Libertação. Estas não seguem o formato das antigas associações laicais, pois agregam cristãos que fazem promessas próprias de sua associação e ministros ordenados. A nomenclatura “novas comunidades” é mais usual entre os seus adeptos, mesmo que sejam derivadas de novos movimentos ou a eles sejam integradas (Cf. CNBB. Igreja particular, movimentos eclesiais e novas comunidades: subsídios doutrinários 03. Brasília: Edições CNBB, 2012, pp. 23-25). Nesse sentido, fora optado para este trabalho a expressão Novas Comunidades, a fim de reiterar e respeitar a linguagem habitual e desenvolvida. A partir desse momento NC.

²³⁶ A partir desse momento RCC.

²³⁷ SCHERER, Karina Pagliosa. *A Renovação Carismática Católica na condição Pós-Moderna e na Hipermmodernidade. As características dos seus sujeitos ante as novas tendências dos tempos atuais*. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2014, p. 42. Disponível em: < <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/1912/1/Karine%20Pagliosa%20Scherer.pdf> >. Acesso em: 20 mai. 2021.

²³⁸ SCHERER, 2014, p. 42.

Gallagher Mansfield, uma jovem entre aqueles católicos que participaram do retiro, relatou sua experiência. Segundo ela:

Eu cheguei a escrever num papel ‘quero presenciar um milagre’, relata Patti Mansfield, quero sentir a presença do Senhor! Quando estava sozinha na capela, de repente, tive uma sensação incrível, estava prostrada no chão, parecia flutuar, tive uma paz incrível. Tive a certeza de que estava na presença do Senhor, não vi nada, nenhuma imagem, apenas senti a presença Dele. Eu quis dividir essa experiência com outros estudantes, chamei-os à capela e nos todos sentimos a sensação de fogo nas pontas dos dedos, sentimos uma pressão forte na garganta, vontade de falar com Deus e de rezar, ao mesmo tempo, naquele momento nós todos tivemos a certeza de que fomos batizados no Espírito Santo²³⁹.

O contexto em que a RCC surgiu estava imerso às implicações e recepção do Vaticano II (1962-1965). Além do movimento pentecostal (pentecostalismo católico e protestante), havia uma outra inspiração se firmando e desenvolvendo nesse período, a chamada Teologia da Libertação. Este movimento, mais voltado para as questões sociais e temporais, buscava olhar a realidade através da crítica social, assumindo a dor dos pobres e oprimidos na defesa de seus direitos e dignidades.

Embora a RCC se identifique mais pelo desdobramento das noções conciliares modernas – pelo protagonismo laical, por exemplo –, Scherer define sua afinidade mais ligada com as conclusões do Vaticano I (1869-1870), pois conduz ao “impulso de uma teologia de caráter francamente conservador”²⁴⁰. Tal afirmação se justifica pelo fato de que a espiritualidade empregada por esses grupos ligados a RCC é pautada na ação individual e, posteriormente, ao aspecto coletivo.

Desse modo, o ambiente carismático, ao destacar a dimensão da cura do indivíduo em detrimento do fortalecimento da superação dos desafios do cotidiano, garante que o determinismo sobrenatural - com fundamentação nos dons e carismas, através do batismo no Espírito Santo – seja aspecto norteador de conduta e formação moral. Segundo Carranza, esse fundamento teológico no batismo espiritual é:

Uma perspectiva carismática que não substitui nem entra em contradição com os sacramentos da Igreja Católica do Batismo e da Crisma, mas os qualifica. Desta forma, a pessoa que é batizada no espírito entra numa vida plena, passa

²³⁹ SCHERER, 2014, p. 43.

²⁴⁰ SCHERER, 2014, p. 43.

da doutrina ao espírito e obtêm uma libertação carismática, isto é, a pessoa pode ter um louvor inspirado, falar em línguas e obter o dom profético²⁴¹.

Nesse sentido, para os carismáticos, a dimensão de origem de sua espiritualidade é o Espírito Santo, como conteúdo primordial para a oração. Essa interação entre o sagrado e o ser humano é executada pela infusão dessa dimensão sobrenatural, acompanhada pelo simbolismo da oração pela linguagem da glossolalia – “língua dos anjos”. Este dado é identificado por Pereira como “não lógico-narrativo ou não humano”²⁴². Entretanto, a chamada oração em línguas não exclui a dimensão corpórea, já que “(...) nessa relação mística, o sujeito experimenta Deus, enquanto, simultaneamente, este preenche todo o corpo”²⁴³.

Outra leitura acerca da espiritualidade e do movimento da RCC é oferecida pelo Cardeal Leon Joseph Suenens. Para o bispo conciliar, a execução do Vaticano II passa tanto pela renovação da estrutura como também da espiritualidade eclesial. Para Suenens, o que a RCC fala e expõe retrata a procura da instituição por libertação e vida no poder do Espírito²⁴⁴. Assim ele diz:

Quando vamos ao sínodo de bispos, nós bispos necessitamos estar mais preocupados em estar abertos e sensíveis ao Espírito Santo do que na defesa de nossas posições e ideias. Isto é muito difícil de fazer, mas sem esta genuína abertura e sensibilidade ao Espírito Santo, não estaremos aptos a seguir ao Senhor na plana renovação que Ele realmente quer para a Igreja. No Vaticano II afirmamos muito fortemente a ideia de que o Espírito Santo é dado para todo o podo de Deus. Isto é muito importante. Todos nós devemos ser viventes, ativos e responsáveis²⁴⁵.

Essa observação de Suenens não aponta para a supervalorização da RCC, pois o bispo em outra publicação indica a “tendência de alienação e estagnação social”²⁴⁶ quando a espiritualidade se aparta das complexidades da vida, das múltiplas facetas do evangelho e perde o ponto de equilíbrio. Desse modo, apela:

²⁴¹ CARRANZA, Brenda. Perspectivas da neopentecostalização católica. In.: CARRANZA, B.; MARIZ, C.; CAMUÇA, M. *Novas Comunidades Católicas: em busca do espaço pós-moderno*. Aparecida: Ideias& Letras, 2009, p. 59.

²⁴² PEREIRA, Edilson. *O espírito da oração ou como carismáticos entram em contato com Deus*. Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 29 (2): 58-81, 2009, p. 59. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rs/a/RxnKyg8kdMZ3GKQPDBKdSPP/?lang=pt>>. Acesso em: 30 mai. 2021.

²⁴³ PEREIRA, 2009, p. 66.

²⁴⁴ SUENENS, Léon-Joseph. *Cardeal Suenens opina sobre a Renovação Carismática*. In.: A experiência de Pentecostes: a Renovação Carismática na Igreja Católica. Edições Loyola: São Paulo, 1976, p. 28-29.

²⁴⁵ SUENENS, 1976, p. 29.

²⁴⁶ SUENENS, León-Joseph; CÂMARA, Helder. *Renovação no espírito e serviço ao homem*. São Paulo: Paulinas, 1979, p. 13.

À Renovação Carismática, apelo ao radicalismo evangélico, à complementariedade dos carismas, ao serviço mútuo, já é, a esse título, agente de transformação da vida em sociedade. Mas a fé vivida levará também, e muito naturalmente, a assumir iniciativas sociais tão variadas e múltiplas quanto a angústia humana²⁴⁷.

Sendo assim, a espiritualidade carismática pode ser caracterizada pelo ordenamento mais pessoal do que comunitário. Isso não quer dizer que o foro íntimo em relação com o Sagrado não seja importante para o caminho cristão. O que se pretende dizer é que nesse contexto determinado pela lógica estritamente supra-humana, se percebe a ausência do espírito crítico e do processo de maturidade da fé, concebendo uma visão mágica de mundo²⁴⁸.

Com essas elucidações iniciais acerca do ambiente carismático católico – história e características –, é possível notar que este é um fenômeno em pleno desenvolvimento e com desdobramentos. Uma variação importante desse contexto é a fundação de Novas Comunidades, com estatutos, linguagem e formação próprios na vivência dessa espiritualidade carismática.

Há nesse sentido o caráter comunitário – que não anula a perspectiva de isolamento – que, como é indicado por Bauman, objetiva não a emancipação do sujeito mas sim, um ambiente que emana segurança e ares de paraíso perdido em meio a cultura moderna²⁴⁹.

2.1.2 Advento das Novas Comunidades

As Novas Comunidades surgiram em meio à espiritualidade da Renovação Carismática (RCC) a partir dos anos 70 e 80 e alcançaram rápida projeção e expansão nos pontificados dos papas João Paulo II e Bento XVI. Deduz-se a significativa contribuição à evangelização e a inovação da pastoralidade da Igreja nessas décadas, pela missionariedade desenvolvida principalmente com o protagonismo laical.

No pontificado de Paulo VI (1963-1978) vê-se o surgimento desses contextos na França e nos EUA. Esses fenômenos de fundação de novos contextos comunitários e religiosos

²⁴⁷ SUENENS, 1979, p. 47.

²⁴⁸ GS 7.

²⁴⁹ BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 9.

começaram a eclodir no período da modernidade, com ideias ascéticas e de ideia de santidade mais clássica. Seus estilos de vida unidos às novas tecnologias contemporâneas resultam no que Camurça entende por uma cultura que substitui o princípio de territorialidade por um espaço que lhe confira legitimação²⁵⁰. Assim, seu engajamento é construído pelo princípio comunitário que lhe define. E continua:

Essa transformação, herança do Concílio Vaticano II constitui "uma verdadeira revolução, mudando as articulações e relações entre padres e leigos" e nos modos institucionais de gestão do crer" na Igreja Católica na França, Jacques Palard (2001: 549-555) fala de um novo tipo institucional, o "modelo de governança" que se segue cronologicamente aos dois anteriores, a saber, o "modelo do unanimismo" e o "modelo do pluralismo". Enquanto, no primeiro, sobressaía o princípio da hierarquia, da concentração de poder e da manutenção da tradição e, no segundo, na esteira do Concílio Vaticano II, a autonomia religiosa e organizacional dos fiéis, o modelo de governança repousa seu acento na maneira negociada (entre leigos e hierarquia/clero) na formulação do projeto pastoral e nas estratégias para sua consecução. Através dessa negociação entre os atores implicados (clero e leigos) a resultante é que o terceiro modelo retém do primeiro o modo vertical e hierárquico e, do segundo, o modo comunitário e segmentado²⁵¹.

No trabalho desenvolvido pelo sociólogo Silva²⁵² em 2020, se encontram delimitações sobre as Novas Comunidades. O pesquisador, no que diz respeito às características próprias desses contextos religiosos, relata as semelhanças no processo de criação e estruturação dessas famílias religiosas, seguindo uma espécie de itinerário. É identificado o seguinte caminho para a agremiação de indivíduos: remontam a um determinado carisma identitário; há reverência de tal filiação à Igreja e obediência aos bispos; fomentam o compromisso com a evangelização por novos métodos; vivenciam e proporcionam diferentes modalidades de forma de vida em um mesmo carisma e há presença de múltiplos estados de vida no objetivo de consagração no determinado carisma.

Já no estudo desenvolvido pelas professoras Brenda Carranza e Cecília Mariz, as NC fermentadas no seio da RCC, retomam um "(...) ideário de vida comunitária cristã, espelhadas na utopia da neocristandade e identificadas com a preocupação da hierarquia de perder a cada

²⁵⁰ CAMURÇA, Marcelo Ayres. *Estará o catolicismo na França do século XXI caminhando em direção a um perfil comunitário?* In: *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 30 (2): 74-89, 2010, p. 76. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rs/a/Bkk7P9VGDsjpZJs9Z6XMyHC/?lang=pt>>. Acesso em: 21 mai. 2021.

²⁵¹ CAMURÇA, 2010, p. 77.

²⁵² SILVA, Emanuel Freitas. Novas Comunidades: a retomada "carismática" da tradição católica. In: *Revista Conhecer: debate entre o público e o privado*. v. 10, nº 25/2, 2020, pp. 49-50. Disponível em: <<https://revistas.uece.br/index.php/revistaconhecer/article/download/2062/3377/#:~:text=As%20Novas%20Comunidades%20constituem%20organismos%20independentes%20da%20administra%C3%A7%C3%A3o%20da%20RCC.&text=t%C3%A7%C3%A3o%20crescido%20na%20Igreja%20Cat%C3%B3lica,seculares%20e%20religiosos%20C%20movimentos%20etc>>. Acesso em: 25 mai. 2021.

senso seu rebanho para os pentecostais protestantes”²⁵³. Por outro lado, na esfera eclesial, esses contextos causam certo incômodo porque a agregação é realizada de forma rápida e vultuosa. Acerca disso, Carranza e Mariz, descrevem:

Os “novos movimentos” agregam milhares de leigos católicos procurando estreitar vínculos afetivos e efetivos com a hierarquia (papa, bispos) a que demonstram incondicional fidelidade. Com forte centralidade organizativa, muitos com sede em Roma, esses movimentos têm como missão atrair os católicos não praticantes, circunscrevendo assim sua ação ao escopo confeccionam, ou seja, à própria Igreja. Essas organizações têm se caracterizado também por apoiar uma utopia de neocristandade profana que, almejada por alguns setores da Igreja, tem sido o alicerce de expansão dos dois últimos pontificados²⁵⁴.

Diante dessas informações que as tornam paradoxalmente próximas e diferentes ao mesmo tempo, é importante facultar uma espécie de breve genealogia das NC, com informações iniciais. Esse movimento histórico-analítico é fator preponderante para deliberar sobre o fenômeno em amplitude mundial e brasileiro pois, como retratado por Carranza, “os inúmeros grupos espalhados pela geografia eclesial” reproduzem uma contabilização difícil, mas necessária²⁵⁵.

No âmbito internacional, há a realidade francesa, na qual as NC são chamadas de *communnautés nouvelles*. Essa realidade eclesial na França será exemplificada por três fundações comunitárias, sendo a: *Emanuel*, *Chemin Neufe* e *Beatitudes*, curiosamente, fundadas no mesmo período histórico.

A primeira, *Comunidade Emanuel*, tem como data de fundação 12 de fevereiro de 1972. Nesse dia, em que se comemoravam as aparições de Nossa Senhora de Lourdes, o futuro fundador, Pierre Goursat, se encontrava em um momento de oração, o qual pediu a efusão do Espírito Santo. Como é descrito pela própria comunidade, nesse momento, foram chamados pelo Senhor, Pierre Goursat e Martine Laffite, “(...) a juntos entrarem na grande alegria da aventura de um caminho novo. Foi exatamente este caminho que mais tarde deu origem a Comunidade Emanuel”²⁵⁶.

²⁵³ CARRANZA, B.; MARIZ, C. Novas comunidades católicas: por que crescem? In.: CARRANZA; MARIZ; CAMURÇA. (orgs). *Novas Comunidades Católicas: em busca do espaço pós-moderno*. Aparecida/SP: Ideias&Letras, 2009, p. 141.

²⁵⁴ CARRANZA; MARIZ, 2009, p. 143.

²⁵⁵ CARRANZA, Brenda. Primavera em questão: Novas Comunidades. In: SUSIN, Luiz Carlos. *Vida religiosa consagrada em processo de transformação: “vejam que estou fazendo uma coisa nova!”* Isaías 43,19. São Paulo: Paulinas, 2015, p. 59.

²⁵⁶ Cf. COMUNIDADE CATÓLICA EMANUEL. *História da Comunidade Emanuel no mundo*. Disponível em: <<https://emanuelnobrasil.com.br/historia-da-comunidade-emanuel-no-mundo>>. Acesso em: 01 fev. 2022.

Em seguida tem-se a Comunidade *Chemin Neuf* (Caminho Novo), fundada na cidade de Lyon na França, pelo seminarista jesuíta Laurent Fabre, em 1973. Hoje, presente em mais de 30 países, inclusive no Brasil. Sua origem é narrada durante um encontro formativo acerca da passagem bíblica de Atos 2, 42, em que, após ouvirem os apelos do Espírito Santos, pelo Batismo no Espírito, os jovens descobrem o chamado à partilha e à submissão fraterna²⁵⁷.

Por fim, no contexto francês, há a Comunidade *Beatitudes*, fundada por Gerard e Josette Croissant, na cidade de Valence, em 25 de maio de 1973. Na origem desse contexto comunitário, há dois casais, Efraim e Jo Croissant, Mireille e Jean-Marc Hammel²⁵⁸. Ao longo dos anos, a comunidade passou por alterações estruturais. Primeiro, é erigida como Associação Internacional Privada de Fiéis. Em seguida, torna-se Associação Pública de Fiéis em vista de se tornar Família Eclesial de Vida Consagrada, o que aconteceu em 2020.

A Comunidade das Beatitudes é uma das primeiras grandes comunidades a adotar esse estatuto canônico criado pela Santa Sé. Isso permite conjugar a comunhão entre os diferentes estados de vida, as leis essenciais da vida consagrada e as especificidades do estado de vida dos leigos, em uma única comunidade que compartilha o mesmo carisma, a mesma espiritualidade e a mesma missão²⁵⁹.

No Brasil, há múltiplos exemplos e realidades de fundações de NC. Algumas erigidas por padres, religiosos e religiosas, leigos e leigas. Os últimos mencionados, para Carranza, vocacionados leigos são como “um protesto implícito”²⁶⁰ no sentido de obrigatoriedade da autoridade de um sacerdote católico na liderança. Por outro lado, mesmo que o empoderamento laical possa ser identificado nesses cenários, as NC concomitantemente com novidades fortificam estruturas tradicionais. Dentre centenas, passaremos por algumas, que serão: Canção Nova, Shalom, Pantokrator, Toca de Assis e Missão Belém.

A primeira, Comunidade Canção Nova²⁶¹, fundada em 1972 no estado de São Paulo. Nos relatos da própria comunidade, sua história é contada conjuntamente com a do seu fundador, Pe. Jonas Abib. Ainda seminarista, Abib, participou de um encontro da RCC, no

²⁵⁷ Cf. COMUNIDADE CHEMIN NEUF. *Histoire d'une fondation. Le jalons de l'esprit saint dans notre histoire communautaire*. Disponível em: <<https://www.chemin-neuf.fr/qui-sommes-nous/histoire-d-une-fondation/>>. Acesso em: 01 fev. 2022.

²⁵⁸ Cf. COMUNIDADE DAS BEATITUDES. *História*. Disponível em: <<https://beatitudes.org/pt-pt/historique/>>. Acesso em: 01 fev. 2022.

²⁵⁹ Idem.

²⁶⁰ CARRANZA, 2009, p. 158.

²⁶¹ Cf. COMUNIDADE CANÇÃO NOVA. *Como nascemos*. Disponível em: <<http://comunidade.cancaonova.com/quem-somos/como-nascemos/>>. Acesso em: 20 fev. 2022.

qual teve uma “experiência de oração no Espírito Santo e sua efusão”²⁶². Após esse momento, promoveu encontros desafiando jovens a darem um ano de suas vidas para Deus.

Em segundo, há a Comunidade Católica Shalom²⁶³, fundada em Fortaleza no Ceará, em 1982. Com o desejo de evangelizar a juventude da região, o então jovem Moysés Azevedo, inicia o projeto de atrair jovens através de uma lanchonete, a fim de introduzi-los à oração, fraternidade e missão²⁶⁴. No entanto, essa etapa é posterior ao que próprio Moysés relata como experiência pessoal, a da “efusão no Espírito Santo”²⁶⁵, que foi o que de fato impulsionou o desejo pela evangelização.

Em terceiro, há a Comunidade Católica Pantokrator, fundada por André Luis de Andrade. Após um tempo de provação, vê-se encorajado a responder o amor de Deus com fidelidade²⁶⁶. Assim, os primeiros encontros e iniciam em 1990, ao agremiar os primeiros jovens em reuniões e círculos de partilha na cidade de Campinas, em São Paulo.

Fundada pelo Pe. Roberto José Lettieri em 1994, a Toca de Assis tem sua origem também na RCC após processo de conversão de seu fundador. Com inspiração franciscana, o instituto busca a pobreza radical, a devoção ao Santíssimo Sacramento e o cuidado e acolhida dos pobres. Segundo Portella²⁶⁷, os jovens e adeptos desse cenário, ao aderirem tal forma de vida, buscam uma ruptura com a sociedade e a Igreja com inspirações renovadas. E isso porque, tendo como ordenamento ético hábitos antigos – de concepção pré-Vaticano II –, essa lógica religiosa se fundamenta em uma postura romântica-idealista da vida cristã, por usufruir de um ambiente pouco racional, ditador e teocrático.

Por fim, há a Missão Belém, iniciada por Pe. Gian Pietro Carraro e pela Ir. Cacilda da Silva Leite, em 1ª de outubro de 2005, em São Paulo. Com retiros querigmáticos para crianças, jovens e famílias, além da acolhida de pessoas em situação de rua, a comunidade possui 180 casas, com 2,2 mil pessoas acolhidas²⁶⁸. Com missionários e missionárias, a comunidade se encontra não somente no Brasil, mas também na Itália e no Haiti.

²⁶² Idem.

²⁶³ Essa dissertação versa sobre uma análise propriamente desta comunidade que será iniciada na segunda parte deste capítulo.

²⁶⁴ Cf. COMUNIDADE CATÓLICA SHALOM. *Quem somos*. Disponível em: <<https://comshalom.org/comunidade/>>. Acesso em: 01 fev. 2022.

²⁶⁵ AZEVEDO FILHO, M. *Vós, quem dizeis que eu sou?* Aquiraz/CE: Edições Shalom, 2011, p. 20.

²⁶⁶ Cf. COMUNIDADE CATÓLICA PANTOKRATOR. *Vocação El Shaddai-Pantokrator: conheça nossa história e carisma*. Disponível em: <https://pantokrator.org.br/comunidade1/fundador/vocacao_pantokrator/>. Acesso em: 01 fev. 2022.

²⁶⁷ PORTELLA, Rodrigo. Medievais e pós-modernos: a Toca de Assis e as novas sensibilidades católicas juvenis. In.: CARRANZA, B.; MARIZ, C.; CAMURÇA, M. *Novas Comunidades Católicas: em busca do espaço pós-moderno*. Aparecida, São Paulo: Ideias & Letras, 2009, p. 177.

²⁶⁸ Cf. COMUNIDADE MISSÃO BELÉM. *Quem somos*. Disponível em: <<https://www.missaobelem.org/>>. Acesso em: 10 mai. 2022.

2.1.3 Novas Comunidades nos pontificados pós Vaticano II

As Novas Comunidades surgiram no final da década de 70 e início dos anos 80, em meio ao enraizamento da espiritualidade protagonizada pela Renovação Carismática Católica (RCC)²⁶⁹, alcançando rápida projeção e expansão no Brasil, por intermédio dos meios de comunicação e, posteriormente, em outros países. Tais agregações apresentam um novo modelo organizacional de vida religiosa com a participação inerente dos leigos. Esses movimentos associativos surgem como novo perfil frente às antigas instituições religiosas, acenando para o desenvolvimento de uma nova evangelização, por métodos e expressões novos em diversos ambientes da sociedade.

No pontificado de Paulo VI, essa organização comunitária pela espiritualidade carismática projetou o surgimento de outras famílias carismáticas, que foram vistas como uma “corrente de graça para rejuvenescer a vida da Igreja”²⁷⁰, ao incentivar pessoas, grupos, comunidades e ministérios na forma de expressividade e manifestação variáveis da vida da Igreja.

Neste período, por designação do próprio pontífice, se destaca a figura do cardeal León Joseph Suenens²⁷¹ como conselheiro episcopal da RCC, que vê nesse movimento a manifestação do Espírito de Deus e de seus carismas. No entanto, Suenens evidencia que essa nova forma expressiva dentro da Igreja precisa cuidar também da dimensão caritativa e evangélica da fé. Isso porque, segundo Suenens, a maneira de validar a oração pessoal e coletiva é por meio da purificação do ódio, do orgulho e da violência, condições estas que, purificadas, expressam as raízes do Evangelho proposto por Jesus. Ainda, para o cardeal:

²⁶⁹ CARRANZA; MARIZ, 2009, p. 151.

²⁷⁰ CNBB, 2012, pp. 3-7.

²⁷¹ León Josef Suenens (1904-1996) foi arcebispo de Malinas-Bruxelas entre os anos de 1961-1979 e um cardeal conciliar no Vaticano II, exercendo o encargo, por nomeação de João XXIII, de ser um dos quatro moderadores do Concílio. Sua atuação durante a reunião conciliar foi determinante para a evolução dos trabalhos, pois, por exemplo, se preocupou com impositação de forma orgânica dos textos preparatórios. Segundo Alberigo, Suenens se queixava do número e da má organização das redações, esboçando como proposta um texto criticando os textos preparatórios e formulando uma espécie de agenda do programa e esquema que o Vaticano II seguiria, para tratar dos temas triviais para toda a Igreja e que incutisse na renovação pastoral desejada. Tal aspecto foi aceito por João XXIII (cf. ALBERIGO, 1995, pp.339-340). Outra questão importante é sua influência no termo “Igreja dos pobres”, proferida por João XXIII na alocução pelo rádio em 11 de setembro de 1962. Segundo Souza, tal expressão teria sido colhida do projeto eclesiológico enviado por Suenens ao papa, em abril do mesmo ano, o que resultou no pensamento eclesiológico conciliar expresso na LG e na GS (cf. SOUZA, Ney de. Lercaro e a Igreja dos pobres. *Revista de Cultura Teológica*, ano XXIX, nº 99, maio/ago, 2021, pp. 16-17. Disponível em: < <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/54386> >. Acesso em:20 jun. 2022.

A Renovação Carismática, [faz] apelo ao radicalismo evangélico, à complementariedade dos carismas, ao serviço mútuo, [sendo] agente de transformação da vida em sociedade. Mas a fé vivida levará também, e muito naturalmente, a assumir iniciativas sociais tão variadas e múltiplas quanto a angústia humana²⁷².

Para o Papa João Paulo II, os novos movimentos eclesiais sedimentaram um momento de graça que exprime a vitalidade do apostolado laical no contexto da Nova Evangelização, na fase pós-Conciliar. Identificando nestes um novo impulso apostólico para a estrutura eclesial, o papa delibera sobre a pluralidade de carismas e o chamado à unidade com o Corpo de Cristo, pois a dimensão carismática é coessencial com a institucional. Ele mesmo diz, durante o I Congresso Mundial dos Movimentos Eclesiais, em 1988:

Constato hoje, e com isto me alegro [...]. Eles representam um dos frutos mais significativos daquela primavera da Igreja já prenunciada pelo Concílio Vaticano II, mas infelizmente não raro obstaculizada pelo difundido processo de secularização. A sua presença é encorajadora, porque mostra que esta primavera progride, manifestando o vigor da experiência cristã sobre o encontro pessoal com Cristo. Embora na diversidade das formas, os Movimentos caracterizam-se pela comum consciência da novidade que a graça batismal traz à vida, pelo singular anélito por aprofundar o mistério da comunhão com Cristo e com os irmãos, pela firme fidelidade ao patrimônio da fé transmitido pelo fluxo vivo da Tradição. Isto dá origem a um renovado impulso missionário, que leva a encontrar os homens e as mulheres da nossa época nas situações concretas em que vivem e a pousar um olhar repleto de amor sobre a dignidade, as necessidades e o destino de cada um²⁷³.

Já Bento XVI, aos participantes do II Congresso Internacional dos Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades, em 2006, enfatizou o modo com que tais novos contextos são “sinais de esperança para o bem da Igreja e dos homens”²⁷⁴. Além disso, os chamou a se tornarem ambientes de comunhão e da vivência da verdade e do amor, como formas de ressoar o brilho da luz de Cristo diante dos homens. O então papa, ao identificá-los como pertencentes à estrutura institucional²⁷⁵ e grandes colaboradores para a formação das famílias, dos

²⁷² SUENENS; CÂMARA, 1979, p. 47.

²⁷³ PAPA JOÃO PAULO II. *Mensagem do papa João Paulo II aos participantes no congresso mundial dos movimentos eclesiais promovido pelo pontifício conselho para os leigos*. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1998/may/documents/hf_jpii_spe_19980527_movimenti.html>. Acesso em: 1º jun. 2021.

²⁷⁴ PAPA BENTO XVI. *Mensagem do papa Bento XVI aos participantes no II Congresso Mundial dos Movimentos Eclesiais e das Novas Comunidades*. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/pont-messages/2006/documents/hf_ben-xvi_mes_20060522_ecclesial-movements.html>. Acesso em: 1º jun. 2021.

²⁷⁵ “Os Movimentos eclesiais e as novas Comunidades são hoje sinal luminoso da beleza de Cristo e da Igreja, sua Esposa. Vós pertenceis à estrutura viva da Igreja, ela agradece-vos pelo vosso compromisso missionário, pela ação formativa que desempenhais”. Cf. Idem.

indivíduos, na promoção das vocações sacerdotais e à vida consagrada, os impulsiona a serem agentes na vida eclesial e na cultura.

Levai a luz de Cristo a todos os ambientes sociais e culturais em que viveis. O impulso missionário é comprovação da radicalidade de uma experiência de fidelidade sempre renovada ao próprio carisma, que leva além de qualquer fechamento cansado e egoísta em si. Iluminai a obscuridade de um mundo transtornado pelas mensagens contraditórias das ideologias! Agradece-vos também pela disponibilidade que demonstrais ao receber as indicações operativas não só do Sucessor de Pedro, mas também dos Bispos das diversas Igrejas locais, que são, juntamente com o Papa, guardas da verdade e da caridade na unidade. Confio na vossa obediência imediata. Além da afirmação do direito à própria existência, deve prevalecer sempre, com indiscutível prioridade, a edificação do Corpo de Cristo no meio dos homens. Qualquer problema deve ser enfrentado pelos Movimentos com sentimentos de profunda comunhão, em espírito de adesão aos Pastores legítimos. Ampare-vos a participação na oração da Igreja, cuja liturgia é a mais alta expressão da beleza da glória de Deus, e constitui de certa forma um aproximar-se do Céu à terra²⁷⁶.

Em 2014, já no pontificado de Francisco, aconteceu o III Congresso dos Movimentos Eclesiais e das Novas Comunidades. Na esteira da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, o encontro destacou dois elementos para os trabalhos: a conversão e a missão. Francisco, em seu pronunciamento aos participantes, indicou que os movimentos e novas comunidades, se encontravam no período de maturidade eclesial, que significa ter atitude de permanente conversão e impulso evangelizador.

De forma imperativa, Francisco destaca sua ideia de que “a realidade é mais importante que a ideia”²⁷⁷, levando os movimentos e novas comunidades a entenderem que:

Se é necessária uma certa institucionalização do carisma para a sua sobrevivência, não devemos iludir-nos que as estruturas possam garantir a ação do Espírito Santo. A novidade das vossas experiências não consiste nos métodos nem nas formas, que, contudo, são importantes; a novidade consiste na predisposição para responder com renovado entusiasmo à chamada do Senhor; foi esta coragem evangélica que permitiu o nascimento dos vossos movimentos e novas comunidades. Se formas e métodos são defendidos por si mesmos tornam-se ideológicos, distantes da realidade que está em evolução contínua; fechados às novidades do Espírito, acabam por sufocar o próprio carisma que os gerou. É preciso voltar sempre à nascente dos carismas e reencontrareis o impulso para enfrentar os desafios. Não fizestes uma escola de espiritualidade assim; não fizestes uma instituição de espiritualidade assim; não tendes um pequeno grupo.... Não! Movimento! Sempre a caminho, sempre em movimento, sempre abertos às surpresas de Deus, que estão em

²⁷⁶ Idem.

²⁷⁷ EG 231-233.

sintonia com a primeira chamada do movimento, com o carisma fundamental²⁷⁸.

Estar em movimento é, segundo a lógica de Francisco, se localizar no mundo contemporâneo, saber respeitar, acolher e acompanhar o homem deste tempo. Assim, diz:

Fazemos parte de uma humanidade ferida — devemos dizer isto — onde todas as instituições educativas, especialmente a mais importante, a família, têm graves dificuldades um pouco em todo o mundo. O homem de hoje vive sérios problemas de identidade e tem dificuldade em fazer as suas opções; por isso tem uma tendência a deixar-se condicionar, a delegar a outros as decisões importantes da vida. É preciso resistir à tentação de se substituir à liberdade das pessoas e a dirigi-las sem esperar que amadureçam realmente. Cada pessoa tem o seu tempo, caminha à sua maneira e devemos acompanhar este caminho. Um progresso moral ou espiritual obtido mediante a imaturidade das pessoas é um sucesso aparente, destinado a naufragar. Melhor poucos, mas sempre sem procurar o espetáculo! A educação cristã, ao contrário, exige um acompanhamento paciente que sabe esperar os tempos de cada indivíduo.

Recentemente, em 2019, na tentativa de maior envolvimento com a instituição e de forma mais coordenada, foi dado início – a pedido de Francisco –, o organismo CHARIS (*Charismatic Renewal International Service*) que vincula todos os movimentos carismáticos à Instituição. O Papa Francisco, no dia de sua instituição, destacou aspectos importantes para esses movimentos, sendo retomada a questão do serviço e não do governo, que corrompe e da comunhão da partilha do dom do batismo no Espírito Santo. Assim, disse:

Que este movimento partilhe o Batismo no Espírito Santo com todos na Igreja. Foi a graça que recebestes. Compartilhai-a! Não a conserveis para vós! Que sirva à unidade do corpo de Cristo que é a Igreja. Isto é muito importante porque o Espírito Santo é Aquele que realiza a unidade na Igreja, mas também a diversidade. É interessante a personalidade do Espírito Santo: Ele faz a maior diversidade com os carismas, mas depois faz com que estes carismas, em harmonia, se encontrem em unidade. E que sirva os pobres, os mais carentes de qualquer necessidade, física e espiritual. Isto não significa que, como alguém pode pensar, agora a Renovação se tornou comunista. Não, tornou-se evangélica, isto está no Evangelho²⁷⁹.

²⁷⁸ PAPA FRANCISCO. *Discurso do Papa Francisco aos participantes no III Congresso dos Movimentos Eclesiais e das Novas Comunidades*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/november/documents/papa-francesco_20141122_convegno-movimenti-ecclesiali.html. Acesso em: 22 jun. 2022.

²⁷⁹ PAPA FRANCISCO. *Discurso do papa Francisco aos participantes na Conferência Internacional dos líderes da Renovação Carismática Católica (Catholic Charismatic Renewal International Service – CHARIS)*. Disponível em: < https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/june/documents/papa-francesco_20190608_charis.html > Acesso em: 22 jun. 2022.

Em 2021, em um novo encontro com membros de associações, movimentos eclesiais e novas comunidades²⁸⁰, Francisco, em meio ao contexto pandêmico da Covid19, indica caminhos que precisam ser trilhados para uma autêntica vida evangélica tais como a evangelização e o tocar nos sofrimentos e nas angústias do povo que padece pela pobreza. Diretamente aos que se encontram nesses novos contextos religiosos, questiona a relação dos membros com seus fundadores, quando esta faz emergir determinismos vazios e obediências cegas, além da possibilidade de abandonar o presente por se preocupar com um futuro²⁸¹.

Outro aspecto levantado por Francisco é sobre o sentimento de segurança que aqueles pertencentes à movimentos e comunidades podem ter e propagar. Na perspectiva de afirmar que tudo está bem, não havendo necessidade de respostas atuais, carecem de conversão e de discernimento. Sobre isso, diz:

Pensar que se é “a novidade” na Igreja — é uma tentação que muitas vezes ocorre com as novas congregações ou os novos movimentos — e, portanto, sem necessidade de mudanças, pode tornar-se uma falsa segurança. Até as novidades envelhecem rapidamente! Por isso, temos que aprofundar cada vez mais também o carisma a que pertencemos, refletindo sempre em conjunto para o encarnar nas novas situações em que vivemos. Para fazer isto, exige-se de nós grande docilidade e humildade, para reconhecer os nossos limites e aceitar mudar modos superados de agir e de pensar, ou métodos de apostolado que deixaram de ser eficazes, ou ainda formas de organização da vida interna que se revelaram inadequadas ou até perniciosas. Por exemplo, este é um dos serviços que sempre nos prestam os Capítulos Gerais. Quando não são bons [os modos e os métodos], devem ser revistos em assembleia²⁸².

Vê-se que esse contexto eclesial é assunto e preocupação do pontificado de Francisco. Tal processo de maturidade eclesial, dita por ele, é proporcionada através das conduções que a instituição está intuindo para os mesmos. Um exemplo para isso foi o Decreto do Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida, que impôs limites governamentais para interromper ciclos e estruturas autorreferenciais, de abusos, violações à dignidade e à liberdade individual²⁸³.

²⁸⁰ PAPA FRANCISCO. *Saudação do papa Francisco aos participantes no encontro das associações de fiéis, dos movimentos eclesiais e das novas comunidades*. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2021/september/documents/20210916-associazioni-fedeli.html>>. Acesso em: 1º jun. 2022.

²⁸¹ Idem.

²⁸² Idem.

²⁸³ DECRETO DO DICASTERO PER I LAICI, LA FAMIGLIA E LA VITA. *Decreto do Dicastero per i Laici, la Famiglia e la Vita Le associazioni di fedeli che disciplina l'esercizio del governo nelle associazioni internazionali di fedeli, private e pubbliche, e negli altri enti con personalità giuridica soggetti alla direct vigilanza del medesimo Dicastero*, 11.06 . 2021. Disponível em:

2. 2 Contexto e surgimento da Comunidade Católica Shalom²⁸⁴

Nesta seção, se contextualizará o surgimento da Comunidade Católica Shalom²⁸⁵, trazendo à tona o conhecimento de sua história a partir dos fatores iniciais de sua fundação e se desdobrando nos processos de amadurecimento da comunidade. Em um primeiro momento, se transcorrerá sobre a presença de dois arcebispos em exercício episcopal na Arquidiocese de Fortaleza, sendo estes: Dom Aloisio Lorscheider e Dom Cláudio Hummes. Além disso, haverá reflexão acerca dos fundadores do Shalom, a,bos leigos, Moysés Azevedo e Maria Emmir Nogueira – dado este muito peculiar no cenário religioso de novas fundações eclesiais.

Serão apresentados os aspectos históricos da comunidade, de sua fundação ao contexto de sua origem, seus iniciadores e moções constitutivas da vocação, acerca do carisma, espiritualidade e missão. Sendo assim, delineadas as informações iniciais sobre as inspirações e expectativas existentes colocadas sobre essa forma de vida cristã, na Comunidade Shalom, implicará a questão: como essa comunidade forma a consciência dos sujeitos e provoca a vocação laical? Afinal, quando se goza de autonomia e conhecimento de si mesmo, o processo formativo se torna mais humanizador, resiliente e resistente às práticas dominantes.

2.2.1 Cenário religioso: Ceará-Fortaleza

A CCSH surge no território eclesiástico da Arquidiocese de Fortaleza na década de 80. Nesse período, a sede arquidiocesana da capital cearense estava sob o governo do arcebispo Dom Aloísio Lorscheider (1924-2007)²⁸⁶, que desenvolveu seu ministério a partir de 1973 com conclusão em 1995. Durante esse período, o arcebispo procurou formar na Igreja local o sentido

<<https://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2021/06/11/0375/00816.html#es>>. Acesso em: 22 jun. 2022.

²⁸⁴ Diante do vasto campo das novas comunidades, para esse trabalho, se achou oportuno destacar um contexto desse cenário para ser objeto de aproximação e análise. Escolher a Comunidade Católica Shalom emerge de uma opção pessoal, resultado de uma pertença institucional à referida comunidade – com término no transcorrer da pesquisa, em 2020 –, levando em consideração as experiências vividas, as narrativas partilhadas e a existência de indagações surgidas.

²⁸⁵ A partir desse momento CCSH.

²⁸⁶ Cf. ARQUIDIOCESE DE FORTALEZA. *Dom Aloísio Léo Arlindo Lorscheider, OFM (1973 a 1995)*. Disponível em: <<https://www.arquidiocesedefortaleza.org.br/arquidiocese/historia/bispos-e-arcebispos-anteriores/06-dom-aloisio-leo-arlindo-lorscheider-ofm-1973-a-1995/>>>. Acesso em: 2 fev. 2022.

de comunhão eclesial, impulsionando à vida apostólica, à formação dos presbíteros e dos leigos, à luta pelos direitos humanos e pela inclusão social dos mais pobres²⁸⁷.

Em sua Carta Pastoral à Arquidiocese de Fortaleza em 1982, o arcebispo Lorscheider faz considerações sobre a necessidade de uma ação evangelizadora comprometida com as realidades humanas. Acerca disso, afirma que o cristão precisa se engajar nos contextos sociais e coletivos, tais como: contexto político, agrário, econômico, financeiro, familiar, cultural e científico²⁸⁸. Tal atitude caracterizaria tal compromisso enraizado na prática do Evangelho de Jesus, sendo afetivo e uniforme aos sofrimentos dos mais pobres.

Com seu escrito ao Povo de Deus, Lorscheider volta a atenção de toda a Arquidiocese para uma problemática real e emergente à época: a Terra. Durante essa década, Fortaleza passava pela questão dos conflitos territoriais, na dimensão do “uso e da posse deste ou daquele pedaço de chão”²⁸⁹, causando sofrimento à população e relações de trabalho injustas. Frente a esse contexto, o arcebispo convoca a Arquidiocese à consciência da partilha da terra, ao desmonte de estruturas de injustiça e à conversão ao direito de todos à propriedade. Assim, afirma:

A Arquidiocese de Fortaleza dará sempre apoio aos homens do campo, os pobres, que reivindicam seus legítimos direitos dentro da lei do Senhor Deus. Onde o homem do campo estiver sendo explorado nas relações de trabalho agrícola ou em legítimo direito de uso e posse da terra, a Arquidiocese de Fortaleza fará sentir a sua solidariedade [...] vivamente empenhada nesta causa. Essa atitude de apoio e de solidariedade deve ser assumida por todos os que se dizem Igreja e que fazem parte da Arquidiocese de Fortaleza, padres, religiosos e leigos. Ninguém dos que se dizem cristãos está excluído e ninguém se exclui²⁹⁰.

A perspectiva laical na Igreja de Fortaleza, no período do exercício de Lorscheider, é a do engajamento à vida eclesial. Há a preocupação que estes fiéis se sentissem pertencentes à Igreja e concretizassem essa sensação de fato, na realidade da vida cristã. Segundo Maia, na publicação celebrativa dos 25 anos de ministério episcopal do cardeal²⁹¹, o arcebispo de Fortaleza despertou o leigo para o engajamento, na linha de um compromisso social

²⁸⁷ SARAIVA, Geovane. *A ternura de um pastor: Cardeal Lorscheider*. Prontograf: Fortaleza, 2021, p. 66.

²⁸⁸ DOM ALOÍSIO LORSCHIEDER. Carta Pastoral sobre os problemas de terra na Arquidiocese de Fortaleza. Cúria Arquidiocesana, 10 de junho de 1982, p. 1.

²⁸⁹ DOM ALOÍSIO LORSCHIEDER, 1982, p. 5.

²⁹⁰ DOM ALOÍSIO LORSCHIEDER, 1982, p. 13.

²⁹¹ MAIA, Tânia Maria Couto. *Dom Aloisio e o leigo na Igreja de Fortaleza*. In.: ARQUIDIOCESE DE FORTALEZA. Da Arquidiocese de Fortaleza ao seu Pastor Dom Aloisio Lorscheider: 25 anos/ Pastor e Profeta. Fortaleza: Editora Vozes, 1987, pp. 100-104.

transformador, estabelecendo a relação de Fé Cristã e sociedade, buscando a identidade laical. Nesse sentido, para integrá-lo criou:

Meios para que se organizassem ou fizessem presentes nos momentos mais importantes e decisivos da Igreja, deu início a uma nova forma de atividade laical; abriu espaço para o leigo participar com igualdade de direitos (voto e voz) nas assembleias arquidiocesanas e nos conselhos, conferiu dignidade como membro ativo e corresponsável na ação pastoral, valorizou diversos movimentos e seus carismas, incentivou-os a se organizarem em uma coordenação, articulando com a pastoral. Realizou diversos cursos e seminários (Educação Política, Educação libertadora, Teologia do Laicato, Teologia da Libertação, etc²⁹².

A inauguração do primeiro centro de evangelização da CCSH²⁹³, em 09 de julho de 1982, contou com a presença de Dom Aloísio Lorscheider. Era neste local que ocorriam as missas, palestras, encontros e grupos de oração, a fim de atrair a juventude de Fortaleza. Em um registro, desta noite, o arcebispo, relata sua visão sobre o acontecimento, dizendo:

Parece-me ser uma boa experiência e uma tentativa nova de ajudar tantas pessoas, que muitas vezes, distraídas pela vida e envolvidas em muitos problemas, podem encontrar aqui um momento de repouso, não apenas corporal, mas também espiritual²⁹⁴.

Já o amadurecimento da CCSH se deu no período de governo do arcebispo de Dom Cláudio Hummes, que aconteceu de 1996 a 1998. Dentre as muitas ações pastorais elencadas pela própria Igreja local, em sua página na internet – como a Assembleia Arquidiocesana, a inauguração do sinal de TV católica na região (Rede Vida), a defesa de acampados do MST e visita às famílias desapropriadas para a construção do Porto de Pecém e da Siderúrgica – se destaca a aprovação arquidiocesana à CCSH²⁹⁵, ocorrida no último ano de seu ministério no Ceará.

²⁹² ARQUIDIOCESE DE FORTALEZA. Da Arquidiocese de Fortaleza ao seu Pastor Dom Aloisio Lorscheider: 25 anos/ Pastor e Profeta. Fortaleza: Editora Vozes, 1987, pp. 101-102.

²⁹³ Inauguração da Lanchonete e Livraria Shalom.

²⁹⁴ Cf. COMUNIDADE CATÓLICA SHALOM. *Inauguração da primeira lanchonete da Comunidade Shalom*. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=vL1NmNImJ0s> > Acesso em: 02 fev. 2022.

²⁹⁵ Cf. ARQUIDIOCESE DE FORTALEZA. *Dom Cláudio Aury Affonso Hummes, OFM (1996 a 1998)*. Disponível em: < <https://www.arquidiocesedefortaleza.org.br/arquidiocese/historia/bispos-e-arcebispos-anteriores/07-dom-claudio-aur-affonso-hummes-ofm-1996-a-1998/> >. Acesso em: 02 fev. 2022.

Em seu relato sobre esse momento – de atribuição da aprovação – , Hummes afirma sua pressa para a aprovação da comunidade, juntamente com os estatutos, pois já sabia de sua eminente transferência para a Igreja de São Paulo²⁹⁶. Dessa forma, descreve:

Conheci a Comunidade Católica Shalom em Fortaleza, quando fui nomeado arcebispo em 1996. Para mim foi uma bela surpresa, porque era uma organização de leigos – embora tenha também sacerdotes – fundada por leigos e que tinha uma presença muito forte também na cidade de Fortaleza. Eles eram capazes de mover a cidade em termos de agilização, de celebração. Eles enchiam o Castelão, o grande estádio de futebol que só o Papa JP II conseguiu encher. Eles o lotavam em suas concentrações chamadas “Queremos Deus” e ficava gente de fora, sem conseguir entrar. Era algo absolutamente extraordinário. Na época era um movimento, hoje é uma Associação Católica de fiéis. São de origem, corte e perfil carismático. Fui, é claro, conhecê-los e participar dessas concentrações enormes, e fui vendo como eles tinham realmente um conteúdo muito autêntico, de muita comunhão com a Igreja, porque eram muito unidos ao Cardeal Aloísio Lorscheider, que foi o meu predecessor. Eram muito estimados por todo lado, inclusive pelo clero, que os acolhia muito bem. Faziam um intenso trabalho de evangelização: eles iam ao povo sem esperar que o povo se aproximasse – o que é uma característica destes novos movimentos. Pouco a pouco, tive este relacionamento muito bom com eles, pastoral²⁹⁷.

Vê-se a importância e a direta contribuição desses dois bispos, Lorscheider e Hummes, na fundação e concretização da Comunidade Shalom. Em tempos diferentes, caminharam e impulsionaram a formação dessa nova comunidade, animando os fundadores e fortalecendo a estrutura e a inspiração inicial, dada na organização estatutária e nas características desenvolvidas posteriormente.

Questionamentos podem ser levantados. Em primeiro lugar, há reflexões sobre a personagem de Lorscheider na história da comunidade. Franciscano, teólogo e membro ativo durante o Vaticano II, na Comissão da Secretaria da União dos Cristãos, foi importante liderança eclesial no pós-Vaticano II, na Igreja Latino-americana, no processo de recepção das pautas conciliares, como na atividade do CELAM e da CNBB. Sobre este, Passos indica sua singular contribuição, dizendo:

Por sua vida e ministério, Lorscheider pode ser bem definido como bispo do Vaticano II. Sendo nomeado no início dos trabalhos conciliares, bebeu dessa escola teológica e pastoral e tornou-se figura ativa na implementação das orientações que emanaram do grande sínodo durante toda a sua vida. Foi, de

²⁹⁶ Cf. COMUNIDADE CATÓLICA PANTOKRATOR. *Cardeal Hummes revela bastidores da aprovação diocesana do Shalom*. Disponível em: <https://pantokrator.org.br/destaque/cardeal-hummes-revela-bastidores-da-aprovacao-diocesana-shalom/>. Acesso em: 23 jun. 2022.

²⁹⁷ Idem.

fato, intérprete das decisões conciliares do ponto teórico e prático, escrevendo textos pessoais e coordenando a composição de documentos que visavam colocar o Vaticano II em prática [...] Sua abertura na reflexão dogmática despertou, com frequência, desconfiança por parte de muitos dirigentes da hierarquia católica e sua firmeza política em relação aos direitos humanos resultou em inimigos políticos, sobretudo no contexto da ditadura militar brasileira. Sua biografia compõe a história da igreja latino-americana pós-conciliar que buscou viver o Evangelho na opção pelos pobres, no diálogo com a realidade cultura e na transformação social²⁹⁸.

Sendo um dos impulsionadores de uma igreja libertadora e comprometida com as urgências da realidade latino-americana²⁹⁹, é possível notar que seu carisma episcopal não interferiu nos entendimentos iniciais da comunidade. A respeito disso, o que justificaria a ausência significativa de textos, referências ou ao menos citações de documentos do CELAM nos escritos da CCSH? Também causa estranhamento que este seja lembrado pelos membros da comunidade somente como o bispo que, no dia da inauguração da lanchonete em 1982, não recebeu o suco de laranja pedido³⁰⁰.

Já com Hummes, também franciscano, se destaca que, durante o exercício de seu ministério em São Paulo, especificamente na Diocese de Santo André entre os anos 1975-1996, se mostrou um homem e religioso inserido no momento histórico vigente. É importante ressaltar que, nessa época, principalmente nos seus primeiros anos no ABC, se vivia período de término da ditadura militar e a fase de fortalecimento dos movimentos e rearticulação sindical³⁰¹.

Diante deste cenário, Dom Cláudio orienta a diocese para a luta da justiça social. Segundo Sobrinho, umas das muitas preocupações de Hummes para a diocese de Santo André era de tornar a Igreja mais próxima do povo, pois no período vigente de crise econômica, relações trabalhistas frágeis e aumento das favelas, a desigualdade social era normativa³⁰². Assim, o bispo exorta à solidariedade com o povo sofrido e ao apoio às reivindicações dos operários.

Dom Claudio garantiu que as Igrejas e os salões paroquiais estariam abertos aos trabalhadores, no caso de intervenção dos sindicatos. Em todas as paróquias da diocese foi distribuída uma mensagem de apoio aos metalúrgicos

²⁹⁸ PASSOS, João Décio. Lorscheider, Aloisio. In: PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L. *Dicionário do Concílio Vaticano II (1962-1965)*. São Paulo: Paulus, 2015, p. 561-562.

²⁹⁹ PASSOS, 2015, p. 561.

³⁰⁰ COMUNIDADE CATÓLICA SHALOM. *Uma vocação de paz*. Disponível em: <<https://comshalom.org/uma-vocacao-de-paz/>>. Acesso em: 25 jun. 2022.

³⁰¹ Cf. SOBRINHO, Felipe Cosme Damião. *Entre fé e liberdade: catolicismo, operariado e ditadura no ABC paulista (1964-1985)*. Dissertação de mestrado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em: <<https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/18370>> São Paulo, 2015, p. 96

³⁰² SOBRINHO, 2015, p. 92.

assinada pelo bispo diocesano. Dom Claudio sempre afirmou que sua presença nas assembleias pela sua obrigação evangélica de pastor, não significando que ele se tornava um sindicalista porque não assumiu nenhuma liderança. Estava ali como pastor, pois o pastor deve estar presente onde está seu povo, sobretudo nos momentos de conflitos e tensões³⁰³.

Passados esses anos, Hummes fora transferido para Fortaleza. Seu período nessa arquidiocese foi de apenas dois anos (1996-1998), pois obteve a nomeação para a Arquidiocese de São Paulo, a fim de suceder o cardeal Paulo Evaristo Arns. Na sequência dos anos, desenvolveu diversos trabalhos na Cúria Romana, como no Pontifício Conselho para a Família, dos Leigos, da Disciplina dos Sacramentos, sendo ainda Prefeito da Congregação para o Clero e etc.

Características explícitas marcaram a biografia de Hummes, tal como o zelo pelos direitos humanos e trabalhistas, o diálogo com a política e a sociedade correntes e a preocupação com certas populações oprimidas – as indígenas, quilombolas e ribeirinhas. Tais questões protagonizaram os serviços mais recentes de Hummes, no labor de ser relator durante o Sínodo Pan-Amazônico e o próprio caminhar da Igreja na Amazônia. São estes trabalhos que permitem afirmar que sua pauta pastoral se baseou na vida dos pobres.

Não se esqueça dos pobres. A partir deste acontecimento eclesial, Dom Cláudio afirmava, sobre o Papa Francisco: é um Francisco de Assis atualizado [...] mostrava-se como pastor simples e firme, para expressar suas convicções de fé e suas escolhas claras em favor dos mais pobres e esquecidos. Seu amor e paixão, era por toda a criação de Deus, na sua escolha preferencial pela Amazônia e seus povos originários. Dom Cláudio, inspirou os novos caminhos para a Igreja e para uma Ecologia Integral³⁰⁴.

Sendo assim, diante de preceitos tão claros ocorridos durante a vida de Dom Cláudio e pelo pouco tempo de ministério em Fortaleza, o questionamento acerca da eminente pressa para a aprovação diocesana da Comunidade Shalom surge. Tal pressa não significa a ocorrência de um erro realizado mas é passível de questionamento. Observa-se nessa questão um fenômeno atual, que se torna delicado em muitas ocasiões: o relacionamento entre Igreja Local e essas novas expressões comunitárias.

³⁰³ SOBRINHO, 2015, p. 102.

³⁰⁴ CARDEAL PEDRO BARRETO JIMANO. *Mensagem do Cardeal Pedro Barreto Jimano, presidente da CEAMA (Conferência Eclesial da Amazônia), durante a Missa Exequial do Cardeal Cláudio Hummes, em 06/07/2022*. Entre os minutos 1:31:22 à 1:35:59. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=10G1dqz4H6w> >. Acesso em: 09 jul.2022.

Por vezes, a grande massa e volume que essas novas associações alcançam, resulta, de alguma forma, em uma pressão e um deslumbre dos pastores locais. Não seria esse fator a base para aprovações serem concretizadas? Francisco, indicando o relacionamento entre esses contextos³⁰⁵, destaca o desafio das proliferações dos novos movimentos frente a burocracia institucional que não atraí a muitos.

Sendo assim, foi possível notar que, no cenário religioso em Fortaleza, Ceará, no pós Vaticano II, obteve arcebispos com singular importância para a história da Igreja no Brasil por suas singulares escolhas pastorais e eclesiais. Ambos estão localizados nas raízes históricas e institucionais da Comunidade Shalom. Em outras palavras, os dois se consolidam no exercício de ensinar a doutrina e os princípios evangélicos³⁰⁶ ao seu povo. É concebível tais alusões nas instruções da comunidade em questão? Tal efeito ou não pode ser notado nas instruções comunitárias em exercício.

2.2.2 Inspirações iniciais e fundação

No ano de 1980, na cidade de Fortaleza – Ceará, aconteceu o X Congresso Eucarístico Internacional. A abertura desse evento eclesialístico fora realizada com a presença do então papa, João Paulo – ocasião que marcou sua primeira visita ao Brasil. Sob o governo do então arcebispo da capital cearense, Dom Aloísio Lorscheider, a Arquidiocese preparou a recepção desse Congresso.

A pedido do arcebispo, o jovem Moysés Louro de Azevedo, com 20 anos, representaria todos os jovens da Arquidiocese de Fortaleza durante a apresentação das oferendas na celebração. Conforme relato de Moysés, o arcebispo Lorscheider lhe disse: “Você vai representar todos os jovens da Arquidiocese durante a Missa com o Papa. Você lhe apresentará a oferta de todos os jovens [...] Veja você, decida você”³⁰⁷.

³⁰⁵ Cf. EG 63.105.

³⁰⁶ DECRETO CHRISTUS DOMINUS. *Concílio Vaticano (2: 1962-1965): Vaticano II: mensagens, discursos e documentos*. Tradução: Francisco Catão. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2007, nº 12.

³⁰⁷ AZEVEDO FILHO, Moysés Louro de Azevedo. *Vós, quem dizeis que eu sou?*. Aquiraz/CE: Edições Shalom, 2011, p. 21.

Após se retirar, o jovem Moysés relata sua dúvida do que seria digno em apresentar ao papa³⁰⁸. Dias depois, decidiu escrever uma carta ofertando a sua vida pela evangelização dos jovens. Conforme relato: “Por que não oferecer ao Santo Padre minha disponibilidade para comprometer-me totalmente na evangelização voltada para os jovens que estão distantes de Deus? Decidi-me por isto”³⁰⁹.

Esse momento pensado e descrito, aconteceu durante o ofertório da celebração eucarística³¹⁰. A releitura desse fato é reverberada pela comunidade como sendo a “bênção de fundação do Shalom”³¹¹, pois, conforme o próprio relato do seu fundador, tal circunstância o tomou-o como um:

Extraordinário presente de Deus. Presença forte, poderosa, que ainda hoje não consigo lembrar com exatidão do que aconteceu. Só me lembro de ter ficado mudo [...], o meu olhar e do papa se encontraram. O papa levantou a mão e me abençoou. Tenho certeza que naquele momento, naquela bênção, se deu o momento da fundação da comunidade Shalom³¹².

E, ainda:

A partir do final da daquela missa, nos das seguintes, o desejo de evangelizar os jovens que estavam mais distantes cresceu dentro de mim, e tomou proporções realmente grandes e loucas. Naquele período, refletindo e rezando, tomou espaço em mim uma inspiração: os jovens que não vão à missa, aonde vão, o que os atrai? Vão a uma lanchonete tomar um refrigerante... Por que não começar uma espécie de lanchonete para evangelizar os jovens, e todos os que trabalhassem nesta fossem jovens que, como nós, tivessem tido a experiência do Batismo no Espírito?³¹³.

Depois de um ano e meio do encontro com o papa, Moysés dá início às primeiras ideias para esse exercício de evangelização da juventude. Assim, o projeto de atrair os jovens por meio de uma lanchonete ganha força para depois crescer para “(...) uma casa, um centro de evangelização, onde houvesse além da própria lanchonete, uma pequena livraria, uma capela e salas de reunião”³¹⁴. Este mesmo lugar abrigaria os jovens, promovendo a convivência fraterna,

³⁰⁸ Cf. COMUNIDADE SHALOM. *Fundador*. Disponível em: < <https://comshalom.org/moyses/>>. Acesso em: 15 mar. 2022.

³⁰⁹ AZEVEDO FILHO, 2011, p. 21.

³¹⁰ Registro visual do referido momento. Cf. CRISTIANO TULI. *Moysés Azevedo com o Papa João Paulo II em 1980*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CAsc4zFmNEM>>. Acesso em: 16 mar. 2022.

³¹¹ AZEVEDO FILHO, 2011, p. 22.

³¹² Idem.

³¹³ AZEVEDO FILHO, 2011, p. 22-23.

³¹⁴ CHAGAS JÚNIOR, João W. R. *Uma obra nova para um novo tempo: a espiritualidade da Comunidade Católica Shalom*. Aquiraz/CE: Edições Shalom, 2011, p. 56.

a partilha de testemunhos e o anúncio querigmático. O nome, “Shalom”, surgiu como meio de nomear a própria lanchonete. Segundo ele:

Por que não começar uma espécie de lanchonete para evangelizar os jovens, e todos os que trabalhassem nesta fossem jovens que, como nós, tivessem tido a experiência do Batismo no Espírito? Um lugar no qual os jovens pudessem escutar os nossos testemunhos e receber o anúncio do Evangelho³¹⁵.

Tendo completado dois anos do encontro com João Paulo II, em 09 de julho de 1982, é inaugurada a Lanchonete e Livraria Shalom. Localizada na Rua Coronel Jucá, número 356, o primeiro Centro Católico de Evangelização Shalom se inicia. Esse dia é narrado da seguinte maneira:

Os jovens se entrelaçam no meio da casa. Não se esperava tanta gente. Não há mesas e cadeiras para todos. Com alegria, alguns jovens vestidos de garçom servem às mesas, um tanto desajeitados, pois jamais fizeram isto antes. Outros, aproximam-se das rodas de jovens e, de uma maneira descontraída, falam de Jesus e do que Ele fez em suas vidas. Na cozinha, muitos trabalham exaustivamente, rezando para a comida ser multiplicada, como quando Jesus com a multidão no deserto. Em todos, um só ideal: Evangelizar os jovens de uma maneira nova, diferente. Evangelizar aquele que não vai à missa, grupo de oração, ou retiro, mas com certeza aceitam um convite para lanchar um sanduíche e um refrigerante³¹⁶.

O entendimento sobre a inauguração da primeira casa – posteriormente intitulada como centro de evangelização – e lanchonete, é que se instaurava um novo carisma de evangelização da juventude. No ano seguinte, em 1983, se iniciaram as primeiras experiências de vida comunitária, com o engajamento de jovens em grupos de oração e evangelização. Foi somente em 1985 que um pequeno grupo de cinco jovens formaram a primeira turma da Comunidade de Vida³¹⁷ (forma de vida dentro da estrutura comunitária) com a realização das promessas. Posteriormente, em 1986, a cofundadora, Maria Emmir Nogueira, ingressa na estrutura da CV, mesmo presente desde a fundação. A amizade entre Moysés e Emmir se deu no ambiente da RCC do estado do Ceará.

2.1.3.2 Moysés Louro de Azevedo Filho

³¹⁵ AZEVEDO FILHO, 2011, p. 24.

³¹⁶ Cf. COMUNIDADE CATÓLICA SHALOM. *História da Comunidade Shalom*. Disponível em: < <https://comshalom.org/historia-da-comunidade-shalom/> >. Acesso em: 15 mar. 2022.

³¹⁷ A partir desse momento CV.

Fundador, membro da Comunidade de Vida e moderador geral da CCSH, Moysés nasceu em 04 de novembro de 1959, em Fortaleza, Ceará. É celibatário. Tem origem familiar em ambiente católico. É o sexto filho homem, na sequência de gestações de meninas. Passou por lideranças em grupos de oração para jovens, tendo participação junto à RCC desde 1976. Tornou-se um dos líderes tanto do movimento juvenil arquidiocesano como no grupo de jovens da escola que estudava, pertencente aos Maristas de S. Marcelino Champagnat³¹⁸.

Até este momento, é consultor do Pontifício Conselho para os Leigos desde 2007 e do Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização, desde 2011. Participou do Sínodo sobre a Eucaristia em 2005 e da V Conferência Episcopal Latino-americana em Aparecida, em 2007, como representante dos novos movimentos e novas comunidades³¹⁹.

2.1.3.3 Maria Emmir Oquendo Nogueira

Membra da Comunidade de Vida e cofundadora da CCSH, Emmir é casada e mãe de quatro filhos. Cearense, nasceu em 20 de agosto de 1951, mas seus primeiros anos de vida foram vividos no Rio de Janeiro. Vem de um berço religioso, com formação junto às irmãs lourdinas e ursulinas. Já sua formação intelectual se deu com padre jesuítas. Possui formação em Letras, com especialização em inglês, linguística e fonética, como “extended student” da Universidade de Michigan.³²⁰

Casou-se com Sérgio Nogueira, em 1973. Após um período de participação somente às missas dominicais, o casal participa de um Seminário de Vida no Espírito Santo e iniciam a participação ativa junto aos jovens arquidiocesanos.

2.2.3 Carisma, espiritualidade e missão

Os primeiros fundamentos acerca da comunidade foram transcritos a partir de 1984, quando, incentivado pelo fundador da Comunidade Canção Nova, Pe. Jonas Abib, o jovem

³¹⁸ CHAGAS JÚNIOR, 2011, p. 52.

³¹⁹ Cf. COMUNIDADE SHALOM. *Fundador*. Disponível em: < <https://comshalom.org/moyses/> >. Acesso em: 1º mar. 2022.

³²⁰ Cf. COMUNIDADE CATÓLICA SHALOM. *Cofundadora*. Disponível em: < <https://comshalom.org/emmir-nogueira/> >. Acesso em: 1º mar. 2022.

Moysés se retira, na cidade de Queluz em São Paulo – na casa de formação da própria Canção Nova –, para escrever as primeiras Regras e os textos iniciais da comunidade³²¹.

Tal contato com o Pe. Jonas Abib se deu inicialmente antes da inauguração da lanchonete, quando o presbítero pregava um retiro cujo tema era: “Deus quer Comunidade”³²², no qual desenvolvia aspectos acerca da vida espiritual carismática, a inspiração e o desejo de Deus por novas comunidades. Moysés narra que a partir das falas de Abib, a assimilação sobre a fundação do Shalom ficava mais certa, pois “nos dávamos conta que Deus estava fazendo algo semelhante conosco”³²³. Outro fator importante se deu com a aproximação à Canção Nova, conforme o relato a seguir:

Moysés e outros jovens, convidados por Pe. Jonas, fazem uma viagem a Cachoeira Paulista (SP), para visitar a Comunidade Canção Nova. Ao ver o exemplo concreto de uma nova comunidade que nascia, o Senhor fala muito ao coração de Moysés. Este sentia que Deus desejava fazer algo semelhante, mas, ao mesmo tempo, diferente, novo, original³²⁴.

No desenvolvimento da identidade da comunidade Shalom, há fontes importantes para sua construção e narrativa. Dentre livros, artigos, texto, sites e outros – de tempos passados e atuais –, elencamos duas fontes primordiais para a análise. A primeira, os Escritos³²⁵, os quais foram redigidos em 1984, 1986 e 2005 – perpassando períodos comunitários distintos, da fundação ao amadurecimento do Shalom. Por segundo, os Estatutos³²⁶, aprovados definitivamente em 2012, após um período *ad experimentum* de cinco anos.

³²¹ ESCRITOS. *Comunidade Católica Shalom*. 5ª edição. Aquiraz: Edições Shalom, 2011, p.6.

³²² CHAGAS JÚNIOR, 2011, p. 64.

³²³ Cf. Idem.

³²⁴ CHAGAS JÚNIOR, 2011, p. 65.

³²⁵ O livro “Escritos” apresenta as bases da espiritualidade Shalom, carisma e espírito inicial da comunidade. Essa obra pode ser entendida como construída em etapas, pois faz referência e apresenta contextos diferentes da comunidade. Sua redação é como carta ou pequenos manuscritos do fundador para toda comunidade. Tendo a seguinte cronologia: em 1984 e 1985 foram confeccionados os textos *Obra Nova*, *Amor Esponsal*, *Pobreza*, *Estado de Vida*, *Unidade com o Carisma* e *Profissionalização Shalom*; em 1986, o texto *Shalom*; e, em 2005, o texto *Carta à Comunidade*. Cf. COMUNIDADE CATÓLICA SHALOM. *O que tem escrito nos “Escritos”?*. Disponível em: < <https://comshalom.org/o-que-tem-escrito-nos-escritos/> >. Acesso em: 23 jun. 2022.

³²⁶ ESTATUTOS DA COMUNIDADE CATÓLICA SHALOM. *Comunidade Católica Shalom*. Aquiraz/CE: Edições Shalom, 2012.
A partir desse momento ECCSh.

2.2.3.1 *Carisma*

O Carisma da CCSH se fundamenta na acolhida, vivência e no testemunhar a Paz³²⁷, que se dá na implementação dessa Paz no coração de cada indivíduo³²⁸. Esse aspecto é articulado pela comunicação da Paz realizada por Jesus Ressuscitado (Jo 20, 19), ao doar a Sua Paz aos discípulos (Jo 20, 19-22) e posteriormente os enviando a fazer o mesmo. Dessa maneira, a CCSH se fundamenta nessa “experiência do Ressuscitado que passou pela cruz”³²⁹, que não só comunica a Paz, mas é o próprio Shalom do Pai.

Ao encontrar os discípulos no Cenáculo, Jesus Ressuscitado lhes diz: Paz a vós, ou seja, Shalom! Em Jesus, esta saudação é uma real comunicação da Paz, isto é, de toda corte de bênçãos espirituais e materiais, a felicidade que o Messias nos traz. É, enfim, o anúncio e a doação da salvação plena. Dessa forma, podemos dizer que Jesus é o Shalom do Pai para o muno, a verdadeira e única Paz, que o homem pode ter. Por isso, o Apóstolo diz: Cristo é a nossa Paz (Ef 2, 14)³³⁰.

Já em 1986, Moysés, descrevia com clareza que o nome “Shalom” não designava apenas a nomenclatura da comunidade ou de uma lanchonete em um primeiro momento, mas orientava o desígnio, o chamado e a vocação³³¹ que Deus tinha comunicado aos membros. Esse condicional de serem anunciadores da paz remonta ao “(...) reconciliar o coração do homem com Deus; reconciliar com o próprio homem; promover a reconciliação com a natureza e com as coisas”³³².

2.2.3.2 *Espiritualidade*

Nos ECCSH, o tema da espiritualidade aparece em um capítulo que lhe é dedicado exclusivamente, o terceiro. Neste, inicialmente, se indica que a “intimidade com Deus é o âmago, a fonte e o sustento da vida comunitária”³³³. O estar na presença de Deus seria norteador por momentos de oração, estudo da Palavra, Eucaristia, o ensino e o terço³³⁴.

³²⁷ ECCSH, 2012, p. 11

³²⁸ ECCSH, 2012, p. 9.

³²⁹ Idem.

³³⁰ Idem.

³³¹ ESCRITOS, 2012, p. 61.

³³² ESCRITOS, 2012, p. 64.

³³³ ECCSH 32.

³³⁴ Idem.

Para Chagas, a espiritualidade Shalom se funda no texto de Jo 20,19-20, pois na experiência com o Ressuscitado, que mostra as mãos e o lado aos seus discípulos, há a dimensão cristológica do carisma com base na dimensão trinitária. Assim, emerge uma espiritualidade trinitária da qual surge uma maior atenção à pessoa do Espírito Santo³³⁵. Dessa forma, diz Moysés:

Shalom é uma comunidade carismática de louvor, por isso, quando se reúne em oração, deve estar aberta à ação do Espírito que age com poder. Deve haver um livre e abundante uso dos carismas (cf. 1 Cor 12), que são acolhidos com gratidão (cf. CL 24) e sempre usados em discernimento segundo a orientação da Igreja (cf. LG 7)³³⁶.

Ser uma comunidade carismática de louvor, determinismo que aparece no parágrafo 41 dos Estatutos da comunidade, remete à uma estrutura comunitária que vivencia na oração em comum a plenitude e a condução do Espírito Santo. Tal expressão, “comunidade carismática de louvor”, é dita pela cofundadora como expressão importante e querida para os membros do Shalom, pois nela se consolidam características próprias do relacionamento com Deus que os integrantes dessa associação precisam trilhar, sendo estas: a comunidade, o fervor, o louvor e o uso dos carismas³³⁷. Dessa forma, narra:

(Moysés) nos fez treinar várias vezes a começar nossa oração com cânticos animados e com louvores em português. Embora isso não seja uma regra mágica, passou a ser característico do “louvor Shalom”. Em pouco tempo, nosso louvor voltou a ser o que era [...]. Em uma comunidade carismática de Louvor, não há como separar louvor e manifestação dos carismas do Espírito Santo. Quanto mais louvor, mais fortemente manifestar-se-ão os carismas³³⁸.

2.2.3.3 Missão

Portadora de um carisma a gerar e formar um povo missionário e testemunhas da Paz, a CCSh une a vida contemplativa à atividade apostólica, participando e corroborando na missão evangelizadora da Igreja. A comunidade tem por missão contribuir para a renovação da ação

³³⁵ CHAGAS JÚNIOR, 2011, p.85.

³³⁶ CHAGAS JÚNIOR, 2011, p. 89.

³³⁷ NOGUEIRA, Maria Emmir Oquendo. *Louvor Brasa-Vida*. Aquiraz, Brasil: Edições Shalom, 2011, p. 53.

³³⁸ NOGUEIRA, 2011, p. 54.

de evangelizar com “(...) novo ardor, novos métodos e novas expressões; transformando atividades seculares em meios de evangelização e santificação do mundo”³³⁹.

Essa noção transcorre toda a história da comunidade, o que é possível notar desde a criação da lanchonete aos musicais, shows, peças teatrais etc. Tais vias formam o ato evangelizador em que, a partir da “Contemplação do Ressuscitado [...] a Comunidade empreende esforços para anunciar o mesmo e único Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo com eficácia, ousadia e criatividade”³⁴⁰.

Assim, essas novas iniciativas são realizadas em meios aos jovens, às famílias, às crianças, aos pobres, nos meios de comunicação, no mundo das artes, do trabalho, da ciência e da cultura, na ministração de grupos de oração, centro de evangelização, de formação, de espiritualidade, de educação e de promoção humana³⁴¹.

2.2.4 O caminho: Contemplação, Unidade e Evangelização

A Comunidade Shalom se fundamenta em um caminho a ser percorrido. Este é conhecido como o *tripé* da vocação, composto pela contemplação, unidade e evangelização. Essas três dimensões perfilarão toda a vida e missão da comunidade³⁴², pois direcionaram a vida pessoal e comunitária, a vivência fraterna e comunicação da mensagem que a comunidade deseja desenvolver.

Esse “Caminho da Paz”³⁴³ se identifica como a forma de corresponder ao chamado ao discipulado e à missionariedade da Paz, para “(...) na contemplação receber a verdadeira paz de Jesus, a unidade para encarnar a paz na vida fraterna e a evangelização para anunciar o Evangelho da paz aos homens”³⁴⁴. A seguir, será descrito brevemente sobre cada um dos componentes.

³³⁹ ECCSh 5.

³⁴⁰ COMUNIDADE CATÓLICA SHALOM. *Carisma Shalom*. Disponível em: <<https://comshalom.org/comunidade/>>. Acesso em: 10 jan. 2022.

³⁴¹ Cf. ECCSh 6.

³⁴² Cf. COMUNIDADE CATÓLICA SHALOM. *Somos uma família*. Disponível em: <<https://comshalom.org/vocacao-shalom/>>. Acesso em: 15 jan. 2022.

³⁴³ ESCRITOS, 2011, p. 85.

³⁴⁴ CHAGAS JÚNIOR, 2011, p. 130.

2.2.4.1 Contemplação

Para a CCSh, o caminho da Paz nasce da Contemplação do Ressuscitado que passou pela cruz³⁴⁵ e se configura como aspecto condutivo para as demais dimensões. No horizonte do Shalom, a contemplação significa a “amizade e intimidade com Deus em um caminho de oração pessoal e comunitária”³⁴⁶, no qual se faz a experiência do Amor Esponsal. Assim, é entendido:

A intimidade com Deus é o âmago da vida comunitária. Vivendo este chamado à oração, o Senhor nos dá o caminho do Amor Esponsal. Independente da nossa forma de vida, somos chamados a ser almas esposas de Jesus Cristo³⁴⁷.

Em 1984, no Escrito Amor Esponsal, o fundador da comunidade já enunciava certas explicações para essa formulação sponsal. A partir de Francisco de Assis e Teresa D’Ávila, baluartes da comunidade, com as designações de “O Amor não é amado!” – franciscano – e o “Só Deus basta” – teresiano –, se reconhece a busca de um amor inflamado que quer somente a Deus, a sua vontade, seus interesses, sua vida e a sua obra³⁴⁸. Durante esse escrito, há o esclarecimento de que a vida dos santos e dos mártires são modelos, há ainda a designação de uma santidade que se anseia incondicionalmente e a condição de se se conhecer pecador, fraco e menor como trilha para esse caminho³⁴⁹.

2.2.4.2 Unidade

Esse segundo aspecto do tripé se refere à comunhão originada com Deus e com os demais membros da comunidade³⁵⁰, na qual se fundamenta a vivência da caridade. A unidade é entendida como partilha de vida, reconciliação e tessitura de relacionamentos. Nesse ínterim, se reflete a paz, o Shalom, no âmbito da “reconciliação com Deus, consigo mesmo, com os outros e com toda a criação”³⁵¹.

³⁴⁵ ESCRITOS. 2011, p. 85.

³⁴⁶ ESCRITOS, 2011, p. 86.

³⁴⁷ ECCSh 32-33.

³⁴⁸ Cf. ESCRITOS, 2011, p. 22.

³⁴⁹ ESCRITOS, 2011, p. 23.

³⁵⁰ CHAGAS JÚNIOR, 2011, p. 136.

³⁵¹ ESCRITOS, 2011, p. 96.

Segundo os estatutos, essa dimensão se fundamenta na unidade trinitária que é espelho³⁵² para a vitalidade da comunidade. Tal aspecto é condição para fecundidade do exercício apostólico e comunitário, porque inspira na diversidade e complementaridade das diferentes formas de vida³⁵³.

2.2.4.3 Evangelização

Segundo Chagas Júnior, “o espírito missionário é constitutivo do carisma Shalom”³⁵⁴. Esse dado é justificado pelo constante retorno à esta dimensão e ênfase que se dá nas obras e documentos comunitários já mencionados. No entanto, se faz necessário destacar outro dado sobre a evangelização. Acerca desse terceiro ponto, os Estatutos mencionam que essa atividade deve ser realizada no poder do Espírito³⁵⁵, com o auxílio de seus carismas para formar filhos de Deus.

Os membros são chamados a evangelizar com *parresia* (poder, audácia e criatividade)³⁵⁶, dado não opcional, mas um feliz imperativo, conforme diz Moisés³⁵⁷. Esta identidade é refletida na missão de santificar o mundo³⁵⁸ e surge como chamado para que, como testemunhas da Paz, de forma intrépida cumpram sua tarefa.

2.3 Organização, funções e membros comunitários

Nessa segunda seção, a construção será acerca da organização estrutural da CCSH. Com o passar dos anos, a estrutura comunitária se organizou e, de alguma forma, se institucionalizou, ganhando novas nuances e significados vocacionais. As inspirações iniciais amadurecem e se justificam por outros fatores e vivências. A CCSH passa de uma iniciativa espontânea para uma expressão comunitária com estrutura. Esta formação se desenvolve em dois ramos: Comunidade de Vida e Comunidade de Aliança, em múltiplos territórios e contextos.

³⁵² ECCSH, 2012, p. 59.

³⁵³ NOGUEIRA, Maria Emmir Oquendo. *Belo é o amor humano: discernimento e vivência das formas de vida na Comunidade Católica Shalom*. Aquiraz: Edições Shalom, 2010, p. 27.

³⁵⁴ CHAGAS JÚNIOR, 2011, p. 139.

³⁵⁵ ECCSH, 2012, p. 13.

³⁵⁶ CHAGAS JÚNIOR, 2011, p. 140.

³⁵⁷ Cf. ESCRITOS, 2011, p. 110.

³⁵⁸ ECCSH 54.

2.3.1 Estrutura de governo

A Comunidade Shalom, às vésperas de completar 40 anos de fundação, em 2022, tem sua sede na cidade de Aquiraz, no estado do Ceará. Possui aproximadamente 11 mil membros integrados à estrutura, como Comunidade de Vida e Aliança. Para pessoas engajadas em toda a obra, sem vinculação oficial, são cerca de 25 mil pessoas. Estas se encontram em obras de difusão e missões no Brasil e no exterior, como na: Bolívia, Canadá, Chile, China, Equador, Espanha, Estados Unidos, Filipinas, França, Hungria, Itália, Israel, Paraguai, Peru, Madagascar, Moçambique, Polônia, Portugal, Reino Unido, Suíça, Tunísia e Uruguai³⁵⁹.

O Shalom possui um Governo Geral³⁶⁰ e atua no desenvolvimento de Governos Locais, mediante a fundação e constituição de missões. O GG se encontra na casa denominada Diaconia Geral, ambiente este que acolhe e possibilita estruturas organizativas da comunidade trabalharem juntamente com o Moderador e Conselho Geral. Assim:

A Comunidade é governada pelo Moderador Geral com o auxílio do Conselho Geral. Ambos são eleitos pela Assembleia Geral da Comunidade convocada para este fim. O Moderador Geral e seu Conselho são auxiliados pelos Assistentes, pelos Assessores e pelo Conselho Consultivo. No atual período de fundação, onde a graça própria do Carisma precisa de cuidados especiais para o seu pleno desenvolvimento, o Fundador será o Moderador Geral da Comunidade até a sua renúncia ou morte³⁶¹.

No artigo que segue sobre o Moderador Geral, o Estatuto deixa claro que em caso de eleição para essa função, o membro da comunidade a ser escolhido e eleito deve ser da Comunidade de Vida e com Promessas Definitivas³⁶². Não encerra essa função à homens, celibatários, presbíteros, solteiros ou casados. Assim, se entende que há possibilidade de mulheres exercerem a função. No entanto, a linguagem imposta assegura certa tendência ao exercício por um homem, pois se justifica que tal missão se remete a de ser “instrumento da Paternidade Divina e do espírito de família e unidade no interior da Comunidade”³⁶³.

³⁵⁹ Cf. COMUNIDADE CATÓLICA SHALOM. *Onde estamos*. Disponível em: < <https://comshalom.org/onde/> >. Acesso em: 20 jan. 2022.

³⁶⁰ A partir desse momento GG.

³⁶¹ ECCSh 155.

³⁶² ECCSh 158.

³⁶³ ECCSh 158.

Outras funções do Moderador Geral são destacadas no decorrer do texto, dos artigos 157 ao 159, mencionando: o seu zelo pela fidelidade ao carisma; a atividade de visitas periódicas às casas comunitárias; a observação quanto à comunhão com os Governos Locais; representação da comunidade junto a instituição e hierarquia eclesial; dispensa na observação de algum aspecto do estatuto e designação ou destituição das funções de Assistente Geral, Ecônomo Geral, Formador Geral, Assistente Apostólico, Assistente Missionário, Sacerdote Responsável pela formação sacerdotal, Assessores Gerais, Responsáveis Locais, Formadores Comunitários e transferência de membros de missão.

O Moderador Geral tem Assistentes para lhe auxiliar e representar: o Assistente Geral, para lhe ajudar e substituir em caso de morte; o Assistente Apostólico, para animar e conduzir a unidade do carisma e no desenvolvimento da dimensão apostólica; o Assistente Missionário, com a função de acompanhar os responsáveis regionais e o Formador Geral, cuja responsabilidade são os assuntos relativos à formação dos membros.

O Conselho Geral tem seu corpo deliberativo definido por eleição. Seu governo é de seis anos com possibilidade de renovação por apenas uma vez. A função desse organismo é de deliberar sobre a fundação e supressão de casas comunitárias, admissão às Primeiras Promessas e às Promessas Definitivas, demissão de um membro com promessa temporária ou definitiva, convocação de Assembleia Geral Extraordinária³⁶⁴, aprovação das prestações de contas e alienação de bens³⁶⁵.

O Governo Local³⁶⁶ emerge das casas comunitárias estabelecidas nas dioceses solicitantes. Esse organismo tem um Responsável Local³⁶⁷ e um Conselho Local. Tais autoridades locais – nomeadas pelo Moderador Geral e seu Conselho – são constituídas em harmonia entre Comunidade de Vida e Comunidade de Aliança.

Cabe ao RL a responsabilização da Comunidade Local além de: zelar pela fidelidade ao carisma; protagonizar a unidade com o Governo Geral; produzir relatórios periódicos para o GG; zelar pela comunhão com a Igreja Local, na pessoa do Bispo diocesano e acompanhar o desempenho nas outras autoridades locais. O estatuto não menciona a especificação do RL em

³⁶⁴ A Assembleia Geral Extraordinária é um momento eleito para discutir assuntos pontuais e específicos. Já a Assembleia Geral Ordinária é uma reunião que acontece de seis em seis anos, com a finalidade de discernir os caminhos da comunidade para o novo ciclo, além de eleger o Moderador Geral e seu Conselho. Cf. ECCSh 160.

³⁶⁵ Cf. ECCSh 170.

³⁶⁶ A partir desse momento GL.

³⁶⁷ A partir desse momento RL.

ser presbítero, celibatário, casado, da comunidade de vida ou aliança. No entanto, é mais rotineiro testemunhar RL's da Comunidade de Vida nas missões do Shalom.

2.3.2 Comunidade de Vida

A Comunidade de Vida se caracteriza por indivíduos dedicados exclusivamente à comunidade e suas ações, os quais residem em casas comunitárias mistas e com diferentes estados de vida, dentre: casais, celibatários e sacerdotes. Chamados para serem o coração da comunidade³⁶⁸, no apelo a uma vida de estilo particular, se dedicam à contemplação, unidade e evangelização.

Essa dimensão da vocação Shalom é tida como “oferta de vida mais radical e núcleo central da missão evangelizadora e de transformação dos meios seculares”³⁶⁹. Segundo Chagas Júnior, essa forma de vivência da vocação é a plenitude do carisma e nela se encontra a fonte de sua manifestação³⁷⁰. Diante disso, se evidencia certa distinção entre os membros que abraçam modelos diferentes.

A Comunidade de Vida é formada por aqueles que foram chamados a viver o Carisma em sua plenitude, e a Comunidade de Aliança por aqueles que são chamados a participar do Carisma e abraçar esta participação com toda a sua vida³⁷¹.

Esse modelo de seguimento se inspira na vivência da primeira comunidade cristã, (At 4, 32-37), onde tudo é posto em comum, na renúncia das posses materiais, de projetos e expectativas pessoais, como menciona o estatuto comunitário, no artigo 61. Sendo linha mestra para esses membros a seguinte perspectiva:

Devemos investir tudo – vida, capacidades, tempo, bens, potencialidades e futuro – em um seguimento total e incondicional do Senhor Jesus, no espírito de pobreza, obediência e castidades, de acordo com o Carisma Shalom e com a forma de vida de cada um. Na Comunidade de Vida, nossa realização não estará mais naquilo que o mundo pode oferecer, mas estará exatamente na

³⁶⁸ ECCSh 10.

³⁶⁹ ECCSH 10.

³⁷⁰ CHAGAS JÚNIOR, 2011, p. 155.

³⁷¹ ESCRITOS, 2011, p. 46.

renúncia a tudo isso, para uma dedicação plena a Deus e ao serviço de Sua Vinha³⁷².

Aqueles que assumem essa vida, residem em ambientes chamados de “Casas Comunitárias”³⁷³. Algumas somente para homens, outras para mulheres e outra somente para aqueles que constituíram uma família (entre membros da comunidade). No entanto, a comunidade local, formada de maneira mista, se reúne nas áreas comuns (capela, sala de formação, área de lazer e fraternidade), para os momentos de oração, formação e fraternidade. Nesta Casa Comunitária, há formadores que acompanham no desenvolvimento do formando e dos outros membros, na vivência pessoal, comunitária e apostólica.

A rotina da Comunidade de Vida é sustentada por missas diárias e celebração da Liturgia das Horas – no período da manhã e noite. Especificamente no momento matutino, a comunidade se recolhe em silêncio até o horário do almoço. Durante este tempo, os membros realizam pequenas atividades de casa, louvor, oração pessoal, estudo bíblico e leituras próprias. Os Estatutos indicam esse momento como “conjunto de compromissos espirituais que em um clima de silêncio e piedade, é um encontro profundo com o Senhor”³⁷⁴. Já no período da tarde, o momento é destinado ao apostolado, no centro de evangelização, nos ministérios e evangelização nas ruas, e a noite, para convivência fraterna.

Para seu sustento, essa comunidade local vive de doações que os restringe à experiência de “abandono nas mãos de Deus”³⁷⁵, pela garantia do exercício da Providência Divina. Assim, acolhem não possuir nenhuma propriedade pessoal, colocando tudo em comum – exceto aquilo que é de administração pessoal. De forma imperativa, o estatuto diz:

Um membro da comunidade de Vida jamais deve insinuar aos de fora pedido de doação com interesses pessoais e deve estar atento para não ser pesado mais irmãos ou rico com a riqueza dos outros. Todo e qualquer presente ou doação que um membro da Comunidade de Vida receba deve ser apresentado ao Coordenador da Residência que, em diálogo e discernimento, definirá o seu destino³⁷⁶.

³⁷² ECCSh 61.

³⁷³ Conjunto de membros da Comunidade de Vida, de ambos os sexos e de formas de vida diversas. Cf. ECCSh 62.

³⁷⁴ ECCSh 69.

³⁷⁵ ECCSh 72.

³⁷⁶ ECCSh 77.

Na vivência da pobreza, os membros são chamados há tudo dividir e colocar em comum. É orientado que todo e qualquer presente ou doação que se obtenha seja apresentado à autoridade local para discernirem seu destino³⁷⁷. Até mesmo presentes pessoais são apresentados às autoridades, que discernem sobre seu melhor uso entre os membros.

Outro aspecto descrito para a Comunidade de Vida é a vivência da obediência. Visando fazer a vontade de Deus, o dom da obediência é um meio de união com Deus e Sua vontade. Sendo manifestado pela “Sua Palavra, da Igreja, dos Estatutos e das autoridades constituídas na Comunidade”³⁷⁸, vivida como bênção, via de purificação da própria vontade e de libertação dos possíveis enganos. Todo esse processo objetiva a vida humilde, de pequenez e de imersão na perspectiva sobrenatural do Reino de Deus³⁷⁹. Assim, descreve:

Em espírito de oração e diálogo, submetam-se, com humildade, confiança e adesão de coração, ao discernimento final das autoridades, evitando todo espírito de crítica, murmuração ou pressão, permitindo assim, que estas tenham a liberdade de melhor discernir a vontade de Deus³⁸⁰.

A castidade é outro fator que os Estatutos descrevem. Sobre isso, a vida casta é caracterizada como “um chamado que o Senhor faz à toda a Comunidade”³⁸¹, onde todos o recebem e se comprometem a vivê-lo segundo sua forma de vida. Ser casto constitui o Amor ao Senhor e o desejo de servi-lo com caridade e fraternidade. Dessa forma, “na vida comunitária, em tudo se cultiva e reflete a castidade de Cristo”³⁸², nos relacionamentos, comportamentos, leituras, lazes, vestimentas etc. Moysés, em 2005, pede à comunidade as seguintes posturas:

Não tenham medo de dizer não ao sensualismo que invade a vida dos jovens solteiros e até dos casais (no ler, no falar, no ouvir, na televisão, novelas, ‘reality shows’, músicas, filmes e outros; no conteúdo das conversas a que nos dedicamos; nos ambientes de lazer que frequentamos e que não condizem com a consagração que livremente assumimos³⁸³.

³⁷⁷ ECCSh 77.

³⁷⁸ ECCSh 81.

³⁷⁹ ECCSh 82.

³⁸⁰ ECCSh, 91.

³⁸¹ ECCSh 84.

³⁸² ECCSh 84.

³⁸³ ESCRITOS, 2011, p. 103.

Dessa forma, a Comunidade identifica que a afetividade precisa ser ordenada pela castidade para o verdadeiro bem, diante de posicionamentos de pureza e continência. E isso pois, por essa trilha, é possível possuir um coração indiviso e absolutamente amante de Deus, sendo o resto uma consequência.

2.3.3 Comunidade de Aliança

A Comunidade de Aliança³⁸⁴ é constituída por sujeitos encontrados no meio secular: jovens, casais, celibatários e sacerdotes que se identificam com a espiritualidade do movimento e atividades. Estes recebem um apelo da oferta de vida a Cristo em meio às atividades familiares e profissionais, assumindo o compromisso de vivê-las segundo o espírito do Carisma e, em nível próprio, os compromissos da contemplação, unidade e evangelização.

Trata-se de uma vocação específica dentro da comunidade, com uma nova visão sobre a vocação dos leigos³⁸⁵ (também há membros leigos na Comunidade de Vida). Esses, segundo os estatutos, são membros do Shalom que permanecem em suas atividades temporais, mas que assumem um chamado particular à vida comunitária, e que, através da fecundidade do Espírito, permeiam e transformam toda a vida familiar, profissional, social e apostólica com o “nosso Carisma”³⁸⁶.

Esse formato comunitário se organiza em Células Comunitárias³⁸⁷, que possibilitam a animação espiritual, fraterna e comunitária, segundo a vocação. Esses encontros são semanais, duas vezes por semana. A vida de intimidade desses membros é nutrida pelo priorizar o estudo bíblico, a oração pessoal e comunitária, bem como a vivência eucarística diária, sendo indicado ao menos duas horas diárias para oração pessoal. Assim:

Cada membro da Comunidade de Aliança esforce-se para dar a devida prioridade ao estudo bíblico, à oração pessoal [...] a intimidade com Deus é o nosso primeiro objetivo [...] Diariamente, os membros da Comunidade de Aliança recebam o Senhor Eucarístico, em espírito de adoração, louvor,

³⁸⁴ A partir desse momento CAL.

³⁸⁵ CHAGAS JÚNIOR, 2011, p. 160.

³⁸⁶ ECCSh 121.

³⁸⁷ Momentos de reuniões semanais – duas vezes por semana –, nas quais os membros são divididos por nível formativo. Nessas reuniões acontecem formação, oração e partilha de vida.

encontrando cura e força para viver em santidade, prosseguindo em sua caminhada comunitária³⁸⁸.

A comunidade também orienta acerca da vida profissional dos seus membros de aliança. A estes, é indicado que a vida profissional seja uma aptidão e necessidade, mas que também se torne um dom de Deus e meio para louvor, serviço e santificação. Assim, lembra-os que seu campo de atuação existe para testemunhar e anunciar a paz, como meio de santificação de si e do mundo. Contudo, o documento destaca que os mesmos precisam ficar atentos para não ter o trabalho como fardo, fonte de idolatria ou busca pelo poder e riqueza.

Os membros de aliança também são chamados à pobreza, castidade e obediência. No primeiro aspecto, são indicados para observarem a relação com os bens, na utilização destes com inteligência e sobriedade. São estimulados à fazerem um dízimo de 15% de seus rendimentos para a comunidade. No aspecto da obediência e castidade, são as mesmas noções apresentadas para a comunidade de vida³⁸⁹, já explicitadas anteriormente.

2.3.4 Estilos de vida: famílias, celibatários, presbíteros e solteiros

No interior da vocação Shalom, se encontram fiéis de variadas formas de vida, desde famílias, solteiros, celibatários até presbíteros: todos estes formam o corpo comunitário. Essas diversas formas de vida estão tanto na Comunidade de Vida como na Comunidade de Aliança, promovendo a “grande família Shalom”³⁹⁰. Essa diversidade é interpretada como espelho da vida trinitária e reflexo do mistério da Igreja³⁹¹, pois a comunhão identifica a complementariedade e a unidade das diversas formas de vida.

Essa interação é entendida como constituição de “(...) uma só família de irmãos e irmãs, manifestando a complementaridade das formas de vida através de um chamado comum ofertam suas vidas a Jesus Cristo, no espírito do Carisma, segundo o presente Estatuto”³⁹². A visão da comunidade sobre tal aspecto da complementaridade se refere à dimensão de que cada membro, independentemente de sua forma de vida, enriquece a comunidade, a Igreja e a

³⁸⁸ ECCSh 125.

³⁸⁹ Cf. ECCSh 145-146.

³⁹⁰ CHAGAS JÚNIOR, 2011, p. 163.

³⁹¹ ECCSh 9.

³⁹² Idem.

humanidade³⁹³, oportunizando comunhão e testemunho evangelizador. Acerca disso, a cofundadora diz:

A forma de vida de cada um, entretanto, não é algo a apegar-se ciosamente ou objeto de rivalidade e disputa com as outras formas de vida. Muito menos “bandeira” a ser levantada a favor de uma causa. Pelo contrário. A vivência fiel, humilde e obediente de cada forma de vida abre-a com singeleza e naturalidade às outras formas enriquecendo-as e sendo enriquecida por elas na normalidade da vida cotidiana da comunidade³⁹⁴.

Outra dimensão descrita pela comunidade ao se referir às formas de vida é a de adotar a Vida Trinitária como espelho das relações dos estados de vida. Tal afirmação é feita com base na distinção das Três Pessoas Trinitárias que faz um só Deus³⁹⁵, e que modelaria a comunhão dos três estados de vida. A partir desse enunciado, se cultiva no cenário da Comunidade Shalom a tradição de relacionar cada pessoa da Trindade a cada uma das formas de vida. Desta forma, o matrimônio se inspira no Pai, o sacerdócio se inspira no Filho e o celibato, no Espírito Santo. Assim, explica:

Tomando como modelo a Trindade, os três estados de vida na comunidade encontrem, na distinção das Suas Pessoas o modelo e a fonte de sua vivência e missão. Em Sua unidade, encontrem a inspiração da complementaridade, para nela se plenifiquem em abertura e doação à Igreja e à humanidade. Dessa forma, seja o matrimônio um reflexo da amorosa Paternidade de Deus, e atue como instrumento gerador de vida e da animação do espírito de família (amor-criação) na Comunidade. O sacerdócio seja reflexo da Pessoa do Filho, Jesus Cristo, e atue como instrumento de vida reconciliada na Comunidade através do ministrar dos sacramentos (amor-redenção). O celibato consagrado seja reflexo da Pessoa do Espírito Santo, e atue como instrumento de fecundidade e poder espiritual para toda a Comunidade (amor-santificação)³⁹⁶.

Diante dessas elucidações, é possível notar que a comunidade traz certo o entendimento de que seus membros e o relacionamento constituído entre eles são conduzidos a buscar uma plenitude unitiva pelo dado complementar. Ou seja, por tais especulações, se presume a existência de um *déficit* em cada forma de vida, que seria sanado pelo encontro com o outro.

³⁹³ NOGUEIRA, 2010, p. 30.

³⁹⁴ NOGUEIRA, 2010, p. 31.

³⁹⁵ Idem, 2010, p. 33.

³⁹⁶ Idem, 2010, p. 35.

2.4 Características do processo formativo shalomita

Essa última seção, apresentará as etapas formativas da CCSh, tanto na forma de Vida e Aliança. Será possível notar que a formação exercida é a de configurar o indivíduo ao discurso comunitário, à mentalidade do carisma e protagonizar, de forma prioritária, a comunidade em suas escolhas. Ao ingressar nesse processo educativo, o indivíduo se colocará em caminho que se entende como: caminho de e para felicidade, trajeto que exige coragem, renúncia e disposição, além do reconhecimento de uma obra nova em curso, que floresce a vida e o novo de Deus³⁹⁷. O caminho vocacional, entendido no processo dessas etapas, se devolve no percurso de Formação Inicial, passando pelas Primeiras Promessas se consolidando nas Promessas Definitivas³⁹⁸.

2.4.1 Vocacional

Nessa primeira etapa de aproximação à vocação, a pessoa que se sente vocacionada à comunidade deve trilhar o “Caminho Vocacional”, que tem um ano de duração³⁹⁹ (no mínimo). Durante esse momento, o vocacionado é inserido nas atividades da comunidade e é convidado a fazer experiência na CV e CAL. Também nesse período, o candidato se submete a um processo de acompanhamento e discernimento.

Segundo o atual documento de governo da comunidade, Documento da Assembleia Geral de 2019, com vigência de seis anos, a fase de ingresso no vocacional se caracteriza pela “experiência com o Ressuscitado que passou pela Cruz e batiza no Espírito Santo, a compreensão e vivência do Amor Esposal e a formação doutrinária básica”⁴⁰⁰, como alicerces para consolidação vocacional. Após essa etapa, se realiza o pedido de ingresso à comunidade.

³⁹⁷ Cf. ESCRITOS, 2011, pp. 13-17.

³⁹⁸ Segundo os Estatutos da Comunidade Shalom, parágrafo 16, as Promessas Temporárias e Definitivas são momentos em que os membros da comunidade aprofundam a consagração de batizados (LG 10), por meio de uma oferta de si, no seguimento mais próximo de Jesus, através da vivência radical do carisma. Essas promessas se distinguem dos Conselhos Evangélicos, os quais são destinados aos celibatários. Por ser uma comunidade laical, seus membros prometem de Deus a vivência vocacional segundo seu estilo e forma de vida: Comunidade de Vida ou Comunidade de Aliança; matrimônio, celibato ou presbítero.

³⁹⁹ Cf. COMUNIDADE CATÓLICA SHALOM. *Caminho Vocacional*. Disponível em: < <https://comshalom.org/comunidade/> >. Acesso em: 23 mar. 2022.

⁴⁰⁰ COMUNIDADE CATÓLICA SHALOM. *Documento da Assembleia Geral 2019*. Aquiraz/CE: Edições Shalom, 2020, p.196.
A partir desse momento DAG 2019.

O Moderador Geral aceita ou não o pedido de ingresso para as próximas etapas formativas.

Deste modo:

Cada vocacionado é assistido e orientado por um Acompanhador Vocacional (diretor espiritual) para, na escuta da vontade de Senhor, discernir sobre o chamado à vocação Shalom ou a uma outra vocação na Igreja, sobre o tempo de amadurecimento necessário para dar o passo concreto em direção ao ingresso no postulante da Comunidade de Vida ou de Aliança⁴⁰¹.

Em destaque, essa etapa vocacional se fomenta na “radicalidade evangélica e a consciência missionária da Vocação Shalom”⁴⁰². Outro aspecto desenvolvido é a formação da mentalidade do acompanhamento segundo os critérios vocacionais instituídos, buscando aprimorar a formação humana, moral e espiritual⁴⁰³. Sobre este aspecto, a título de exemplo, será descrita uma motivação da agenda vocacional do ano de 2015 que afirma que, para alcançar a maturidade humana, é preciso ter uma dimensão espiritual de conhecimento de si mesmo. Assim é descrito:

Estou no vocacional, mas ainda assisto novelas, que disseminam contra valores; não consigo deixar de ficar, não consigo deixar de ir para as baladas ou festas mundanas; não sou testemunha da obra que Deus está realizando em minha vida [...] Como está sua afetividade? Você tem deixado que seus sentimentos, suas carências, seus medos, suas inseguranças, suas feridas... tomem conta da sua vida? Como está o seu autocontrole? E o seu temperamento? Você é uma pessoa mansa, colérica, de temperamento forte, de gênio forte, etc? Você se apaixona fácil? Você absolutiza os seus sentimentos, absolutiza seis impulsos sexuais? Como está sua castidade? Você foge das situações de pecado? Você tem tido sabedoria para dizer não ao pecado? Como você se relaciona com as decepções, com os sofrimentos, com os desafios da vida? [...] Vamos pedir a Deus o dom da castidade, da pureza no olhar, no falar, no pensar, no vestir. Deus nos escolheu para sermos homens e mulheres santos. Peça a Deus a graça de lutar contra os sensualismos, contra o egoísmo feroz nas suas relações, contra tudo que fere a pureza (masturbação, pornografia, vícios, desordens, compensações)⁴⁰⁴.

Após esses exercícios diários, juntamente com outros compromissos – como o encontro vocacional mensal, oração duas horas por dia, missa diária, confissão mensal, terço diário, vigília mensal, comunhão de bens, grupo de oração semanal, ministério semanal, acompanhamento vocacional mensal, experiência vocacional e retiros pessoais mensais e

⁴⁰¹ Idem.

⁴⁰² DAG 2019, 2022, p. 197.

⁴⁰³ Idem.

⁴⁰⁴ COMUNIDADE CATÓLICA SHALOM. *Te seguirei: caderno de oração para vocacionados Shalom*. Aquiraz/CE: Edições Shalom, 2015, pp. 71-99.

vocacionais anual –, o vocacionado vai se habituando à linguagem da comunidade e se adequando à tais formatos. Como é indicado no processo vocacional, após a vivência mensal, esse indivíduo relata, preferencialmente de forma “dócil e sincera”⁴⁰⁵, durante o acompanhamento como está sua vida, a fim de receber diretrizes e respostas sinceras sobre seu processo.

2.4.2 Postulantado

Essa etapa formativa consiste em um período de experiência do candidato na Comunidade. Este inicia como postulante o “caminho de formação, discernimento, maturidade humana e espiritual”⁴⁰⁶. O candidato estando na Comunidade de Vida tem este momento formativo constituído de período mínimo de um ano – realizado em uma missão distinta da sua de origem. Enquanto, na Comunidade de Aliança, a duração inicial é de dois anos, e o ingressante a realiza em sua missão.

Conforme descrito no Manual de Ingresso dos Postulantes, esse momento vocacional entendido como “Pré-noviciado”, a pessoa discerne de forma mais profunda a hipótese de pertencer à vocação Shalom⁴⁰⁷. Durante esse processo, permanece os acompanhamentos pessoais e comunitários. Nesse mesmo escrito comunitário estão descritas as finalidades do postulante, que correspondem à promoção da:

Maturidade humana: capacidade de tomar decisões responsáveis; conhecimento e aceitação de si; capacidade de iniciativa; autonomia afetiva, emocional e intelectual; capacidade da solidão e de relações com pessoas; maturidade sexual e clareza em sua identidade sexual [...] Maturidade vocacional: na capacidade de deixar-se formar; ser protagonista da própria formação; comprometer-se e relacionar-se com os outros irmãos; capacidade de obediência; exercício de autoridade como serviço; vivência da pobreza, obediência e castidade conforme os estatutos; submissão ao processo de discernimento de aspectos de sua vida; renúncia à mentalidade do mundo; corresponder aos compromissos comunitários) [...] Maturidade espiritual: capacidade de vida de oração segundo o carisma; abandonar-se à Providência Divina; renúncia de si mesmo; parresia; vivência da castidade segundo o estado de vida; vivência sacramental⁴⁰⁸.

⁴⁰⁵ COMUNIDADE CATÓLICA SHALOM, 2015, p. 8.

⁴⁰⁶ ECCSh 11.

⁴⁰⁷ COMUNIDADE CATÓLICA SHALOM. *Manual de retiro de ingresso dos postulantes – Comunidade de Aliança: assistência de formação, formação intracomunitária*. Sem ano, p. 8.

⁴⁰⁸ COMUNIDADE CATÓLICA SHALOM, sem ano, pp. 8-10.

Sendo assim, diante de tantas expectativas e deveres, essa pessoa se encontra em uma fase de reorganização de vida conforme as orientações comunitárias. Nesse sentido, o entendimento vocacional desse momento se refere a um imenso privilégio e responsabilidade⁴⁰⁹ de ingresso à comunidade, o que pode ser ameaçado pela atitude de “contemporizar” a proposta de radicalidade aos projetos pessoais, gostos, desejos, reivindicações de direitos, desobediência velada, pobreza aparente, castidade mitigada, conforme indica a cofundadora Emmir Nogueira⁴¹⁰.

2.4.3 Discipulado

O segundo nível de formação é a efetivação de acolhimento do candidato à comunidade. Tem duração mínima de dois anos, tanto na Comunidade de Vida como na Aliança. Nesta, o objetivo formativo é o aprofundamento da vida espiritual e vocacional, em que o discípulo recebe o sinal visível de pertença à comunidade, o Tau⁴¹¹. Ao comentar essa realidade, Nogueira, diz:

No nosso caso, chama-nos a ser contemplativos na ação, vivermos a unidade e a nos doarmos incansavelmente na evangelização. Em sua sabedoria, não nos fechou em conventos, nem nos deu hábitos ou batinas especiais. Nosso hábito é o Tau: nos inícios da vocação, um sinal bem visível [...] Isso significa que estamos no mundo sem ser do mundo e o único sinal visível disso é o nosso comportamento, nosso testemunho, a coerência entre nossa vida e nossa vocação⁴¹².

Esse percurso formativo fortalece tanto no aprofundamento dos aspectos centrais da vocação Shalom – carisma, espiritualidade e missão –, como no cultivo da oração pessoal, comunitária e na *Lectio Divina*. Em seguida, apresenta o caminho de consagração como meio

⁴⁰⁹ Idem, p. 7.

⁴¹⁰ Anexo de texto intitulado: “Anexo II, Só a radicalidade tem sentido”; desenvolvido pela cofundadora Emmir Nogueira, inserido no Manual de retiro de ingresso dos postulantes. Neste, a autora elenca fatores que são possíveis tentações à radicalidade e que colocam em risco a vivência radical do Evangelho e da vocação Shalom.

⁴¹¹ O Tau é uma cruz em forma da letra grega TAU (Τ), símbolo muito conhecido na espiritualidade franciscana. No cenário da Comunidade Shalom, no Tau há a palavra “SHALOM” escrita em hebraico (שָׁלוֹם). Essa referência se dá à Jesus, que é a Paz. Cf. COMUNIDADE CATÓLICA SHALOM. *Tau*. Disponível em: < <https://comshalom.org/tau/> >. Acesso em: 08 jul. 2022.

Na Comunidade Shalom, o Tau é utilizado por membros da CAL e CV. A diferenciação entre os membros se dá na cor dos cordões.

⁴¹² COMUNIDADE CATÓLICA SHALOM, sem data, p. 7.

de transfiguração à Cristo, por meio da obediência, castidade e pobreza, no discernimento do estado de vida e na vida fraterna.

Durante esse tempo de discipulado, os membros são conduzidos a trilharem um processo de autoconhecimento, oferecido pela ministração do *Tecendo Fio de Ouro*⁴¹³, principalmente no que diz respeito ao tema de identidade⁴¹⁴, o qual o livro resume: “(...) parte que tratará do que é a identidade, dos níveis de autoidentificação, da autoidentificação adequada, da correta identificação sexual e dos passos para o discernimento do estado de vida”⁴¹⁵.

As elucidações iniciam por uma abordagem da identidade com caráter de individualidade, remetida como necessidade básica de cada indivíduo⁴¹⁶. No entanto, tal perspectiva é definida pela visão de Deus sobre homem, que possui nuances deterministas sobre a narrativa do “Deus escolheu assim, Deus escolheu nossa identidade”⁴¹⁷, que justifica as posições comunitárias.

A mentalidade relativista que nos ameaça, onde a verdade é aquilo que apraz ao meu próprio “eu”, tem-nos proposto visões da vontade de Deus nem sempre condizentes com aquilo que nos ensina a Palavra e a Igreja. Como vontade de Deus e identidade se supõem [...]. Isso nos dá a consciência da unicidade da pessoa humana. Basta olhar para as Escrituras: patriarcas, profetas, Davi, Maria, João Batista, Jesus, seus discípulos, santos que no decorrer da história da humanidade passaram pelo processo de amadurecimento, esclarecimento e respostas positivas ao plano de Deus⁴¹⁸.

Dessa maneira, se entende que ordenar para o amor é conservar certas normativas, entendidas como vias únicas e verdadeiras para o indivíduo. Diante das expostas nesse momento, as Sagradas Escrituras, o poder doutrinal da Igreja e a interpretação realizada pela

⁴¹³ *Tecendo Fio de Ouro* é título de um dos livros formativos das Edições Shalom. É um roteiro oracional ministrado em dinâmica de curso e retiro, em português, francês e italiano. Compõe uma trilha proposta pela comunidade, chamada de *Ordo Amoris*, para o processo de cura interior e autoconhecimento. Baseia-se no pensamento agostiniano de “passado inconcluso, memória amoris e ordo amoris”, bem como em conceitos modernos de psicologia humanista, especialmente da logoterapia. A obra já foi traduzida em inglês e espanhol, e chega à 12ª edição em língua portuguesa. Cf. COMUNIDADE CATÓLICA SHALOM. *Tecendo o Fio de ouro, sobre autoconhecimento e cura interior, é realizado em Curitiba*. Disponível em: <<https://comshalom.org/tecendo-o-fio-de-ouro-sobre-autoconhecimento-e-cura-interior-e-realizado-em-curitiba/>>. Acesso em: 08 jul. 2022.

⁴¹⁴ Cf. COMUNIDADE CATÓLICA SHALOM. *Manual do formando: discipulado primeiro ano*. Aquiraz/CE: Edições Shalom, 2017, p. 94.

⁴¹⁵ NOGUEIRA, M.; LEMOS, S. *Tecendo o fio de ouro: caminho ordo amoris*. Aquiraz/CE: Edições Shalom, 2010, p. 285.

⁴¹⁶ NOGUEIRA; LEMOS, 2010, p. 287.

⁴¹⁷ NOGUEIRA; LEMOS, 2010, p. 289.

⁴¹⁸ Idem, 2010, 293.

comunidade se tornam meios seguros de reorientar. E esse indivíduo, diante dessas interpretações e narrativas, tem o caminho de se modelar e corroborar nesse entendimento de mundo e sociedade.

Esse fato é muito grave e preocupante, pois como exemplo, nesse mesmo capítulo, de forma superficial e vazia, a comunidade apresenta possíveis ameaças à vida perfeita. Duas dessas, são o feminismo e o sexismo, onde ambas são “explicadas” em poucas linhas⁴¹⁹. Tal argumentação tira a possibilidade do ouvinte, leitor ou participante do curso, de conhecer a realidade histórica com honestidade e dele mesmo fazer suas ponderações. Sendo assim, mesmo há um passo da consagração, esses agentes não alcançaram autonomia e maturidade desejada.

2.4.4 Consagração

Após o período de formação inicial, o candidato poderá solicitar suas primeiras promessas Temporárias na Comunidade. Esse pedido é realizado na sua missão, mas com decisão final emitida pelo Moderador Geral e Conselho Geral (embasados nas observações do Governo Local). Obtida a aprovação, o discípulo torna-se membro da Comunidade.

Sendo oficialmente incorporado à comunidade, o sujeito profere suas primeiras promessas, e renovará anualmente por quatro anos. Após esse período, se julgar apto, solicitará ao Moderador Geral a Promessa Definitiva. Caso contrário, obtendo o tempo necessário e não se considerando habilitado, o membro da comunidade será desligado do corpo comunitário.

2.4.5 Formação pessoal e comunitária

O exercício de acompanhar uns aos outros é corriqueiro no contexto da Comunidade Shalom. Dos grupos de oração ao acolhimento nos Centros de Evangelização à formação dos membros efetivos da comunidade, todos são designados a essa realidade: de ouvir e serem ouvidos de forma privada mensalmente.

⁴¹⁹ Descreve assim: “Feminismo – mentalidade deformada do que seja a dignidade, vocação e missão da mulher, contrapondo-a ao homem e levando os sexos à concorrência entre si, gerando animosidade e inimizade, visão do outro como uma ameaça, um inimigo que é ao mesmo tempo alvo de amor e ódio e precisa ser vencido e destruído. Sexismo – discriminação com relação ao sexo oposto. Tal mentalidade é uma consequência nefasta do feminismo.” Cf. NOGUEIRA; LEMOS, 2010, p. 405.

Cada membro da comunidade deve ser acompanhado por outro integrante do corpo comunitário⁴²⁰. Esse imperativo aparece no artigo dos Estatutos, seguido da informação que, esse acompanhamento deverá acontecer entre pessoas do mesmo sexo, sendo a que forma mais madura tanto na fé como na vida comunitária. Esse Formador Pessoal acompanhará o membro na dimensão espiritual e vocacional em via de sua realidade pessoal. O formador comunitário é uma realidade de cada Casa Comunitária de Vida como das Células da Comunidade de Aliança. Esse serviço deriva do aspecto vocacional e espiritual dos seus membros⁴²¹, enquanto passagem de fase à vida comunitária e apostólica.

À vista disso, destacando o cenário da Comunidade Shalom, se observou que, mesmo constituída por leigos e leigas, sua estruturação de espiritualidade e organização comunitária, se assemelham de forma muito tênue e radical ao formato dos institutos religiosos. Mesmo que cooperem para a inovação da evangelização e da inserção dos leigos no fator eclesiológico, se percebe que a dinâmica formativa carece de uma proposta mais contemporânea que confronte com as necessidades humanas desse tempo. Assim, para restabelecer o contexto de uma fragilizada vida laical, se reitera a importância de implementar o dado singular da consciência no processo de construção do sujeito.

⁴²⁰ ECCSh 29.

⁴²¹ ECCSh 30.

CAPÍTULO III

DA CONSCIÊNCIA AO PROCESSO DE SUBJETIVAÇÃO COMO PRÁTICAS DA FORMAÇÃO MORAL

3.1 Contribuições teológicas para a formação e conscientização de si

Nessa primeira seção, será feita uma abordagem teológica sobre a consciência. Perpassando períodos distintos, a partir da Tradição Bíblica à concepção descrita no Concílio Vaticano II, de forma introdutória, objetiva relatar que a dimensão da singularidade humana sempre esteve em meio ao discurso religioso. De períodos em períodos, em contextos e abordagens diferentes, a consciência sofrerá alterações em sua concepção. De subordinada à força divina até a sua emancipação. De lei à voz.

3.1.1 Conceito de consciência na Tradição Bíblica

3.1.1.1 Tradição veterotestamentária

O termo consciência no Antigo Testamento⁴²² não possui como significado e referência uma única palavra para a concepção da ideia. Interpretando-a como o conhecimento da realidade humana, a consciência é entendida como a “responsabilidade do homem diante do bem e do mal”⁴²³. Desse modo, mesmo que a noção terminológica não fosse conhecida no mundo antigo, o entendimento desta realidade faz uso de categorias metafóricas para elaborar construções acerca do tema.

Assim, no AT se constituiu a consciência como coração (*leb*) e sabedoria ou conhecimento, entendido (*da 'at/yd*) por juízo e reconhecimento quanto a um ato a realizar ou realizado. Com essas quantidade de palavras figurativas sobre si, a consciência é “o aspecto singular da personalidade”⁴²⁴, que é compreendida também pelo princípio integrador à comunidade de pertença. Desse modo, essa categoria para a tradição judia, segundo Miranda,

⁴²² A partir desse momento AT.

⁴²³ BAUER, J.B. Consciência. In.: BAUER. *Dicionário Bíblico-Teológico*. São Paulo/Brasil: Edições Loyola, 2000, p.68. (pp.67-68)

⁴²⁴ OSWALT, John N. Consciência. In.: HARRIS, R. L.; ARCHER JR., G.; WALTKE, B. K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 721. (721-722)

explica a consciência de forma dialética, pela sua presença ser configurada entre realidade pessoal – responsabilidade objetiva – e princípio comunitário – contexto integrador⁴²⁵.

Por *leb/lebab* se entende o órgão interno e a localidade correspondente ao corpo humano. O emprego abstrato tomou o sentido do coração como designio da natureza do homem, ou seja, seu interior. O termo “coração”, no AT aparece 850 vezes⁴²⁶, fazendo referência à anatomia humana e ao fenômeno psíquico, centro de sentimentos diversos e representação da intimidade do homem.

Segundo Oswalt, na literatura bíblica, o termo hebraico *leb/lebab* é o vocábulo mais usado para identificar as funções imateriais da realidade humana. E isso porque o termo é abrangente para designar a sua funcionalidade imaterial correspondida pelo coração⁴²⁷. Esta concepção exprime a sede da verdade e autenticidade do homem⁴²⁸, sempre em conflito com as realidades exteriores. Sendo assim, o coração, como linguagem metafórica, materializa o que há de mais íntimo do sujeito, o que será justificado por Oswalt da seguinte maneira:

A grande maioria dos usos de *leb* refere-se ou à natureza interior ou imaterial em geral ou a uma das três funções tradicionais da personalidade; emoções, pensamento e vontade. Ao referir-se à natureza interior, *leb* pode servir de contraste de algum aspecto relativamente obscuro ou menos visível da natureza humana com o lado mais público de seu ser⁴²⁹.

O significado de “coração”, em algumas passagens, indica a perspectiva emotiva e interior do indivíduo, como: das pragas no coração do Faraó (Êx 9, 14); o coração de Labão como objeto da ação de Jacó (Gn 31, 20); o juízo sobre o coração de Arão (Êx 28,29); o refazer das formas pelo coração (Gn 18, 5; Jz 19, 5); o regozijo no coração de Ana (1 Sm 2, 1); o coração que busca o senhor (1 Cr 16, 10); a tristeza e desgosto que acomete o coração (Ne 2,2; 1 Sm 24, 5; 2 Sm 24, 5); e, experiência de opressão, desprezo, inveja e ira vividos no coração (Sl 34, 18; 2 Sm 6, 16; Pv 23, 17; Pv 19, 3)⁴³⁰.

Outra dimensão dada ao coração no AT é a do ambiente pensante. O coração que sente temor e coragem, mas presta atenção às circunstâncias, buscando o entendimento. Dessa forma,

⁴²⁵ MIRANDA, Vicente. Consciência Moral. In.: VIDAL, Marciano. *Ética teológica: conceitos fundamentais*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1999, p. 290.

⁴²⁶ Idem, 1999, p. 291.

⁴²⁷ OSWALT, John N. Coração, entendimento, mente. In.: HARRIS, R. L.; ARCHER JR., G.; WALTKE, B. K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 765. (765-766-)

⁴²⁸ MIRANDA, 1999, p. 291.

⁴²⁹ OSWALT, 1998, p. 765.

⁴³⁰ Cf. BAUER, J.B. Coração. In.: BAUER. *Dicionário Bíblico-Teológico*. São Paulo/Brasil: Edições Loyola, 2000, p. 69.

o pensamento criativo é funcionalidade do coração do indivíduo que exerce o discernimento. Essa circunstância é expressa nas seguintes passagens bíblicas: Êx 7, 23; 2 Sm 18, 32; Gn 6, 5; 2 Cr 7,11; 1Rs 3,12; Pv 16, 23; 2 Cr 9, 23; Pv 11, 12; 2 Rs 5, 26; Is 44, 20⁴³¹.

Atingindo o status de “coração sábio” (1Rs 3, 12), essa condicional indica a possibilidade de tomada de decisão. Essa disposição do coração em expressar vontade (Nm 16, 28) e integridade ou sinceridade (Gn 20, 5; Jó 11, 13; Jr 17, 9), considera o emprego não meramente intuitivo, mas de um processo consciente, reflexivo e ético. Isto significa que:

Leb, abrange toda a vida interior do homem, principalmente suas aspirações, sua vontade. Por ser, pois, a sede de inteligência e vontade, é ao coração que se atribui a atitude religioso-ética, de sede do segredo vital, do destino, da sina de uma pessoa; onde o paralelismo entre “pensar no futuro”, “segredo divino” e “pensamento do coração” pode servir de argumento em favor do sentido “segredo do destino”⁴³².

Sendo assim, a consciência moral na literatura antiga, veterotestamentária, implica a dimensão do coração como fonte da vida, meio de conhecimento e experiência de si que oportuniza e condiciona a vitalidade moral. Isso não significa que se defina como incontestável ou perfeita, pois conforme é indicado por Fumagalli o coração condena e absolve⁴³³, por estar em constante aprendizagem.

Acerca do termo em grego, *syneidesis*, sua influência no texto bíblico é tardia. Em Sab 17,10⁴³⁴, a palavra grega aparece pela primeira e única vez, em decorrência da aproximação ao helenismo. Essa “modificação” indica que o significado remete à realidade da consciência enquanto juízo e reconhecimento do ato⁴³⁵. Tal aspecto, segundo Maurer, contribuirá para o entendimento de aprovação do ato moral ou autocritica, que se aplica à dimensão do autocuidado e do conhecer-se a si mesmo⁴³⁶.

⁴³¹ Idem, 2000, p. 70.

⁴³² BAUER, 2000, p. 70.

⁴³³ FUMAGALLI, Aristide. *L'eco dello spirito: teologia dela coscienza morale*. Biblioteca di Teologia Contemporanea, n° 158. Brescia: Editrice Queriniana, 2012, p. 145.

⁴³⁴ Segundo Hahan, o termo em grego aparece em mais duas perícopes, sendo Ec 10,20 e Sir 42, 18). Cf. HAHN, H. C. Consciência. In.: COENEN, L.; BROWN, C. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 410.

⁴³⁵ Cf. MACKENZIE, John L. Consciência. In.: MACKENZIE, J.L. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Edições Paulinas, 1984, p. 182.

⁴³⁶ MAURER, C. Consciência. In.: BORN, A. Van Den. *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. Petrópolis/Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1971, p. 290.

3.1.1.2 Tradição neotestamentária

3.1.1.2.1 Evangelhos

O emprego da palavra grega *syneidesis* e *syneidos* se deu a partir do século I a.C. Esse termo faz referência à faculdade da memória, o estado consciente, consciência e escrupulosidade⁴³⁷, tendo sua origem na dimensão do conhecimento, tanto na capacidade de relação a partir de si, bem como na avaliação dos fatos. A sua determinação, segundo Hahn, se dá na benevolência de existir e no estado de paz, implicando no conhecimento de falhas e vícios, no direcionamento da conduta e, atuando como guia normativo.

Nos relatos dos Evangelhos, se percebe a ausência o uso do termo em si, no entanto, como afirma Fraine, há no Evangelho de Jesus a fundamentação cristã sob o aspecto da consciência⁴³⁸. No agir do Filho encarnado, se destaca a sua escolha moral, expresso no carácter interno e nas intenções⁴³⁹. Desse modo, no programa ético expresso nos relatos, se compreende a proposta de linguagem de não violência, não coercitiva ou de proibições.

Acerca disso, Castilho apresenta uma ética da mudança dispensada por Jesus, pelo fato de que, ao introduzir valores no regimento da vida e na conduta, o discurso autoritário é dispensado. Isso quer dizer que o comportamento e as realidades humanas têm sua origem pela devolução da dignidade e liberdade, na comunicação emocional com clareza, transparência e doação sincera de si⁴⁴⁰.

Segundo Flecha, nos evangelhos se conserva a velha imagem profética do bom coração, reto e renovado por Deus, sendo este a sede da moralidade e da nova vida do discípulo que sabe que é guiado pelo Espírito⁴⁴¹. Assim, dessa dimensão se sobressaem as boas ações, palavras, a misericórdia e o perdão – o que se confronta com os termos e obrigações legais.

Essa explicação acerca do coração, se torna característico no discurso de Jesus, uma vez que é evidenciado a importância de guardar o coração limpo, puro e orientado pelo amor (cf. Mt 15, 18-20; Mt 18, 35; Lc 11, 39-41). Tal pode ser visto na descrição do discipulado na

⁴³⁷ Cf. HAHN, 2000, p. 409.

⁴³⁸ FRAINE, 1971, p. 290.

⁴³⁹ Cf. Mt 6, 22; Lc 11, 34; Jo 3, 19-21.

⁴⁴⁰ CASTILHO, J. M. *A ética de Cristo*. São Paulo: Edições Loyola, 2010, p. 15-23.

⁴⁴¹ FLECHA, José-Román. *La Conciencia*. Alcalá/Madrid: Editorial CCS, 2015, pp. 37-38.

proclamação do Sermão da Montanha, em que os puros de coração verão a Deus (Mt 5,8). Segundo Flecha, esse coração puro significa uma consciência limpa que agrada à Deus⁴⁴².

Com isso, esse processo que implica à interioridade da pessoa terá importância na mensagem de Jesus, porque diante do discurso religioso vigente, autoritário, enérgico e puritano, a mensagem evangélica terá um contraponto entre a realidade humana e às obrigações sagradas, sendo o ponto central não a religião, mas o ser humano⁴⁴³. Com efeito, essa será uma atitude que desconcertará a prática da classe dos fariseus e sua concepção de observância da Lei, dado que eram os homens do dever e da prática efetiva dessas observações⁴⁴⁴.

Almeida, comentando tal perspectiva, elucida o profetismo veterotestamentário como fundamento moral para radicação do coração humano como lei interior e intenção verdade. Ele afirma:

O Sermão da Montanha (Mt 5-7), trará a importância da decisão interior que vai além da simples fidelidade a determinados preceitos, tais como: pobreza de espírito, pureza do coração, visto que dele nasce o pecado e todo apego às coisas terrenas; olho simples e luminoso que ilumina intimamente toda a conduta (Mt 5, 3.8.26; 6,19-23) [...] Toda insistência em situar o coração como o centro da vida moral é característica nas palavras de Jesus Cristo, ele próprio “manso e humilde de coração” (Mt 11, 28-30) [...] a sede mais profunda da nova justiça é o coração⁴⁴⁵.

Desse modo, é possível compreender que nas ações e relatos da pessoa histórica do Filho de Deus, há a concepção de consciência e o trato dessa dimensão. Mesmo que não ocorram estruturas conceituais ou mesmo se evidencie o termo em si, é notável que o coração é denominado como essa sede de juízo interior, meio para o discernimento, conversão e atitude ética. Quanto ao esclarecimento e estruturação do conceito, veremos sua articulação na teologia paulina.

3.1.1.2.2 *Escritos Paulinos*

Ao tratar da consciência na Tradição neotestamentária, há o destaque sobretudo do desenvolvimento realizado por Paulo, já que a utilização da palavra consciência no Novo

⁴⁴² FLECHA, 2015, p. 40.

⁴⁴³ Cf. CASTILHO, 2010, p. 76-77.

⁴⁴⁴ CASTILHO, 2010, p. 77.

⁴⁴⁵ ALMEIDA, André Luiz Boccato de. Dissertação de mestrado/PUCSP: Consciência moral e pós- modernidade: discernir, decidir e agir a luz de uma ética das virtudes. São Paulo: s.n., 2010, p. 76. Disponível em: < <https://sapiencia.pucsp.br/handle/handle/18391> >. Acesso em: 20 mai. 2022

Testamento terá protagonismo em seus escritos⁴⁴⁶. A estrutura do pensamento paulino, terá como base de articulação o mundo semítico-bíblico, a cultura helênica e a compreensão da fé cristã⁴⁴⁷. Paulo utilizará com frequência o termo como a ideia para contextualizar seu ministério e o exercício ético das comunidades.

Segundo Lüdemann, o emprego paulino do termo se dá em sentido reflexivo, para o conhecimento de algo, do bem e da consciência da coisa em si⁴⁴⁸. Entretanto, para Miranda, a inovação paulina se dá na apresentação do recurso de autoconhecimento, pois amplia a dimensão semítica para os fundamentos helênicos. Assim diz:

Sem dúvida, a grande inovação paulina em torno do termo *syneidesis* é a carga religiosa que lhe dá. *Syneidesis e pistis* são dois termos que aparecem unidos. Tem essa carga religiosa de forma expressa quando fala de consciência religiosa, mas também quando fala de consciência moral não pode ser ignorado o componente teológico-religioso. Portanto, em Paulo, seguindo a tradição semita do coração, a noção de consciência exprime a globalidade da pessoa em sua dimensão de abertura e sensibilidade religiosa⁴⁴⁹.

O verbo *synoida* aparece duas vezes, em 1Cor 4,4 e Hb 5, 2. As duas referências sugerem a noção reflexiva. Já o sentido expresso pelo termo *syneidesis* aparece 30 vezes durante o desenvolver dos textos paulinos. Esse segundo termo, com variações de significado (coração, conhecimento, pensar, por exemplo) dão o entendimento de julgamento e o exercício do discernimento⁴⁵⁰, que segundo Almeida, será consagrado na elaboração cristã⁴⁵¹.

Paulo demonstra a concepção de consciência ao apontar a situação entre o bem o mal moral. Isso significa que o juízo pessoal está sujeito à ideia de pecado e há consciência não como tribunal, mas como percepção de comportamento de acordo com as normas (1 Tm 1, 19; 3, 9) e na prática do amor e da essência cristã.

Outro aspecto trabalhado nos textos paulinos sobre a consciência é sua determinação como caminho para o conhecimento e a interiorização de critérios (1 Cor 8, 7-12; 10, 25-29), cujos quais são diferentes entre os indivíduos e interiorizadas de múltiplas formas. Essa

⁴⁴⁶ Cf. FRAINE, 1971, p. 291.

⁴⁴⁷ MIRANDA, 1999, p. 292.

⁴⁴⁸ LÜDEMANN, G. Synoida. In.: BALZ, H.; SCHNEIDER, G. *Diccionario exegético del Nuevo Testamento II*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2012, p.1603.

⁴⁴⁹ MIRANDA, 1999, p. 293.

⁴⁵⁰ GUNDRY-VOLF, J. M. Consciência. In.: HAWTHORNE, G. F.; MARTIN, R. P.; REID, D. G. *Dicionário de Paulo e suas cartas*. São Paulo: Paulus, Vida Nova e Edições Loyola, 2008, p. 257.

⁴⁵¹ ALMEIDA, 2010, p. 79.

consciência como fenômeno manifesta a diferenciação entre comportamento e norma, pois destaca a prévia designação antropológica frente à autoridade⁴⁵².

Miranda, ao comentar acerca das perícopes citadas no parágrafo anterior, juntamente a de Rm 14, 1-23, conclui que nestas citações emanam de forma singular a originalidade paulina. Tal percepção se forma a partir da compreensão do contexto problemático diante do destino da comida destinada aos ídolos, em que Paulo desenvolve frente às condutas distintas perante o fato, o emprego da tolerância mútua e aceitação das partes.

Diante disso, entre os que possuem conhecimento e àqueles que são fracos de entendimento, na comunidade de Corinto, não há vantagens ou desvantagens, pois há o estabelecimento do equilíbrio, a fim de motivar o exercício da caridade. Acerca disso, explica que:

O grande critério de valor usado por Paulo nessa comunidade, é o da caridade que se concretiza com o “não escandalizar os irmãos fracos” (I Cor 8, 9), e, já que o uso do termo *syneidesis* exprime o aspecto subjetivo, os irmãos fracos precisam ser compreendidos com ternura⁴⁵³.

Diante do contexto da comunidade dos romanos, Paulo demanda sobre a dimensão da comunhão como expressão concreta do amor. Nesse aspecto, diante do dilema do “puro” e “impuro” e o diálogo entre “esclarecidos” e “fracos”, prevalece o respeito mútuo. Majorano, comentando essas perícopes e o desenvolvimento paulino, aponta para o acolhimento fraterno sem discutir com aqueles que são fracos no entendimento, pois:

Cada um deve procurar aprofundar as suas convicções pessoais, para que possam expressar ser para o Senhor, que constitui nossa realidade decisiva [...]. Segue-se a impossibilidade de nos colocarmos como juízes de cada um. De fato, o julgamento pertence somente a Deus, a quem “cada um de nós dará conta de si mesmo”. Mas isso deve ser dito pelo amor, não pela indiferença ou desinteresse⁴⁵⁴.

Assim, há nos Escritos Paulinos um rico tratado teológico sobre a consciência. Evocando essa dimensão, os escritos paulinos enunciam a dimensão pessoal e interior da pessoa, mas implicam também a realidade diante do outro. Nesse sentido, a consciência é argumentada nos ditames da fé. Aceca disso, a questão da integridade da pessoa é vista por

⁴⁵² Cf. GUNDRY-VOLF, 2008, p. 258.

⁴⁵³ ALMEIDA, 2010, p. 80.

⁴⁵⁴ MAJORANO, Sabatino. *La coscienza: per una lettura Cristiana*. Balsamo/Millano: Edizione San Paolo, 1994, pp. 73-74.

Paulo como elemento de veracidade da existência humana, pois a norma aplicada sem consciência não acarreta em testemunho autêntico e real.

3.1.2 Conceito de consciência na Tradição Patrística

3.1.2.1 Características gerais

No período Patrístico, os padres da Igreja avançaram na concepção da consciência moral, utilizando as noções filosóficas para trabalhar as concepções bíblicas já empregadas que determinavam a *práxis* das comunidades primitivas. Essa articulação na produção teológica, entre helenismo e tradição bíblica, resultou no estímulo à prática cristã. Se na comunidade primitiva, o testemunho cristão terá como centralidade a consciência⁴⁵⁵ – diante da possibilidade do martírio e em decorrência de perseguições –, a coerência cristã resultará em uma maturidade de si e uma determinada decisão de vida. Majorano explicará esse fenômeno como sendo entendido como a ação de Deus no coração⁴⁵⁶, o que se firmará nos Padres da Igreja.

Da mesma maneira que a abordagem bíblica, o termo consciência será constituído por variáveis noções no período patrístico. Como Miranda relata, será instituído como: convencimento, consciência psicológica, consciência do valor ou escala de valores, conhecimento, interioridade, reflexão, modo de pensar ou de sentir, atitude espiritual⁴⁵⁷.

Nesse sentido, a teologia patrística sobre a consciência se firmará sobre os processos espirituais, na percepção dos valores e na atuação funcional⁴⁵⁸. Ou seja, previamente essa teologia concebe a dimensão da consciência como uma realidade provinda de Deus e a destaca como boa consciência, pura e alegre⁴⁵⁹. Acerca disso, Miranda justifica que:

A consciência exerce uma função manifestativa do que a vontade de Deus é para o homem. Nela a pessoa encontra a voz de Deus que se manifesta a ela em forma de lei, e através dela o homem faz o caminho de volta ou de resposta a Deus que lhe fala através da consciência. Esta se torna o ponto de confluência no qual a vontade de Deus e a resposta do homem se encontram⁴⁶⁰.

⁴⁵⁵ ALMEIDA, 2010, p. 82.

⁴⁵⁶ MAJORANO, 1994, p. 91.

⁴⁵⁷ MIRANDA, 1999, p. 295.

⁴⁵⁸ MIRANDA, 1999, p. 295.

⁴⁵⁹ VIDAL, 1981, p. 357.

⁴⁶⁰ MIRANDA, 1999, pp. 295-296.

Nesta articulação entre Filosofia e aspectos teológicos, a palavra *syneidesis* utilizada no NT será aprofundada quando aproximada ao mundo greco-romano, pois nesse contexto será entendida como autoconsciência, juízo, mentalidade e interioridade, o que para Almeida será essencial para a construção do termo⁴⁶¹.

Assim, a teologia da consciência avança, uma vez que, enquanto a noção paulina evoca a consciência como caminho e manifestação da lei, as noções dos Padres da Igreja elevarão tal conceituação do processo de assimilação da norma que a consciência passar, sendo entendido como a própria lei escrita.

3.1.2.2 Síntese agostiniana

Santo Agostinho é referência entre os Padres da Igreja. Sua reflexão teológica é desenvolvida sob influência do platonismo. Sua visão de mundo e homem tenderá para uma entonação pessimista⁴⁶², pois emergirá sempre tensões entre ideal e real. O pensamento de Santo Agostinho acerca da consciência é desenvolvido por dois caminhos: um da moral e outro do conhecimento. Isso significa que sua Filosofia abrange a dimensão interior do homem e seu exercício no aspecto da memória, da inteligência e da vontade.

Há, segundo Majorano, na noção agostiniana acerca do homem, a orbitação em torno da afirmação que ele é a imagem de Deus, e por estar nessa condição, encontra Deus em sua consciência, como voz que proclama uma lei⁴⁶³. Ao evidenciar a profundidade do ser e da própria vida, a respeito da Imagem de Deus, o teólogo apresenta o pensamento agostiniano da seguinte forma:

Essa dimensão gira em torno da afirmação central de que o homem é imagem de Deus. Ser imagem é próprio do homem interior, isto é, da mente e não do corpo. Impressa na alma imortal do homem, a imagem de Deus, consiste na capacidade de ser elevada até a imediata fruição de Deus. Nesse sentido, compreende-se que Agostinho confere à consciência enquanto interioridade do homem, define-o em sua qualidade central: o homem é a sua consciência, encontra a si mesmo em sua consciência que contém e dita-lhe as normas do valor moral. O homem reencontra a si mesmo em sua consciência, porque lá encontra Deus. A determinação da consciência é a voz de Deus que proclama a lei⁴⁶⁴.

⁴⁶¹ ALMEIDA, 2010, p. 92.

⁴⁶² VIDAL, Marciano. *Nova moral fundamental: o lar teológico da ética*. Aparecida, São Paulo: Editora Santuário. São Paulo: Editora Paulinas, 2003, p. 328.

⁴⁶³ MAJORANO, 1994, p. 91.

⁴⁶⁴ Idem, p. 94.

Sendo assim, para Agostinho a consciência ou a atitude de conhecimento, parte do “eu” pensante, que existe entre a relação da ação do homem e a de Deus de forma muito tênue⁴⁶⁵. Essa realidade emerge na busca pela verdade, que é o próprio Deus. Dessa maneira, essa consciência como voz de Deus na construção agostiniana, segundo Fumagalli, remete a uma forma de dualismo de Agostinho, pois “(...) a consciência aparece, por um lado, totalmente submissa à graça divina e, por outro, consideravelmente dependente da liberdade humana”⁴⁶⁶. Isto é, se aplica ao ser consciente a identidade de ser que se identifica como tal, que vive e pensa, a partir do seu eu conhecido.

3.1.3 Conceito de consciência na Tradição Medieval

3.1.3.1 Características gerais

Nesse período, a consciência ainda é entendida pelo viés antropológico com referência ao homem em sua inteireza e integração à imagem de Deus. No entanto, a noção é conceitualizada oportunizando o desenvolvimento teórico do tema. Dado este que, segundo Miranda, faz com que a designação religiosa perca espaço⁴⁶⁷ e decline frente ao desenvolvimento moral vinculado à cultura emergente.

Segundo Chenu, no período medieval o homem se descobre como sujeito, se referindo ao aspecto de inteligibilidade, noção antropocêntrica e de consciência livre e individual⁴⁶⁸. O que confrontará com a mentalidade escolástica⁴⁶⁹, dado este que corrobora para o desenvolvimento especulativo. Acerca disso, Miranda descreve:

Estas duas escolas teológicas partem de interesses distintos, adotam metodologias diferente e chegam, logicamente, a resultados diversos. O caráter prático da teologia monástica e sua maior sensibilidade para com os problemas de ordem ética conferem-lhe um tom mais vitalista que se torna translúcido em sua concepção da consciência equivalente à interioridade do homem ou à densidade teológica da pessoa. O aspecto gnosiológico, por sua vez, canaliza a reflexão escolástica, muito mais interessada em esclarecer o problema dos atos humanos⁴⁷⁰.

⁴⁶⁵ SANTO AGOSTINHO. *A Trindade*. São Paulo: Paulus, 1994, p. 252-254.

⁴⁶⁶ FUMAGALLI, 2012, p. 162.

⁴⁶⁷ MIRANDA, 1999, p. 296.

⁴⁶⁸ CHENU, M.D. *O despertar da consciência na civilização medieval*. São Paulo/SP: Edições Loyola, 2006, p. 16.

⁴⁶⁹ ALMEIDA, 2010, p.84.

⁴⁷⁰ MIRANDA, 1999, p. 297.

Em linhas gerais, essa migração do ambiente semítico-bíblico para a consciência embebida pela cultura greco-romana, desenvolverá uma teologia com mais sensibilidade ética e direcionada para o contexto interior do homem. Entende-se que a consciência possibilitou a abertura ao problema do eu prático, desenvolvendo um pensamento mais organizado e crítico, filtrando as noções pré-estabelecidas. Dessa maneira, Almeida sintetiza que aos poucos os escolásticos fazem a primeira estruturação científica da consciência moral, entendida como o lugar onde se dá o diálogo entre homem e Deus⁴⁷¹.

Segundo a argumentação da época, com um dos nomes importantes desse período, São Bernardo, a consciência boa é aquela que espelha Deus, ecoa sua voz e se torna testemunha de sua presença. E, ao inserir no dilema da concupiscência, em decorrência do pecado original, se elevando essa dimensão de interioridade ao estado de complexidade.

3.1.3.2 Síntese tomasiana

A consciência em Tomás de Aquino abre para novas concepções antropológicas. Embora Santo Tomás faça referência à antropologia agostiniana – da noção de imagem de Deus e de subordinação a Verdade⁴⁷² – em um primeiro momento, o tema da consciência será abordado por duas linhas diretivas. Uma, a consciência fundamental ou habitual (*synderesis*) e a outra consciência atual.

Na ótica tomasiana, a consciência é entendida como capacidade original, em que há naturalmente a perspectiva da intuição e existência de percepção moral. Por outro lado, ocorre também a probabilidade da reflexão voluntária, na qual se exerce a funcionalidade de juízo e razão prática⁴⁷³. Ou seja, pelo exercício da inteligência, o sujeito se torna responsável e imagem de Deus.

Segundo Tomás de Aquino, a consciência é um ato e não uma potência⁴⁷⁴, isto é, designa a realidade particular e de aplicação, elaborando que a consciência é passível sim de erros. No entanto, ela não é fundamentada na lei e no dever, mas sim na característica habitual (*synderesis*). Assim, propriamente dito, a consciência se manifesta por três maneiras:

Primeiro, quando reconhecemos ter ou não feito alguma coisa, segundo a Escritura (Eccl 7, 23): Porque sabes na tua consciência que também tu muitas vezes tens dito mal de outros. E, neste caso, diz-se que a consciência testifica.

⁴⁷¹ ALMEIDA, 2010, p. 85.

⁴⁷² MIRANDA, 1999, p. 298.

⁴⁷³ Idem.

⁴⁷⁴ AQUINO, Tomás. *Suma teológica*. I, q. 79, art. 13. São Paulo: Loyola, 2003, p. 460.

— Segundo, quando pela nossa consciência julgamos dever fazer alguma coisa, ou não. E então, diz-se que a consciência instiga ou liga. — Terceiro, quando, pela consciência, julgamos que alguma coisa foi bem ou malfeita. E então, diz-se que a consciência excusa, ou acusa ou remorde. Ora, é, claro que tudo isso resulta da aplicação atual da ciência àquilo que praticamos. Por onde, propriamente falando, a consciência denomina o ato⁴⁷⁵.

Sobre isso, Almeida explica que:

Santo Tomás adotará a terminologia da “*sinderesis*” como capacidade originária de percepção dos valores (consciência habitual), ou seja, uma percepção imediata e global e a aplicação destes às situações concretas (consciência atual). A *sinderesis* enquanto capacidade de perceber o bem no ser e objeto da inteligência é tida como consciência habitual, percebendo que este ser, o bem, tem uma perspectiva prática. Distinguindo as funções das leis, em exterior e interior, sua moral dinâmica sobre a liberdade interior e consciência moral, se identificam como sendo um ato de inteligência, graças à qual nos tornamos responsáveis pela conduta em face de Deus⁴⁷⁶.

Portanto, a visão de consciência tomista parte do intelecto especulativo e prático, pois ambos não são distintos e dirigem-se para o conhecimento, contemplação da verdade e praticidade⁴⁷⁷. Sendo assim, a consciência emerge da razão e se aplica em ato, indagando à vontade e consciências errôneas. Segundo Majorano, essa abordagem tomista, ressalta a indagação e validação quanto à obediência a uma consciência errônea⁴⁷⁸ em que necessariamente precisam ser ponderadas as noções de bem e mal, voluntário e involuntário, negligência e ignorância.

3.1.4 Conceito de consciência na Tradição Moderna

3.1.4.1 Características gerais

O paradigma moderno apresenta a consciência como desdobramento da liberdade. Nesse período, se apresentou o sujeito apto e não submetido às convicções impositivas. A ideia consistia em libertar o ser humano de toda opressão para contribuir na obtenção de suas próprias convicções. Assim, a liberdade da consciência fundamenta a liberdade moderna, colocando em questionamentos normas morais e lei propagadas como verdades universais e absolutas.

⁴⁷⁵ AQUINO, 2003, p.461.

⁴⁷⁶ ALMEIDA, 2010, p. 87.

⁴⁷⁷ MAJORANO, 1994, 94.

⁴⁷⁸ Idem.

Diante do cenário de grandes mudanças culturais e sociais, a consciência esteve no centro de debates enérgicos entre perspectivas futuras e discursos que fundamentaram os sistemas morais do século XVII e XVIII. No entanto, Miranda frisa que este período não resultou em predominância de conceituação moral, pois esta se desenvolveu de forma tímida, porque:

A noção de “consciência moral” se esclerosa e fossiliza como problema, com a única finalidade de mostrar até que ponto obriga uma lei moral, e, esta, duvidosa. A consciência limita-se a ser uma calculadora da probabilidade das obrigações morais e fica reduzida a simples serva da lei. Portanto, a consciência, em sua função de juízo moral da ação ou consciência atual, representa a noção mais ampliada, apesar de ser a mais reduzida⁴⁷⁹.

Essa denominação de avanço e estagnação é figurada pelo caráter operativo da lei nesse período, que para frear tais possibilidade de progresso, apelou para a dominação da lei. No entanto, esse paradigma moderno, de sensibilidade histórica e antropológica⁴⁸⁰, apresentou mudanças de grande impacto no passar do tempo, encontrando no equilíbrio de pensadores espaço para auxiliar no desenvolvimento de sistemas morais do século XVIII.

Outra característica discutida e apresentada por Majorano sobre o período moderno aponta para o entendimento de que, por uma certa dose de ansiedade, as preocupações modernas promoveram uma perspectiva predominantemente individualista para a consciência⁴⁸¹, distanciando do entendimento de pecado, de leis e de controle. Os indivíduos, ao se isolarem das determinações sociais, questionam os comportamentos dados como verdades inquestionáveis. Como resposta a esta nova perspectiva de mundo, serão desenvolvidos princípios gerais, em linguagem de lei, para ponderar tais situações.

3.1.4.2 Afonso Maria de Ligório

Afonso é considerado um importante pensador moral na etapa casuística. Seu pensamento se baseia no tratado da prudência, buscando conciliar a perspectiva mediada entre o laxismo e o rigorismo, apontando para uma moral salvífica e uma busca pela perfeição⁴⁸². De certo modo, se promove a racionalidade, a experiência e liberdade perante a lei. Segundo

⁴⁷⁹ MIRANDA, 1999, p. 299.

⁴⁸⁰ ALMEIDA, 2010, p. 90.

⁴⁸¹ MAJORANO, 1994, p. 98.

⁴⁸² VIDAL, 2003, p. 418.

Majorano, no “espírito afonsiano”⁴⁸³ há características que iluminarão todo o panorama do século XVII e XVIII.

Embora esteja imerso nas coordenadas promovidas pela casuística⁴⁸⁴ e pela modernidade – entre os dois extremos (laxismo e rigorismo) – Ligório, encontra uma posição, segundo Vidal, de equilíbrio. Sua elaboração foi de moderação, com o intuito de evitar os riscos dos sistemas morais⁴⁸⁵. Assim, fomenta a possibilidade de vincular a consciência moral à lei, a fim se elaborar um juízo da consciência. Segundo Satone:

O pensamento teológico-espiritual de Afonso de Ligório assim como a trajetória pastoral constituiu a antítese do jansenismo, que exagerava a compreensão de Deus como juiz, o exagero da necessidade da graça eficaz para viver cristãmente e a redução elitista de salvação eterna (são poucos os que se salvariam). Diante deste desvio pessimismo, a teologia afonsiana concentra-se no esforço das principais vertentes: Teologia da graça e da oração e na moral da benignidade pastoral⁴⁸⁶.

A consciência para⁴⁸⁷ Ligório se constitui como instância de moralidade, já que é decisiva para o agir. Sendo o parâmetro sobre tal, em caráter do que é bom ou não, a consciência é ambiente dessa concretização de posição moral. Dessa maneira, para Afonso de Ligório, é importante realizar um exame que vincula a consciência moral frente às normas (leis), para que, de forma honesta, resulte em juízo moral e conduza para o estabelecimento da verdade.

Segundo Satone, Ligório propõe um sistema moral, por um lado se opondo às correntes rigoristas do probabiliorismo e, por outro, apostando na liberdade⁴⁸⁸ em que a consciência é fator importante para a prática da verdade. No entanto, essa verdade é passível de salvar ou condenar. Embora a moral afonsiana e sua perspectiva acerca da consciência tenham sido inovadoras para a sua época, ainda prevalece o tensionamento entre a dimensão objetiva da lei e a subjetiva da consciência⁴⁸⁹.

⁴⁸³ Idem, 2003, 419.

⁴⁸⁴ Período histórico da Teologia moral que perdurou desde o Concílio de Trento ao período do Concílio Vaticano II. O paradigma da moral casuística intuía a aplicação de leis civis ou religiosas, a fim de alcançar concreta determinação e execução. Nesse sentido, essas instituições morais eram, por vezes, aplicadas por manuais práticos e metódicos de cunho penitencial, disciplinar e sacramental.

⁴⁸⁵ A expressão “sistema de moral” foi adotada por Santo Afonso Maria de Ligório e penetrou na linguagem comum da moral católica. Consiste na dialética entre a lei e a consciência. Cf. SATONE, Adriano Cassova. *Benignidade em Santo Afonso Maria de Ligório: perspectiva teológico-moral e aplicação pastoral*. Dissertação de Mestrado em Teologia. Universidade Católica Portuguesa, s.n. 2019, p. 30. Disponível em: < <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/29587/1/Tese%20Adriana%20Satone.pdf> >. Acesso em: 09 jul. 2022.

⁴⁸⁶ SATONE, 2019, p. 34.

⁴⁸⁷ VIDAL, 2003, p. 399.

⁴⁸⁸ SATONE, 2019, p. 44.

⁴⁸⁹ Cf. FUMAGALLI, 2012, p. 230.

3.1.4.3 John Henry Newman

A temática da consciência perpassa o pensamento newmaniano. Sua perspectiva elucida a importância da escuta obediente à consciência como meio vital para o processo da vida. Dessa forma, devido a sua singular preocupação e produção acerca da interioridade da pessoa, segundo Fumagalli⁴⁹⁰, é possível perceber na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* e no Decreto *Dignitatis Humanae*, nuances de seu pensamento.

Para Newman, por natureza, possuímos uma consciência que legitima nossos atos. Como iluminador da dimensão do que é justo ou injusto, apresenta nossa intimidade e singularidade. Assim, aparentemente, a consciência presume à uma potencialidade de singularidade. Isto significa que é:

Potencial, porque, como outras potências, abre o espírito humano ao contato com outra coisa que não ele mesmo; singular, porque, ao contrário dos objetos de outros poderes, diz respeito especificamente à percepção cognitiva e emocional do bem e do mal⁴⁹¹.

Por tais características, Newman entende a consciência como natureza humana que possui uma dimensão transcendente, porque está em contínua relação com Deus, e este, através desse instrumento, notifica e manifesta sua autoridade sobre o homem. Nesta relação se entende que a consciência é esse lugar onde a lei divina é percebida por cada pessoa individualmente. Nesse sentido, na abordagem newmaniana, essa lei divina não é instância anônima e nem impessoal, pelo contrário, é um dado de vida, pessoal e soberano⁴⁹².

Outra análise de Newman acerca da consciência é dada pela possibilidade do sujeito de conhecer a verdade, ao passo que capacita o indivíduo para tal circunstância. Esse conhecimento do verdadeiro conduz o homem a reconhecer os múltiplos aspectos da existência, significando que, caminhar para a verdade, não resulta em uma imposição fria ou normativa, mas em um reconhecimento da realidade em obediência à própria verdade. Para Newman:

O dever de respeitar a liberdade de consciência ou o dever negativo de não obrigar ninguém a agir contra a sua consciência baseia-se na própria realidade da consciência, entendida como uma faculdade volitiva. A vontade e seu postulado de liberdade, em termos kantianos, é o que é mais próprio da pessoa, o que a constitui como sujeito moral⁴⁹³.

⁴⁹⁰ Idem, 2012, 248.

⁴⁹¹ FUMAGALLI, 2012, p. 252.

⁴⁹² Idem.

⁴⁹³ PRIVITERA, Salvatore. *La coscienza*. Bologna/Itália: Centro Editoriale Dehoniano, 1986, p. 123.

Desse modo, há o entendimento de que a autoridade da consciência se dá na condição de conter uma lei em si, validando sua interioridade no processo de conhecimento da verdade. Sendo assim, no caminho apontado por Newman e assumido pelo Vaticano II, é preponderante firmar e deliberar o empoderamento da consciência frente aos condicionamentos legais.

3.1.5 A consciência moral no Concílio Vaticano II

3.1.5.1 Precedentes ao Concílio Vaticano II

O tema da formação da consciência é o imperativo fundamental para o amadurecimento do cristão no século XXI. Já no Concílio Ecumênico Vaticano II, esta questão aparecia com toda a sua força. Falar em formação da consciência em um contexto de vitalidade comunitária e eclesial, é buscar compreender o mistério de Deus e da pessoa, na história com suas circunstâncias, tentando verificar no agir as suas implicações. Independentemente da experiência eclesial vivida pela pessoa, se reconhece que a consciência, centro profundo do eu pessoal, é de onde provém as atitudes fundamentais que dão a densidade místico-espiritual à fé vivida⁴⁹⁴.

Dessa maneira, a consciência será elemento fundamental para a moralidade, e conseqüentemente, para a renovação da Teologia Moral. Segundo Anjos, a consciência constituída como tarefa importante para a vida moral, corroborou para a subtração do dado objetivo para a participação da subjetividade da pessoa⁴⁹⁵. Interpreta-se, desse modo, que a vida do sujeito detentor de si e conhecer de sua lei interior, alcança a clareza de si e suprime a obrigatoriedade moral.

Se a consciência representa a dignidade da pessoa e a responsabilidade de sua ação moral, então esta constitui uma realidade importante para a vida do homem e da mulher. Fazendo parte de sua constituição como pessoa, a consciência representa a dimensão mais profunda do eu de cada indivíduo.

3.1.5.2 *Gaudium et Spes*

⁴⁹⁴ MAJORANO, 1994, p. 8.

⁴⁹⁵ ANJOS, Márcio Fabri dos. Teologia Moral. In.: PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L. *Dicionário do Concílio Vaticano II* (1962-1965). São Paulo: Paulus, 2015, p. 945.

O Vaticano II (1962-1965), ao se aproximar das realidades humanas, reflete a questão da consciência moral, de forma singular na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*. Nesta constituição, a partir da concepção da identidade de Igreja, descreve possíveis caminhos para a necessária aproximação ao mundo contemporâneo, a vislumbrar uma nova relação fomentada pela adoção de nova linguagem teológica e de método. Dessa forma, a elaboração de esquemas morais será essencial para essa nova argumentação acerca da dignidade da pessoa humana e suas expressões.

Ressalta-se a partir dessas indicações que o Concílio institui à pessoa humana a inviolabilidade de sua dimensão íntima e profunda. Entende-se que o sujeito tem *a priori* o compromisso de si para si e se relaciona com a voz de Deus em sua interioridade. Nesse sentido, Gonçalves explica que:

A consciência é então a instância que possibilita ao homem tornar objetiva a verdade de Deus, mediante a moralidade com ressonância individual e social. Por intermédio da consciência, o homem exerce sua liberdade, que, por sua vez, não é mero império da vontade e das suas paixões, mas é o que eleva a sua dignidade, que lhe possibilita experimentar o bem⁴⁹⁶.

Especificamente na GS, a sacralidade da consciência é apontada se referindo a ela como lugar de relação, conhecimento de si e projeção mais genuína de sua identidade. Durante toda a constituição, o termo aparece ao menos 46 vezes. Porém, dá ênfase positiva à temática, ressaltando a sua importância no número 16⁴⁹⁷, onde de forma sintética se apresenta como dimensão humana de maior valia.

Segundo Anjos, ao destacar o sentido da consciência moral, o Concílio abre a dimensão religiosa, de seu discurso e entendimento moral à concepção moral do mundo contemporâneo. Nesse sentido, assume conceituações modernas para elaborar seu tratado moral em estreita relação com a individualidade da pessoa⁴⁹⁸. Sobre isso, vê-se o destaque do tema da

⁴⁹⁶ GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes. *Gaudium et Spes*. In.: PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L. *Dicionário do Concílio Vaticano II (1962-1965)*. São Paulo: Paulus, 2015, p. 399.

⁴⁹⁷ Cf. GS 16: “Na intimidade da consciência, o homem descobre uma lei. Ele não dá a si mesmo. Mas a ela deve obedecer. Chamando-o sempre a amar e fazer o bem e a evitar o mal, no momento oportuno a voz desta lei lhe soa nos ouvidos do coração: faz isto, evita aquilo. De fato, tem uma lei escrita por Deus em seu coração. Obedecer a ela é a própria dignidade do homem, que será julgado de acordo com esta lei. A consciência é o núcleo secretíssimo e o sacrário do homem onde ele está sozinho com Deus e onde ressoa a sua voz. Pela fidelidade à consciência, os cristãos se unem aos outros homens na busca da verdade e na solução justa de inúmeros problemas morais que se apresentam, tanto na vida individual quanto social. Quanto mais prevalecer a consciência reta, tanto mais as pessoas e os grupos se afastam de um arbítrio cego e se esforçam por se conformar às normas objetivas da moralidade. Acontece não raro, contudo, que a consciência erra, por ignorância invencível, sem perder, no entanto, sua dignidade. Isto, porém não se pode dizer quando o homem não se preocupa suficientemente com a investigação da verdade e do bem, e a consciência pouco a pouco pelo hábito do pecado se torna quase obcecada”.

⁴⁹⁸ ANJOS, 2015, p. 945.

liberdade, da autonomia, da responsabilidade e consciência sendo assimilados pela linguagem conciliar.

A partir das enunciações da GS 16, é possível explicitar horizontes possíveis para a moralidade da consciência moral. Em um primeiro momento, a existência da intimidade da consciência, o sujeito que descobre uma lei escrita em seu coração. Em seguida, essa intimidade do seu ser que corrobora para o discernimento próprio, e assim, a origem de uma direção de vida construída por si que exige a fidelidade a si mesmo, como impulso de crescimento pessoal e em sabedoria.

Majorano, ao comentar esse imperativo da lei interior, exprime que cada homem faz experiência de si ao encontrar em sua consciência a realização do amor. Segundo ele:

Os cristãos unem-se aos outros homens na busca da verdade e na solução da verdade dos muitos problemas morais que surgem tanto na vida dos indivíduos como na vida social. Quando a consciência certa prevalece, mais pessoas; isto é, e os grupos se afastam da arbitrariedade cega e se esforçam para se conformar às normas objetivas de moral” (n. 16). A consciência é uma necessidade e uma tensão para a verdade. Ser leal à sua consciência é o mesmo que dizer em busca da verdade, pronto para aderir a ela homem conforme você descobre⁴⁹⁹.

Desse modo, a partir da GS, a contribuição conciliar ao tema da consciência é singular, pois recupera uma teologia com aspectos pessoais e antropológicos, superando uma noção de obrigatoriedade moral. Ao fazer uso da expressão “lei interior”, são redescobertos os fundamentos bíblicos e teológicos da consciência⁵⁰⁰, como ao falar de “autonomia” se atualiza a linguagem antropológica da moral cristã.

3.1.5.3 *Dignitatis Humanae*

Outra fonte de elucidação acerca da consciência nos documentos do Vaticano II é a Declaração *Dignitatis Humanae*, sobre a liberdade religiosa. Neste, se coloca o direito da pessoa humana e das comunidades étnicas-religiosas de liberdade religiosa, valor este que corrobora na manifestação da consciência conforme suas próprias convicções, tornando-se fundamento último dos direitos da consciência e princípio moral para a dignidade humana⁵⁰¹.

⁴⁹⁹ MAJORANO, 1994, p. 110.

⁵⁰⁰ ALMEIDA, 2010, p. 68.

⁵⁰¹ Idem, p. 57.

Segundo Bogaz e Hansen, toda coação à consciência lesa a dignidade da pessoa em vários fatores⁵⁰², já que todos são chamados à liberdade. O autogoverno religioso integra também o processo da formação da consciência porque a autonomia de consciência, de crença e de opinião fundamentam a construção de unidade a partir da pluralidade⁵⁰³. Por isso, a liberdade religiosa é um direito humano que deriva da prerrogativa de observação aos apelos da consciência. Assim, diz:

Ninguém seja forçado a agir contra a própria consciência, nem impedido de proceder segundo a mesma, em privado e em público, só ou associado com outros, dentro dos devidos limites. Declara, além disso, que o direito à liberdade religiosa se funda realmente na própria dignidade da pessoa humana, como a palavra revelada de Deus e a própria razão a dão a conhecer (2). Este direito da pessoa humana à liberdade religiosa na ordem jurídica da sociedade deve ser de tal modo reconhecido que se torne um direito civil⁵⁰⁴.

No decorrer do decreto, a palavra consciência aparece ao menos 10 vezes⁵⁰⁵. Nessas aplicações, se faz referência à condição de ser respeitada e também ao exercício da liberdade no aspecto da religião. Em contrapartida, quando dessa prática de livre confissão, o documento conciliar denomina de atividade coercitiva da consciência⁵⁰⁶.

Logo, ao enunciar sobre a liberdade religiosa, é possível notar um apelo à liberdade das consciências⁵⁰⁷, dado que, para manifestar uma conduta religiosa, o indivíduo necessita escutar e obedecer a suas próprias vontades e inclinações pessoais. Diante disso, vê-se essa ideia ser desenvolvidas por teólogos que instituíram a consciência como tribunal íntimo e pessoal, que auxiliaram na elaboração do conceito de consciência no período conciliar, como, na recepção de suas implicações.

3.1.5.4 Contribuição de Bernhard Häring sobre a consciência

O teólogo Bernhard Häring se tornou referência no processo de renovação da teologia oral entre os séculos XIX e XX. Suas concepções influenciaram na inovação do método teológico-moral, bem como na abordagem acerca da consciência. Durante o acontecimento do

⁵⁰² BOGAZ, A.; HANSEN, J. Dignitatis Humanae. In.: PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L. *Dicionário do Concílio Vaticano II* (1962-1965). São Paulo: Paulus, 2015, p. 286.

⁵⁰³ Idem, p. 284.

⁵⁰⁴ DH 2.

⁵⁰⁵ Nos seguintes números: 1,2,3,11,13,14 e 15.

⁵⁰⁶ DH 10.13.

⁵⁰⁷ GOMES, M. S. Liberdade religiosa: algumas questões. *Didaskalia*, v. XXXIII, . 1-2, pp. 257-281, 2003, p. 275. Disponível em: < <https://revistas.ucp.pt/index.php/didaskalia/article/view/1581/1508> >. Acesso em: 10 jul. 2022.

Vaticano II, Häring colaborou nos trabalhos das comissões teológicas na fase preparatória e durante as sessões como perito conciliar.

Os temas que se somavam à sua função eram sobre: a vocação de todos à santidade, a renovação do conceito de Igreja, a colegialidade, a vocação e participação laical, o ecumenismo e a liberdade religiosa⁵⁰⁸. Sua participação é efetiva e imprimirá moções nas discussões e textos conciliares, com relevante destaque na *Lumen Gentium*, *Dignitatis Humanae*, *Optatam totius* e na *Gaudium et Spes*.

Na constituição pastoral GS, em específico, o teólogo ao empenhar a função de secretário da redação, elaborou os aspectos sobre matrimônio, cultura, política, mas principalmente, incorporando o texto com a emenda sobre a consciência⁵⁰⁹. São de Bernhard Häring as palavras iniciais da constituição: “As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, dos pobres sobretudo e daqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo”⁵¹⁰.

Na GS, o entendimento de consciência remete ao lugar de expressão da pessoa. Nesse sentido, manifesta certa oposição à rigidez da norma ao propor o caminho da liberdade, do discernimento e da responsabilidade da pessoa. Essa construção é haringueriana, e ocupa relevância em suas obras, sendo estimado como fonte de transformação para o tratado da consciência⁵¹¹. Propondo uma teologia moral tendo referências com a cristologia, sendo pneumática e mais teológica, o teólogo conceberá uma estrutura de pensamento baseada na dignidade da pessoa humana, vocacionada a Cristo⁵¹².

Diante desse indicativo, a justifica se dá por meio de sua obra “*A lei de Cristo. Teologia Moral para sacerdotes e leigos*” de 1954, na qual o teólogo inaugura uma mudança de época, da moral casuística à moral renovada. Nesta obra, seu ponto de partida é Cristo, sua

⁵⁰⁸ Cf. ANJOS, Marcio Fabri dos. Häring, Bernhard. In.: PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L. *Dicionário do Concílio Vaticano II* (1962-1965). São Paulo: Paulus, 2015, p. 425.

⁵⁰⁹ GS 16.

⁵¹⁰ Cf. ARAÚJO, J. W. C. de. *A noção de consciência moral em Bernhard Häring e sua contribuição à atual crise de valores*. Tese de Doutorado do Programa de Pós Graduação em Teologia da PUC-RIO. Rio de Janeiro: s.n, 2007, pp. 137-138. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/10103/10103_4.PDF>. Acesso em: 12 julh. 2022.

⁵¹¹ Cf. f. KEENAN, James F. *História da Teologia Moral Católica no Século XX: das confissões dos pecados à libertação das consciências*. São Paulo: Loyola, 2013. p. 116

⁵¹² ALMEIDA, A.; FERREIRA, L.; MELO, A. A formação da consciência em uma cultura de “sujeitos bolhas” cristãos. Uma análise ético-teológica propositiva a partir da moral social do Papa Francisco. *Revista Encontros Teológicos*, v. 36, n. 1, jan.-abr., 2021, p. 163. Disponível em: <<https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/view/1647/1324>>. Acesso em: 11 jul. 2022.

lei, o seguimento à sua proposta e o permanente diálogo com ele⁵¹³. Segundo Araújo, os possíveis erros que a consciência pode executar não retira a dignidade da pessoa pois, segundo o tratado haringueriano:

Na medida em que a verdade e os valores objetivos estiverem envolvidos, a consciência humana certamente nunca será infalível. O Concílio reconhece que o erro na avaliação acontece bastante frequentemente.... Porém, quase sempre sem culpa pessoal e sem que a consciência perca a sua dignidade. Acontece isto sempre que as intenções são retas e que a consciência está procurando sinceramente a melhor solução... O mal maior se dá quando a consciência se torna insensível e cega⁵¹⁴.

Logo, ao destacar a consciência como lugar de encontro e manifestação, a caracteriza como *locus theologicus*, pois há na profundidade da pessoa humana, em sua interioridade e autoridade sobre si, o transcendente. Nesse sentido, conforme as noções de Häring, a consciência passa a ser um lugar inviolável e de encontro de Deus com a pessoa, superando a noção da lei e via de orientação vertical subordinável entre Deus e a pessoa.

Posto isto, se indica a importância que a consciência tem na constituição do indivíduo e como esta dimensão também é observada de forma singular pelo contexto religioso, em períodos distintos, a qual em nada prejudica sua crença, mas corrobora para sua veracidade ética e moral. Nesse sentido, a partir dessa construção teológica sobre a consciência, será possível analisar, através dos elementos de interioridade, lei, autenticidade e responsabilidade; o processo de subjetivação na Comunidade Shalom.

3.2 A formação da consciência na Comunidade Católica Shalom

Nessa seção, a partir das chaves elucidativas recebidas nos seguimentos textuais anteriores acerca da importância da consciência para a constituição do sujeito, será desenvolvida uma aproximação e análise do cenário da Comunidade Shalom. É possível notar que, através da linguagem digital, textual ou discursiva, o contexto comunitário em questão influencia, em certa dose, na disciplina e orientação das consciências. Por vezes, de forma sutil,

⁵¹³ Cf. BRAVO, José Manuel Valente. *Lei, liberdade e fidelidade: na teologia moral de Bernhard Häring*. Dissertação de Mestrado, s.n, 2014, pp. 19-22. Disponível em: < <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/17633/1/Tese%20MIT%20-%20LEI%20LIBERDADE%20E%20FIDELIDADE.pdf> >. Acesso em: 13 jul. 2022.

⁵¹⁴ ARAÚJO, 2007, p. 142.

em outras, com tom mais veemente. Entretanto, é possível indicar que, mesmo por meios distintos, o resultado é alcançado: a domesticação do leigo. Fato este preocupante, porque respalda um entendimento eclesiológico pré-conciliar, desigual e clerical⁵¹⁵. Deseja-se evidenciar como esses indivíduos têm em mãos possibilidade de alimentar as suas vidas, escolhas e horizontes eclesiais e não eclesiais. Enfim, o objetivo é analisar um fenômeno em curso, ressaltando a urgência de criar meios para despertar subjetividades para uma ética da existência autêntica e verdadeira.

3.2.1 A formação da consciência no ambiente digital

A aproximação ao exercício digital da CCSH é uma iniciativa de questionar a forma e o conteúdo comunicado. Cientes que o amadurecimento do sujeito se faz por meio de sua conexão, a partir do consumo dos conteúdos postados, se nota a possível assimilação e reprodução comportamental. A hipótese que emerge é a de que o “ouvinte digital” toma algum posicionamento ou defende uma forma de discurso através do material que consome virtualmente, de forma até inconsciente.

As redes digitais são formas de comunicação com potencial significativo na produção de sentido, o que significa, segundo Cavaleiro e Brandão, que constroem uma visão de mundo, reverberam paixões e determinam uma visão de verdade⁵¹⁶. Isso indica que, ao comunicar, interagir, representar e narrar, nesse ambiente digital, há o objetivo de seduzir e convencer, orientar e dominar de forma estratégica. Tal dominação é prevista na relação entre aquele que publica e o seu consumidor.

Diante desse cenário, do poder que as redes sociais detêm, emerge um novo modelo educativo de forma digitalizada. Isto posto, é possível se aproximar do efeito Shalom nas mídias sociais, uma vez que a comunidade deseja investir nessas plataformas para promover uma rede de comunhão e meio de girar notícias⁵¹⁷. A sua presença nesses ambientes é em vista da evangelização⁵¹⁸ e:

Chamados, entrando nesse continente digital, pela força do Espírito e tendo o instrumento da Palavra de Deus, que é como uma espada de dois gumes (Hb

⁵¹⁵ Cf. BRIGHENTI, 2019, p. 9.

⁵¹⁶ CAVALHEIRO, G.; BRANDÃO, C. G. Comunicação e retórica: um contexto teórico para pensar a pós-verdade. In.: GUARESCHI, P.; AMON, D.; GUERRA, A. *Psicologia, comunicação e pós-verdade*. Florianópolis: ABRAPSO, 2017, pp. 84-85.

⁵¹⁷ DAG 2019, 2020, p. 210.

⁵¹⁸ DIAS, Gabriela. *Pescadores de homens*. Aquiraz/CE: Edições Shalom, 2015, p. 222.

4,12), que penetra as profundezas e sabe dividir todas as coisas, a separar o que é bom do que é mal, e a iluminar as trevas pelo anúncio do Evangelho⁵¹⁹.

É deste modo que a rede digital da Comunidade Shalom se organiza. Há o portal, “comshalom.org”⁵²⁰, que apresenta notícias da Igreja, o Santo do dia, orações, diversas formações disponíveis, atividades da comunidade, bem como a divulgação de produtos confeccionados e produzidos pela comunidade: livros, objetos, camisetas, ícones, etc.

As redes sociais se encontram dessa maneira: em seu Instagram, “@comshalom”, há em torno de 319 mil seguidores⁵²¹ com cerca de 6.215 publicações. No Facebook “comshalom” há mais de 610 mil pessoas que curtem a página⁵²². No Twitter há 88 mil seguidores⁵²³. Em sua página no Youtube, mais de 350 mil escritos⁵²⁴. Por fim, no aplicativo musical Spotify, chega a 227 mil ouvintes mensais⁵²⁵.

Essas contas funcionam como uma espécie de matriz ou fonte, pois em cada região que a comunidade se encontra – com casas e centros de evangelização –, há uma conta específica regional. Por isso, no contexto de São Paulo há nas redes a missão denominada “Shalom São Paulo”. Nela, há aproximadamente 13 mil seguidores com cerca de 1.700 publicações somente no seu Instagram⁵²⁶. Na missão “Shalom Rio” são 16 mil seguidores com 616 publicações⁵²⁷. Tais exemplos evidenciam a realidade atual da conectividade da comunidade com significativo alcance de milhares de pessoas. Isso faz emergir o contexto de observação das notícias, que assistidas, curtidas e compartilhadas, expressam o pensante reinante desse clã religioso.

⁵¹⁹ COMUNIDADE CATÓLICA SHALOM. Revista Escuta: tempo novo. Aquiraz/ CE: Edições Shalom, 2020, p. 182.

⁵²⁰ COMUNIDADE CATÓLICA SHALOM. Portal. Disponível em: < <https://comshalom.org/> >. Acesso em: 14 jul. 2022.

⁵²¹ COMUNIDADE CATÓLICA SHALOM. Perfil. Disponível em: < <https://instagram.com/comshalom?igshid=YmMyMTA2M2Y=> >. Acesso em: 14 jul. 2022.

⁵²² COMUNIDADE CATÓLICA SHALOM. Página inicial. Disponível em: < <https://www.facebook.com/comshalom> >. Acesso em: 14 jul. 2022.

⁵²³ COMUNIDADE CATÓLICA SHALOM. Perfil. Disponível em: < <https://twitter.com/comshalom> >. Acesso em: 14 jul. 2022.

⁵²⁴ COMUNIDADE CATÓLICA SHALOM. Página. Disponível em: < <https://www.youtube.com/user/comshalom> >. Acesso em: 14 jul. 2022.

⁵²⁵ COMUNIDADE CATÓLICA SHALOM. Artista verificado. Disponível em: < <https://open.spotify.com/artist/0t9f7kAQ1wKeHeLC25ZYin> >. Acesso em: 14 jul. 2022.

⁵²⁶ COMUNIDADE CATÓLICA SHALOM. Perfil: Shalom São Paulo. Disponível em: < <https://instagram.com/shalomsaopaulo?igshid=YmMyMTA2M2Y=> >. Acesso em: 14 jul. 2022.

⁵²⁷ COMUNIDADE CATÓLICA SHALOM. Perfil: Shalom Rio. Disponível em: < <https://instagram.com/shalomrio?igshid=YmMyMTA2M2Y=> >. Acesso em: 14 jul. 2022.

Nesse sentido, a religião tem cada vez mais conquistado espaço nas mídias, as vendo como potenciais instrumentos de disseminação de discurso e múltiplas verdade. Os indivíduos estão ali⁵²⁸ para serem conquistados, ignorados ou ameaçados, porque:

Os relacionamentos online podem se tornar desumanos, pois esses espaços digitais nos cegam à vulnerabilidade do outro e dificulta a reflexão pessoal. Criando uma realidade paralela a ignorar a dignidade humana, tendo pessoas isoladas e que se autoafirmam, regando a própria personalidade e aspectos que o identificam⁵²⁹.

Diante de tais interesses, a consciência se encontra vulnerável, porque por esses mecanismos de manipulação, as plataformas acabam dificultando o encontro, o discernimento, gerando até ódio, repulsa e indiferentismo diante dos fatos⁵³⁰. Mesmo perante um largo campo formativo que a comunidade possibilita, pode ser indicada uma falha na formação da consciência contextualizada e consciente da realidade.

Como o campo é vasto para a análise no cenário do ambiente digital da Comunidade Shalom pelo alto número de publicações, é oportuno escolher vias para essa reflexão. Elencou-se duas: a realidade Pandemia e Vacina e a violência no Rio de Janeiro. Em um primeiro momento, é perceptível que as notícias publicadas no Facebook são matérias produzidas pelo site oficial da comunidade “comshalom.org”, com a média de novas publicações diárias em torno de 9 a 11 matérias.

Primeiro, em 11 de março de 2020, a OMS declarou a doença causada pelo novo coronavírus COVID- 19 como pandemia, significando uma ruptura de rotinas e a adesão de condutas sanitárias: distanciamento social, uso de máscara etc. No site da comunidade, ao colocar na guia de busca o termo “COVID 19”, “pandemia” e “vacina” aparecem comunicados, testemunhos e informes de alteração de atividades. Ao observar o Facebook e o Instagram, da conta “ComShalom”, há a replicação das matérias, um comunicado do fundador de 23 de março de 2020⁵³¹ que diz da importância do isolamento social naquele momento. A partir desse momento, não há mais divulgação de informações concretas. Desde 23 de março, passando pelo

⁵²⁸ PAPA FRANCISCO. *Exortação Apostólica pós-sinodal Christus Vivit aos jovens e a todo o povo de Deus*. Disponível em: < https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20190325_christus-vivit.html >. Acesso em: 14 jul. 2022.

A partir desse momento CVv.

⁵²⁹ CVv 90.

⁵³⁰ Cf. CVv 89.

⁵³¹ COMUNIDADE CATÓLICA SHALOM. *Palavra do fundador*. Disponível em: < <https://www.instagram.com/tv/B-FzoaDpkbo/?igshid=YmMyMTA2M2Y=> >. Acesso em: 14 jul. 2022.

início da vacinação no Brasil, em 17 de janeiro, não há no Instagram, na conta ComShalom, referência a esses contextos.

Ainda sobre a Vacina, há ausência da reverberação dessa realidade. É sabido que núcleos antivacinas surgiram inclusive no meio religioso. Acerca disso, o cardeal Dom Odilo, da Arquidiocese de São Paulo, a favor das vacinas, publicou uma carta manifesto sobre essa realidade⁵³². No entanto, essa notícia está ausente das redes sociais do Shalom – inclusive da missão de São Paulo⁵³³.

Em 6 de maio de 2021, em Jacarezinho, uma das favelas do Rio de Janeiro, ocorreu a mais letal operação da história do Rio de Janeiro, com 28 mortos. Segundo o *El país*, as 21 pessoas investigadas por suspeita de aliciamento de menores para o tráfico de drogas, motivo este que resultou na entrada da polícia no local⁵³⁴. Entre os mortos, há moradores e um policial. Por tal contexto, muitas manifestações surgiram.

A arquidiocese do Rio, pelo Cardeal Orani, se manifestou pelo ocorrido mostrando estarrecimento e encorajou para o caminho da paz frente aos conflitos⁵³⁵. No mesmo dia, a CNBB pelo twitter também relatou o caso, da seguinte maneira: “devemos às vítimas do Jacarezinho o esforço comum por paz, justiça e vida. Violência e morte são respostas. Desumanizam, entristecem e envergonham #chacinadojacarezinho”⁵³⁶.

Perante o exposto, mais especificamente, na cidade do Rio de Janeiro, nenhuma das seis casas da Comunidade Shalom, localizadas nas seguintes regiões do Shopping Vila Brasil, Catete, Santa Cruz, Recreio dos Bandeirantes, Maracanã e Niterói, replicaram a nota da arquidiocese ou emitiram algum pesar⁵³⁷. Dessa forma, a partir desses contextos apresentados e dos posicionamentos tomados frente a situações de dor e sofrimento, nesse silêncio de não

⁵³² Cf. ARQUIDIOCE DE SÃO PAULO. *A favor da vacinação*. Disponível em: < <https://j.pucsp.br/noticia/cardeal-lanca-manifesto-favor-da-vacina> >. Acesso em: 14 jul. 2022.

⁵³³ Sem menção no Instagram como na página do Facebook a partir da data de divulgação da carta, dado em 17 de janeiro de 2021.

⁵³⁴ OLLIVEIRA, C.; BETIM, F. *Mortos na chacina do Jacarezinho sobem para 28*. Disponível em: < <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-05-07/maioria-dos-mortos-na-chacina-do-jacarezinho-nao-era-suspeita-em-investigacao-que-motivou-a-acao-policial.html> >. Acesso em: 14 jul. 2022.

⁵³⁵ Cf. INSPETORIA SÃO JOÃO BOSCO. *Comunicado oficial da Inspecção São João Bosco sobre o Jacarezinho*. Disponível em: < <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/609145-comunicado-oficial-da-inspetoria-sao-joao-bosco-sobre-o-jacarezinho> >. Acesso em: 14 jul. 2022.

⁵³⁶ CNBB. *Twitte de 7 de maio de 2021*. Disponível em: < <https://twitter.com/cnbbnacional/status/1390834362850107392> >. Acesso em: 14 jul. 2022.

Comentário sobre o ocorrido na CNBB, em 07 de maio de 2021. Fonte: CNBB. *Dom Joaquim Mol: “A comunicação não é passiva, ela pacífica, ela constrói a paz”*. Disponível em: < <https://www.cnbb.org.br/entrevista-dom-mol-comunicacao-55-dmcs/> >. Acesso em: 14 jul. 2022.

⁵³⁷ Cf. Pesquisa nos perfis das redes sociais das missões mencionadas.

envolvimento, se observa a escola por um apartamento dos sinais emitidos pelos contextos sociais, que fragilizam a integridade do Evangelho quando se distancia das esferas sociais.

Essa ausência de sensibilidade social reflete na dita desmobilização da consciência social⁵³⁸ que é, segundo Almeida, a postura de, diante de uma pobre crítica social, o indivíduo se norteia estritamente pelo consumo do banal. Nesse sentido, a banalidade é entendida na realidade de uma visão fragmentada do contexto, proporcionando o que Hannah Arendt dirá de uma normalização do mal⁵³⁹. A negação de contextos periféricos resulta em um ambiente autorreferencial e narcísico, já que os indivíduos olham apenas para si mesmos, para seu grupo e seus pares.

3.2.2 A concepção de mundo na perspectiva do Shalom

No capítulo IV da *Lumen Gentium* se elucida a questão do leigo ao identificar sua missão vocacional na dimensão secular⁵⁴⁰ como também, na sua contribuição para o bem da Igreja, na prática pastoral e responsabilidade eclesial⁵⁴¹ por seus dons e carismas próprios. O leigo e leiga são aqueles indivíduos que não pertencem às ordens sagradas e não são religiosos⁵⁴². A estes, se entende que são batizados que constituem o Povo de Deus e são participantes cumpridores da missão na Igreja e no mundo⁵⁴³.

O texto frisa também “o caráter secular que caracteriza os leigos”⁵⁴⁴, engrandece sua vivência na secularidade, pelo ofício nas diversas profissões, no ambiente familiar e social. Estes são “chamados nesses ambientes por Deus, e como leigos, para viver segundo o espírito do evangelho”⁵⁴⁵. Por este ofício, tornam a Igreja presente e ativa nos lugares, sendo sal da terra, e tendo “(...) o apostolado como participação na missão da igreja, que tem como núcleo a caridade para com Deus e para com os homens; agindo em toda parte como adoradores de Deus, os leigos consagram o mundo a Deus”⁵⁴⁶.

⁵³⁸ ALMEIDA, André Luiz Boccato de. *Moral Socia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021, p. 44.

⁵³⁹ ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a Banalidade do Mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 51.

⁵⁴⁰ LG 31.

⁵⁴¹ LG 33.

⁵⁴² LG 31.

⁵⁴³ LG 30.

⁵⁴⁴ LG 31.

⁵⁴⁵ LG 31.

⁵⁴⁶ LG 34.

A partir dessa chave de leitura sobre o mundo e os leigos, em sua validação benéfica da presença de estar na secularidade, se projeta identificar a abordagem da Comunidade Shalom sobre o tema, já que a maioria dos seus membros estão localizados no meio secular.

Em um primeiro momento, a comunidade fundada no contexto latino-americano por leigos e descendente do acontecimento do Vaticano II, tem no laicato sua força de ação e vê nessas a possibilidade de realização de suas intenções vocacionais. Assim, como é mencionado em seus estatutos, a missão de seus membros é a de “(...) implementar a paz no mundo e transformar como santificar os meios”⁵⁴⁷.

Dessa forma, enviados ao mundo, os membros da comunidade constroem essa paz pela verdadeira conversão à Jesus, entendendo que as dimensões da paz social e política não são plenas, pois são geradas pelo mundo, se tornando distantes da que é prometida e proporcionada por Deus à humanidade. Assim diz,

Enquanto os homens procurarem a sua paz e a sua salvação em si próprios, enquanto acharem que podem resolver os seus problemas e os do mundo por si mesmo, enquanto pensarem que podem instalar uma paz social e política e assim, trazer a felicidade geral ao mundo, sem a conversão dos corações a Jesus, sem reconhecê-lo como a solução, a salvação para todo homem e para a humanidade, longe eles estarão da paz, do Shalom que Deus quer Instaurar na face da terra⁵⁴⁸.

Isso significa que a radicalidade pregada é avessa ao imperativo de mundo com suas próprias dimensões, porque este é entendido como constituído de pecado e concupiscência, indicando a possibilidade de negação à Deus. A pregação vinculada dissemina que é preciso vencer o mundo por uma tônica da dimensão espiritual que transcende os valores mundanos⁵⁴⁹, porque estes tiram o sabor da vida cristã.

Essas duas dimensões sobre a consciência diante do ambiente digital e o entendimento de mundo refletem a ideia assimilada sobre o homem. Segundo o fundador da comunidade, a clareza que se tem acerca do homem no cenário da comunidade é que este se identifica como um ser transcendente e relacional, na perspectiva que este se relacione com Deus e com seus irmãos⁵⁵⁰. Contudo, ao se tratar de mundo, como os exemplos mencionados, é possível observar que a consciência exprime certa fragilidade, pois não se permite ser afetada pelos cenários

⁵⁴⁷ ECCSh, 2012, p. 11.

⁵⁴⁸ Idem.

⁵⁴⁹ GUERRA, Jean Brás. *Mundano hoje: reflexões do papa Francisco*. Aquiraz: Shalom, 2019, p.12.

⁵⁵⁰ Cf. AZEVEDO FILHO, Moises Louro de. O mistério do homem: pecador vocacionado à santidade. In.: *Revista Parresia. A visão de homem no carisma Shalom*, vol. 1, nº 1. Aquiraz/CE: Edições Shalom, 2019, p. 175.

atuais, proporcionando uma vivência laical apartada da realidade e verticalizada, exclusivamente, ao transcendente. Desse modo, é importante vincular ao aspecto de uma consciência amadurecida, o autoconhecimento como a visão de social.

3.3 Uma reflexão sobre a vivência laical e da consciência na Comunidade Shalom

Nessa última sessão, após ter realizado um caminho de construção de sentido acerca da vocação laical e da importância da consciência na vida da pessoa, será fomentado uma leitura desses fenômenos, contextualizados na Comunidade Shalom, possibilitando uma avaliação e propondo aspectos importantes diante de questões emergentes. Perante essas análises, da conjuntura digital e formativa, se quer corroborar na elucidação de conceitos e características que condicionam o tratamento dado pela Comunidade Shalom à vocação laical e à autonomia da consciência. Nesse sentido, se deseja levantar hipóteses, desafios e horizontes possíveis para questões existentes que são encontradas nos ambientes das novas comunidades, especialmente, com relação ao laicato.

3.3.1 Cenários de crise: a realidade do sujeito nas novas comunidades

O objetivo dessa pesquisa não se constituiu na meta de desvalorização das contribuições que as novas comunidades eclesiais proporcionaram nos últimos anos no ambiente religioso. É notório sua inovação de métodos e presença em contextos que outrora não eram vistos como importantes para a pastoral. Além de serem uma valorosa contribuição para a renovação da Igreja, no aspecto missionário e comunitário, há de se ressaltar o forte protagonismo dos leigos nessas comunidades.

Em contrapartida, essas organizações promovem um cenário conflituoso, no sentido de que há a administração de discursos ainda apegados ao tradicionalismo, dogmatismos e o peso da norma⁵⁵¹, resultando assim em cenários tanto de crise institucional como de foro pessoal. Esse aspecto se justifica pela ação de se conectarem com muita facilidade e eficácia à pessoa humana, que carrega em si os apelos e características de seu tempo mas que, diante de um certo discurso idealista, se tem a realidade escancarada. De modo contrário, quando esse

⁵⁵¹ LIBÂNIO, João Batista. *Cenários da Igreja*. São Paulo: Loyola, 1999, p. 12.

sujeito não alcança a consciência de si, os processos são normalizados e simplesmente executados.

A cerca disso, na relação de discurso e consciência, Michel Foucault, desenvolve uma benéfica análise. Para o filósofo, a subjetividade é a maneira com que o indivíduo faz a experiência de si, em meio à propagação de discursos verdadeiros. Em outras palavras, será que este alcançaria o conhecimento de si perante a universalização de práticas? Muito provável que não. Segundo Foucault:

É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado [...]. Esses, métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as “disciplinas” [...] existentes há muito tempo: nos conventos, nos exércitos, nas oficinas também⁵⁵².

Entende-se que quando se propõe um programa de vida que tem como projeto uma perfeição ideal, se educa esse corpo (essa consciência) para mera execução sem a possibilidade de considerar as ambiguidades que atravessam a existência humana. Isso é característico em um processo de formação que não propõe a individualidade, mas a singularidade da pessoa que se enquadra na organização. Foi visto que a Comunidade Shalom é composta por centenas de indivíduos que são acompanhados mensalmente, geralmente guiados por orientações pré-estabelecidas. Qual o papel do discernimento durante essas sessões?

Francisco, ao indicar a conduta frente aos dilemas existenciais, propõe o reconhecimento do discernimento para um dileto exame de consciência⁵⁵³, a fim de não a anestesiar. Vê-se que ao invés da formação corroborar na maturidade humana, ela infantiliza, quando tudo se terceiriza, pede ou submete a guarda de outro alguém. Por vezes é enunciado como obediência, mas é notório que esta é fragilizada, pois domina e decide por este. Sendo assim, impera na comunidade uma forma de governo que produz uma verdade pré-estabelecida para o sujeito, sem sua plena e crítica participação.

Outro aspecto de dilema é o que já era mencionado por Libânio nos anos 90. Existe uma dificuldade de diálogo entre a hierarquia e essas novas formas associativas⁵⁵⁴, porque se interpretam de formas distintas aspectos dogmáticos, morais e administrativos. No caso

⁵⁵² FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, pp. 134-135.

⁵⁵³ PAPA FRANCISCO. *Gaudete et exsultate sobre a chamada à santidade no mundo atual*. Disponível em: < https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20180319_gaudete-et-exsultate.html#O_discernimento >. Acesso em: 25 jun. 2022

⁵⁵⁴ Cf. Libânio, 1999, p. 29.

analisado, tal questionamento começa com a não assimilação a uma pertença territorial com a igreja local, o que Francisco denominará de instituições e comunidades que se transformam em nômades sem raízes⁵⁵⁵.

Isso significa que esses movimentos leigos com espiritualidade carismática, em certo sentido, reforçam a identidade e discurso da sua instituição, se isolando dos demais mecanismos eclesiais. Essa atitude é corriqueira e justificada pela gama de atividades evangelizadoras. Nessa tensão, a evangelização desenvolvida é nomeada de proselitista. Vemos que as paróquias e comunidades carecem de agentes de pastorais, dizimistas e colaboradores – como as congregações mais antigas, carecem de novas vocações. No contexto dessas comunidades, contudo, como em efeito de massa, há agremiação de dezenas, centenas de pessoas. Acerca disso, Libanio explica:

A igreja institucional está em sofrimento sangria por conta da sedução de nossas experiências religiosas, oferecidas por movimentos e denominações religiosas, uns brotam no interior do cristianismo sob a forma fundamentalista ou carismática. Outros remontam a religiões orientais. São grupos dos mais diversos tipos, que se centram em um líder carismático e autoritário, dotado de forte poder sobre seus adeptos, que às vezes chega ao extremo de despotismo⁵⁵⁶.

Não seria esse o ponto central da noção do dilema? Diante de uma sociedade tão plural, autônoma e de entendimento de fenômeno religioso em plano secundário essas associações sabem alimentar o imaginário de paraíso perdido e encontrado, postulada no que Bauman descreve como uma sensação de aconchego, de proteção e de entendimento mútuo⁵⁵⁷. Dessa maneira, prevalecem suas narrativas e a figura de autoridade da comunidade é postulada como núcleo de veracidade e profetismo, possibilitando que as vozes contrárias, de consciência distinta, ou também da hierarquia eclesiástica, tenham menor importância.

Outra questão delicada é a ausência de diálogo com a sociedade e com as outras organizações que a integram. O Papa Francisco faz referência a essa questão como sendo a tentação de uma autorreferencialidade, se apresentando como “a novidade” e a resposta atual para a Igreja⁵⁵⁸. Esse discurso autorreferencial, perante as características de mundo e sociedade

⁵⁵⁵ EG 29.

⁵⁵⁶ LIBÂNIO, 1999, p. 24.

⁵⁵⁷ BAUMAN, 2003, pp. 9-10

⁵⁵⁸ PAPA FRANCISCO. *Saudação do papa Francisco aos participantes no encontro das associações de fiéis, dos movimentos eclesiais e das novas comunidades*. Disponível em: < <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2021/september/documents/20210916-associazioni-fedeli.html> >. Acesso em: 16 jul. 2022.

que estão em uso, corrobora para a sustentação de certos preconceitos de ordem religiosa, sexual, política e econômica.

Ainda sobre essa centralidade em suas orientações comunitárias, em decorrência de seus interesses, é possível notar também certa reação pré-moderna, especialmente acerca das implicações do Vaticano II. Ao observar que este Concílio está sendo adaptado às mudanças eclesiais necessárias e que permitiram uma maior visibilidade dos leigos e seu protagonismo na dimensão pastoral e secular, sua vivência prática é negada em contextos comunitários.

Logo, diante desse cenário de muitas fundações com aspectos tradicionalistas e erigidos por leigos, a questão que emerge é: será que o “espírito” do Concílio, quando dizia do protagonismo do leigo, se referia a fundar comunidade ou o protagonismo frente a sua consciência? Outra questão: não teriam esses novos cenários eclesiais clericalizado os leigos, os inserindo em realidades similares à ordens e congregações religiosas? É possível que sim.

3.3.2 Do neoultramontanismo ao distanciamento das inspirações do pontificado de Francisco

O ultramontanismo⁵⁵⁹ foi um movimento contrário às tendências eclesiológicas e teológicas que rechaçavam toda e qualquer tentativa de eliminar o poder religioso católico na figura soberana do papa. Tal aspecto pode ser notado no período do advento das ideias modernas, perante uma instituição que temia a perda do poder e da centralidade na sociedade. Observa-se que, para a defesa dessa ideia, se condenam as transformações sociais e um discurso religioso mais aberto ao tempo presente e autorreferencial.

Tais características ultramontanistas podem ser indicadas nesses novos movimentos, pelos seguintes motivos. Primeiro, a palavra do papa é central para eles. As autoridades locais não são referendadas acerca de orientações locais. Tal aspecto se justifica, no contexto da Comunidade Shalom, pela ausência de elementos do CELAM e da CNBB em seus discursos,

⁵⁵⁹ Como termo, ‘ultramontanismo’ foi usado inicialmente no século XIII para designar papas escolhidos no norte dos Alpes. Seis séculos mais tarde, porém, o termo sofreu uma mudança radical e veio a significar as pessoas ou os partidos que seguiam a liderança política e a orientação espiritual dos papas, na luta contra os estados levados pelas correntes de nacionalismo e liberalismo, os quais olhavam a Igreja como uma agência governamental a ser controlada ou como um inimigo a ser destruído. Cf. AZEVEDO, F. A INESPERADA TRAJETÓRIA DO ULTRAMONTANISMO NO BRASIL IMPÉRIO. *Perspectiva Teológica*, [S. l.], v. 20, n. 51, 1988 p. 213. Disponível em: <<https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/1680>>. Acesso em: 19 jul. 2022.

palestras e livros. O importante é centralizar nos dizeres vindos do Vaticano e em determinados períodos, pois há no ambiente dessas novas formas associativas, por exemplo, a singular observância à normativa do pontificado de João Paulo II.

Eu diria que pelo fato de a Comunidade Shalom nascer em 1982, a maior influência antropológica do nosso Carisma seria São João Paulo II [...] Toda a influência da Igreja, no entanto, na nossa época veio dele. A gente não pode separar a maneira de ver o homem no Carisma, da filosofia, da antropologia e da teologia de João Paulo II. Então, nós somos aquela geração que recebeu dele uma visão bastante nova sobre o homem⁵⁶⁰.

No entanto, diante das reformas conduzidas pelo pontificado atual, se nota que essa fidelidade ao papa não prevalece. Com Francisco, no espírito de seu ministério, ocorre conflito de diferentes projetos de Igreja e o ideal que muitas novas comunidades projetam são questionados. Segundo Passos, as reformas desejadas por Francisco exortam à conversão do sujeito e a mudança de mentalidade⁵⁶¹, envolvendo a questão eclesiológica como social, cultural e institucional.

Outro aspecto a ser mencionado é que esses movimentos eclesiais são contrários a tudo que provoca seus discursos engessados no aspecto moral e social. Linhas mais revisionistas e integradoras são veemente excluídas, enquanto se adequam facilmente às falas católicas, protestantes e partidárias mais conservadoras.

Não é certo dizer que o carisma do pontífice atual é protagonista nesses cenários. Francisco é lembrado sim, mas somente quando suas exortações vão ao encontro com os determinados interesses desses grupos. Quando alguma fala, documento e gesto rompe a fronteira, o passado se torna mais condecorado de autoridade teológica e verdade dogmática. As tentativas, mesmo que tímidas, de aproximação de Francisco à comunidade LGBT são vistas como escândalo, assim como às disposições pastorais que são guiadas nesses ditames. O espírito e preocupação social do pontificado de Francisco não é entendido e recaí em preconceitos que são justificados pela ausência de conhecimento teológico e histórico.

⁵⁶⁰ NOGUEIRA, Maria Emmir Oquendo. O homem, caminho para a paz. In.: Revista Parressia: *A visão de homem no Carisma Shalom*, vol. 1, nº 1. Aquiraz/ CE: Edições Shalom, 2019, p. 166.

⁵⁶¹ PASSOS, João Décio. *As reformas da Igreja Católica: posturas e processos de uma mudança em curso*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018, p. 160.

3.3.3 Possíveis horizontes para o fenômeno das novas comunidades e formação da consciência

As novas comunidades, no contexto atual, já fazem parte da estrutura eclesial de forma concreta e ativa. Isso quer dizer que sua atuação não é mais despretensiosa, pois ganharam tanto projeção institucional como também social, visto que, no momento político atual no Brasil, elas possuem uma singular influência sobre os seus adeptos de maneira digital e informativa. Esta percepção é visível na relação próxima com o discurso proferido pela ala mais conservadora e ideológica política, de maneira que, pelos seus meios, acabam impulsionando tal posicionamento.

Pela importância que essas fundações conseguiram atingir, é possível entender que esses contextos laicais, deixaram de existir de maneira “clandestina”, muito em vista do não acompanhamento das autoridades eclesiais. Isso resultou em uma expansão numérica de fundações de forma descoordenada com tensionamentos na relação com a Igreja local. Diante dessas perspectivas iniciais, não se objetiva elucidar somente perigos eminentes, mas entender que o horizonte que se delineia traz preocupações e novas possibilidades.

É impossível negar o dom evangelizador figurado nessas famílias religiosas. A evangelização é um dado supracitado em suas publicações, motivações e normas. A postura evangelizadora é constante e inegociável. O protagonismo laical nas instâncias de governo, ministério e fundação existe. O laicato tem projeção nessa organização comunitária, mesmo que convivendo com presbíteros. Vê-se essa postura, por exemplo, no que acontece na Comunidade Shalom: leigos à frente de instâncias deliberativas.

Ainda sobre o dado da evangelização, é característico a linguagem jovial e atrativa. Têm-se nesses cenários uma proposta de vida que, em um primeiro momento, corresponde a necessidade de estar em grupo, de discurso comum e validação das verdades.

Ambíguo à essas interpretações apresentadas anteriormente, se enxergam perspectivas preocupantes, dadas as posturas legitimadas nesses ambientes novos. Uma realidade é a posição de isolamento e autorreferencial. Não se cria pontes de diálogo concretos com dioceses, paróquias e instâncias eclesiais. A comunidade se volta somente para suas diretrizes e pensamentos, interpretações e verdades, criando com os organismos eclesiais locais indisposições, rivalidades e discordâncias na interpretação e pregação.

Pela ausência de uma sensibilidade social ativa, as novas comunidades excluem, por vezes, o claro entendimento da Doutrina Social da Igreja. Isso significa que formam sujeitos avessos à temas sociais, ambientais e representativos das “minorias sociais”. Acerca disso, se observa uma moral social frágil ou inexistente. Quando existem ações caritativas, são exclusivamente assistencialistas, sem crítica social.

Na Comunidade Shalom, muito se diz sobre a formação humana, visto que a comunidade investe nessa dimensão, sendo conhecida por seus cursos e materiais. Esse conhecimento do “eu” é visto pela noção institucional e da fé, perdendo e não assimilando conhecimento humano abrangente conduzido pelas ciências. Há uma negação dos ganhos científicos e humanos sobre os dramas humanos, pois tudo se justifica sob à guisa da fé.

Dessa maneira, diante dessas elucidações, é possível pensar que as novas comunidades possibilitam um futuro promissor e preocupante. Se avança nas projeções evangelizadoras, de formação, aconselhamento e protagonismo leigo, contudo, há engessamento na forma de promover essas ações, por ainda corroborar no fechamento à norma, à disciplina e à autoridade institucional.

CONCLUSÃO

Depois de ter dissertado sobre o laicato, a consciência e a Comunidade Católica Shalom, se observou a complexidade que este cenário produz, pela existência de tensões morais acerca da vivência da vocação laical e das novas comunidades. Foi possível notar que, mesmo o fiel leigo disponha de uma maior liberdade de vida, pelo seu fator secular, ocorre atualmente a dinâmica associativa de muitos a essas novas comunidades, fazendo com que sua identidade de ser leigo e leiga seja corrompida.

A possibilidade de modificação da originalidade da vivência cristã como leigos é plausível no cenário contemporâneo, principalmente nesses novos contextos eclesiais, porque há uma busca de segurança religiosa diante da pluralidade de mundo. Nota-se o infantil entendimento que as promessas do batismo não bastam e a aversão aos “sinais dos tempos” como realidades não possíveis de conexão com o divino.

Diante desses cenários, essa pesquisa vislumbrou transgredir os pressupostos apresentados pela casta religiosa contemporânea que se apresenta pelas novas comunidades, a fim de despertar a consciência e empoderar a lei interior, como proporcionadora de uma nova experiência de si e de fé.

Esses resultados foram possíveis em decorrência dos mecanismos adquiridos e referências bibliográficas usadas. Preliminarmente, acolhendo o compartilhar de perspectivas de indivíduos inseridos em contextos comunitários, ouvindo seus dilemas, questões, esperanças e alegrias. Suas narrativas corroboraram no entendimento de que se faz necessário pensar esses ambientes. Adjunto a esse panorama, as obras utilizadas, possibilitando o desenvolvimento do sistema de pensamento e de apresentação, tais como sobre: a *Nouvelle Theologie*, de Yves Congar, Chenu, os dados dos pontificados pós-Vaticano II, documentos conciliares, os aspectos da Igreja Latino-americano, Cardeal Suenens, entre outros.

O leigo, através do Vaticano II, assistiu a ponderação acerca de sua dignidade de batizado, a reflexão sobre a possibilidade de santidade em meio ao mundo e o valor de sua vida de trabalho, familiar e social – há virtude nessa vocação! Aqui é explícito que não se trata de excluir o leigo do contexto eclesial, pois é importante a sua colaboração na comunidade crente, mas de analisar em sua realidade própria. Essa preocupação é atual com o tema da sinodalidade. Contudo a realidade mundana e confessional caminham juntas. Não é possível escolher uma

em detrimento da outra. Talvez seja a contribuição que os leigos possam dar para uma igreja sinodal: caminhar inserido no mundo e na Igreja.

Tendo como ponto de partida tais referências, o trabalho se desenvolveu por três etapas, nos quais foi destacada a categoria de consciência como lugar sagrado e inviolável, configurado como dimensão profunda da pessoa e fonte de suas decisões morais e éticas. Esse tema é o ponto central da dissertação, enquanto os outros dois, leigos e Comunidade Católica Shalom, são realidades que a subjetividade permeia.

No primeiro capítulo, ao desenvolver uma Teologia do Laicato, foi possível perceber que o Vaticano II destaca a dignidade da vocação laical e sua importância na Igreja e no mundo. O leigo não deve se reduzir a visões unilaterais acerca de si. No cenário Latino-americano, assumir as características que lhe são próprias é de muita importância. Já no segundo capítulo, ao desenvolver a temática da Renovação Carismática e Novas Comunidades, se percebeu como esse fenômeno está em curso e é proporcionador de certos conflitos.

À vista disso, é muito comum denominar as novas comunidades como respostas para o tempo presente – afirmação questionada pelo Papa Francisco. É de singular importância interpelar se o protagonismo laical explorado pelo Vaticano II seja de fato esse entendido pelas novas comunidades, dado que o leigo do Concílio se relaciona com o mundo e tem ciência de sua responsabilidade social e por si mesmo. Ele também sabe com clareza de seu direito de se associar a estas novas comunidades. No entanto, será esse direito a expressão de seu protagonismo? Nota-se que essas organizações norteiam a vida laical distante daquilo que se espera. Além disso, será mesmo que o sujeito nesses novos contextos eclesiais pode ser ele mesmo, em fidelidade a lei do seu coração?

Inicialmente, não. Posição expressa do terceiro capítulo. Diante das estruturas formativas desempenhadas pelas novas comunidades e de interesse desse trabalho, o aspecto de fidelidade a si mesmo nem aparece no programa formativo, pois o “eu” do sujeito precisa necessariamente passar por uma domesticação e um longo aprendizado para domar a si próprio. O poder doutrinário, de interpretação dogmática e da tradição, supera a dimensão subjetiva da pessoa.

Diante disto, da instância da consciência, propusemos contextualizá-la por suas linhas: do laicato e da Comunidade Shalom. Do ponto de vista da Comunidade Shalom, se entende que propunha um interessante percurso institucional. Com 40 anos de fundação, a comunidade atinge uma maturidade existencial e estrutural no tempo presente. Percebe-se certas alterações

no percurso, a grandeza que a comunidade atingiu pelos números de casas, membros e territórios que está localizada. Porém, advém certas instâncias sobre leigos e consciências desempenhadas que não partem da reflexão sobre a renovação eclesial. Se vê a supervalorização da vida perfeita, da santidade e do discurso verdadeiro e audacioso, estritamente moralizante e condicionado. A comunidade lida o sujeito no período contemporâneo por instrumentos e métodos persuasivos e doutrinários, resultando em uma abordagem verticalizada.

Essa pesquisa propôs a leitura do protagonismo da consciência dos leigos encontrados na Comunidade Shalom no sentido de condicionar uma conversão de método formativo, mais alinhado com a individualidade da pessoa, do que na aplicação de normas que nada contribuem para a autenticidade de vida. Por essa pesquisa, se elucidou os grandes desafios de aplicar e promover uma formação humanizante, diante do entendimento de religião e de mundo, alinhado à conquista de poder e de mentes. Logo, também se buscou despertar o indivíduo a tal realidade – de responsabilidade de si mesmo. E isso porque, diante das reflexões e questionamentos já postos, se compreende que é na individualidade de cada um que se encontra o divino e seus profundos anseios.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Concílio Vaticano II

DECRETO APOSTOLICAM ACTUOSITATEM (pp. 359-386) *Concílio Vaticano (2: 1962-1965): Vaticano II: mensagens, discursos e documentos*. Tradução: Francisco Catão. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

DECRETO CHRISTUS DOMINUS (pp.) *Concílio Vaticano (2: 1962-1965): Vaticano II: mensagens, discursos e documentos*. Tradução: Francisco Catão. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA LUMEN GENTIUM (pp.185-247). *Concílio Vaticano (2: 1962-1965): Vaticano II: mensagens, discursos e documentos*. Tradução: Francisco Catão. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

CONSTITUIÇÃO PASTORAL GAUDIUM ET SPES (pp. 470-549). *Concílio Vaticano (2: 1962-1965): Vaticano II: mensagens, discursos e documentos*. Tradução: Francisco Catão. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

Magistério dos papas

PARA BENTO XVI. *Mensagem do papa Bento XVI aos participantes no II Congresso Mundial dos Movimentos Eclesiais e das Novas Comunidades*. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/pont-messages/2006/documents/hf_ben-xvi_mes_20060522_ecclesial-movements.html>. Acesso em: 1º jun. 2021.

PAPA BENTO XVI. *Exortação Apostólica pós-sinodal Sacramentum Caritatis sobre a Eucaristia fonte e ápice da vida e da missão da Igreja*. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20070222_sacramentum-caritatis.html>. Acesso em: 15 mar. 2021.

PAPA BENTO XVI. *Primeira mensagem de sua santidade Bento XVI no final da celebração eucarística com os cardeais eleitores na Capela Sistina, quarta-feira, 20 de abril de 2005*. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/pont-messages/2005/documents/hf_ben-xvi_mes_20050420_missa-pro-ecclesia.html>. Acesso em: 15 mar.2021.

PAPA BENTO XVI. *Discurso do papa Bento XVI aos cardeais, arcebispos e prelados na curia romana na apresentação dos votos de Natal, quinta-feira, 22 de dezembro de 2005*. Disponível

em: <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2005/december/documents/hf_ben_xvi_spe_20051222_roman-curia.html>. Acesso em: 21 mar. 2021.

PAPA BENTO XVI. *Carta Encíclica Deus Caritas Est sobre o amor cristão*. Disponível em <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est.html>. Acesso em: 25 mar. 2021.

PAPA BENTO XI. *Exortação Apostólica pós-sinodal Verbum Domini sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja*. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20100930_verbum-domini.html>. Acesso em: 10 out. 2021.

PAPA PAULO VI. *Audiência Geral, quarta-feira, 11 de Agosto de 1971*. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/audiences/1971/documents/hf_p-vi_aud_19710811.html>. Acesso em: 10 mar. 2021.

PAPA PAULO VI. *Lettera Apostolica Motu Proprio Catholicam Christi Ecclesiam*. Disponível em: < https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/motu_proprio/documents/hf_p-vi_motu-proprio_19670106_catholicam-christi-ecclesiam.html >. Acesso em: 20 fev. 2021.

PAPA PAULO VI. *Carta Encíclica Ecclesiam Suam sobre os caminhos da Igreja*. Disponível em: < https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_06081964_ecclesiam.html >. Acesso em: 20 fev. 2021.

PAULO VI. *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiande sobre a evangelização no mundo contemporâneo*. Disponível em: < https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html >. Acesso em: 20 fev. 2021.

PAPA PIO XII. *Carta Encíclica Humani Generis sobre opiniões falsas que ameaçam a Doutrina Católica*. Disponível em: http://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_12081950_humani-generis.html. Acesso em: 10 out. 2020.

PAPA FRANCISCO. *Discurso do papa Francisco aos participantes na Conferência Internacional dos líderes da Renovação Carismática Católica (Catholic Charismatic Renewal International Service – CHARIS)*. Disponível em: < https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/june/documents/papa-francesco_20190608_charis.html > Acesso em: 1º jun. 2021.

PAPA FRANCISCO. *Discurso do Papa Francisco aos participantes no III Congresso dos Movimentos Eclesiais e das Novas Comunidades*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/november/documents/papa-francesco_20141122_convegno-movimenti-ecclesiali.html. Acesso em: 22 jun. 2022.

PAPA FRANCISCO. *Discurso do papa Francisco aos participantes na Conferência Internacional dos líderes da Renovação Carismática Católica (Catholic Charismatic Renewal International Service – CHARIS).* Disponível em: <
https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/june/documents/papa-francesco_20190608_charis.html
 > Acesso em: 22 jun. 2022.

PAPA FRANCISCO. *Saudação do papa Francisco aos participantes no encontro das associações de fiéis, dos movimentos eclesiais e das novas comunidades.* Disponível em: <
<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2021/september/documents/20210916-associazioni-fedeli.html>
 >. Acesso em: 1º jun. 2022.

PAPA FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium sobre o anúncio do Evangelho,* nº 102. Disponível em: <
https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html
 >. Acesso em: 16 mai. 2021.

PAPA FRANCISCO. *Exortação Apostólica pós-sinodal Amoris Laetitia sobre o amor na família,* nº 204. Disponível em: <
https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia.html
 >. Acesso em: 16 mai. 2021.

PAPA FRANCISCO. *Exortação Apostólica pós-sinodal Querida Amazônia ao povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade,* nº 99. Disponível em: <
https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20200202_querida-amazonia.html
 >. Acesso em: 18 mai. 2021.

PAPA JOÃO PAULO II. *Mensagem do papa João Paulo II aos participantes no congresso mundial dos movimentos eclesiais promovido pelo pontifício conselho para os leigos.* Disponível em: <
http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1998/may/documents/hf_jpii_spe_19980527_movimenti.html
 >. Acesso em: 1º jun. 2021.

PAPA FRANCISCO. *Exortação Apostólica pós-sinodal Christus Vivit aos jovens e a todo o povo de Deus.* Disponível em: <
https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20190325_christus-vivit.html
 >. Acesso em: 14 jul. 2022.

PAPA FRANCISCO. *Exortação Apostólica Gaudete et exsultate sobre a chamada à santidade no mundo atual.* Disponível em: <
https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20180319_gaudete-et-exsultate.html#O_discernimento
 >. Acesso em: 25 jun. 2022

PAPA FRANCISCO. *Saudação do papa Francisco aos participantes no encontro das associações de fiéis, dos movimentos eclesiais e das novas comunidades.* Disponível em: <

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2021/september/documents/20210916-associazioni-fedeli.html> >. Acesso em: 16 jul. 2022.

PAPA JOÃO PAULO II. *Exortação Apostólica pós-sinodal Christifideles Laici sobre a vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo*. Disponível em < https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_30121988_christifideles-laici.html >. Acesso em: 10 mar. 2021.

PAPA JOÃO PAULO II. *Discurso do papa João Paulo II na abertura da XIX Assembleia do CELAM*. Catedral de Porto Príncipe, Haiti, quarta-feira, 09 de março de 1983. Disponível em: < https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1983/march/documents/hf_jp-ii_spe_19830309_assemblea-celam.html >. Acesso em: 05 mar. 2021.

PAPA JOÃO PAULO II. *Única conclusão da Assembleia Extraordinária do Sínodo dos Bispos – homilia do Santo Padre João Paulo II, solenidade a Imaculada Conceição, domingo, 08 de dezembro de 1985*. Disponível em: < https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/es/homilies/1985/documents/hf_jp-ii_hom_19851208_conclusionone-sinodo.html >. Acesso em: 06 mar. 2021.

PAPA JOÃO PAULO II. *Radiomensagem, URBI ET ORBI, terça-feira, 17 de outubro de 1978*. Disponível em: < https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1978/documents/hf_jp-ii_spe_19781017_primo-radiomessaggio.html >. Acesso em: 05 mar. 2021.

PAPA JOÃO PAULO II. *Discurso do papa João Paulo II na abertura da XIX Assembleia do CELAM*. Catedral de Porto Príncipe, Haiti, quarta-feira, 09 de março de 1983. Disponível em: < https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1983/march/documents/hf_jp-ii_spe_19830309_assemblea-celam.html >. Acesso em: 05 mar. 2021.

Documentos do CELAM e da CNBB

CELAM. Documento da Conferência de Medellín. In.: Conselho Episcopal Latino-Americano. *Documentos do CELAM: conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, Medellín, Puebla e Santo Domingo*. São Paulo: Paulus, 2005.

CELAM. Documento da Conferência de Puebla. In.: Conselho Episcopal Latino-Americano. *Documentos do CELAM: conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, Medellín, Puebla e Santo Domingo*. São Paulo: Paulus, 2005.

CELAM. Documento da Conferência de Santo Domingo. In.: Conselho Episcopal Latino-Americano. *Documentos do CELAM: conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, Medellín, Puebla e Santo Domingo*. São Paulo: Paulus, 2005.

CNBB. *Igreja particular, movimentos eclesiais e novas comunidades: subsídios doutrinários 03*. Brasília: Edições CNBB, 2012.

DOCUMENTO DE APARECIDA. *Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. 13-31 de maio de 2007. 7ª edição. São Paulo: Paulinas, Paulus; Brasília: Edições CNBB, 2008.

Obras de referência

AQUINO, Tomás. *Suma teológica*. I, q. 79, art. 13. São Paulo: Loyola, 2003.

ALBERIGO, Giuseppe. *História do Concílio Vaticano II* – vol 1: O catolicismo rumo à nova era. *O anúncio e a preparação do Vaticano II*. Tradução: João Rezende Costa. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

ALBERIGO, Giuseppe. *História do Concílio Vaticano II* – vol 2: a formação da consciência conciliar – o primeiro período e a primeira intersessão (outubro de 1962 a setembro de 1963). Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

ALMEIDA, André Luiz Boccato de. *Moral Social*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a Banalidade do Mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ARQUIDIOCESE DE FORTALEZA. *Da Arquidiocese de Fortaleza ao seu Pastor Dom Aloisio Lorscheider: 25 anos/ Pastor e Profeta*. Fortaleza: Editora Vozes, 1987.

BARAÚNA, Guilherme. *A Igreja no mundo de hoje*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1967.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BRIGHENTI, Agenor. *O laicato na Igreja e no mundo: um gigante adormecido e domesticado*. São Paulo: Paulinas, 2019.

CASTILHO, J. M. *A ética de Cristo*. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

CHENU, Marie-Dominique. *Une École de Théologie: Le Saulchoir*. Belgique: Kain-lez-tournai; France: Etilles (S. et O.), 1937.

CHENU, Marie-Dominique. *Pour une théologie du travail*. (Collections “Esprit”). Paris: Éditions du Seuil: 1955.

CHENU, Marie-Dominique. Os leigos e a “consacratio mundi”. In: BARAÚNA, Guilherme. *A Igreja do Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 1965, p. 1013.

CHENU, Marie-Dominique. *O povo de Deus no mundo*. (Coleção “O Evangelho no século XX”). São Paulo: Livraria Duas Cidades Ltda, 1967.

CHENU, Marie-Dominique. *O despertar da consciência na civilização medieval*. São Paulo/SP: Edições Loyola, 2006.

CONGAR, Yves Marie Joseph. *Falsas y verdaderas reformas en la Iglesia*. Tradução casteliana de Carmen Castro de Zubiri. Madrid: Instituto de Estudios Politicos, 1953.

CONGAR, Yves Marie Joseph. *Se sois minhas testemunhas: três conferências sobre o laicato, a igreja e o mundo*. São Paulo: Edições Paulinas, 1967.

CONGAR, Yves Marie Joseph. *Os leigos na Igreja: escalões para uma teologia do laicato*. São Paulo: Editora Herder, 1966.

DOM ALOÍSIO LORSCHIEDER. *Carta Pastoral sobre os problemas de terra na Arquidiocese de Fortaleza*. Cúria Arquidiocesana, 10 de junho de 1982.

FLECHA, José-Román. *La Conciencia*. Alcalá/Madrid: Editorial CCS, 2015.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FUMAGALLI, Aristide. *L'eco dello spirito: teologia dela coscienza morale*. Biblioteca di Teologia Contemporanea, nº 158. Brescia: Editrice Queriniana, 2012.

LIBÂNIO, João Batista. *Cenários da Igreja*. São Paulo: Loyola, 1999.

KEENAN, James F. *História da Teologia Moral Católica no Século XX: das confissões dos pecados à libertação das consciências*. São Paulo: Loyola, 2013.

KLOPPENBURD, Boaventura. *Concílio Vaticano II – vol 1: Documentário pré-conciliar*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1962.

KLOPPENBURG, Boaventura. *A eclesiologia do Vaticano II*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1971.

KÜNG, Hans. *A Igreja tem salvação?* Tradução: Saulo Krieger. São Paulo: Paulus, 2012.

LOPES, Geraldo. *Lumen Gentium: texto e comentário*. São Paulo: Paulinas, 2011.

MAIA, Tânia Maria Couto. Dom Aloisio e o leigo na Igreja de Fortaleza. In.: ARQUIDIOCESE DE FORTALEZA. *Da Arquidiocese de Fortaleza ao seu Pastor Dom Aloisio Lorscheider: 25 anos/ Pastor e Profeta*. Fortaleza: Editora Vozes, 1987.

MAJORANO, Sabatino. *La coscienza: per una lettura Cristiana*. Balsamo/Millano: Edizione San Paolo, 1994.

MIRANDA, Vicente. Consciência Moral. In.: VIDAL, Marciano. *Ética teológica: conceitos fundamentais*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1999.

MOSER, Antonio. *O compromisso do cristão com o mundo na Teologia de M.-D. Chenu*. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 1974.

OSWALT, John N. Consciência. In.: HARRIS, R. L.; ARCHER JR., G.; WALTKE, B. K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998.

SANTO AGOSTINHO. *A Trindade*. São Paulo: Paulus, 1994.

SARAIVA, Geovane. *A ternura de um pastor: Cardeal Lorscheider*. Prontograf: Fortaleza, 2021.

SOUZA, Ney de; GONÇALVES, Paulo S. L. *Catolicismo e sociedade contemporânea: do Concílio Vaticano I ao contexto histórico-teológico do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2013. (Coleção Igreja na história).

SOUZA, Ney. *História da Igreja: notas introdutórias*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2020. (Coleção Iniciação à Teologia).

SUENENS, Léon-Joseph; CÂMARA, Helder. *Renovação o Espírito e serviço ao homem*. São Paulo: Edições Paulinas, 1979.

SUENENS, Léon-Joseph. *Cardeal Suenens opina sobre a Renovação Carismática*. In.: *A experiência de Pentecostes: a Renovação Carismática na Igreja Católica*. Edições Loyola: São Paulo, 1976.

SUENENS, Léon-Joseph. *Cardeal Suenens opina sobre a Renovação Carismática*. In.: *A experiência de Pentecostes: a Renovação Carismática na Igreja Católica*. Edições Loyola: São Paulo, 1976.

QUEIRUGA, Andrés Torres. *A teologia depois do Vaticano II: diagnóstico e propostas*. Tradução Afonso Maria Ligorio Soares – 1ª ed. São Paulo: Paulinas, 2015. (Coleção revisar o Concílio).

RYNNE, Xavier. *La révolution de Jean XXIII – letters from Vatican City*. Bernard Grasset Éditeur: Paris, 1963.

VIDAL, Marciano. *Nova moral fundamental: o lar teológico da ética*. Aparecida, São Paulo: Editora Santuário. São Paulo: Editora Paulinas, 2003.

Capítulos de livros

CARRANZA, Brenda. Perspectivas da neopentecostalização católica. In.: CARRANZA, B.; MARIZ, C.; CAMUÇA, M. *Novas Comunidades Católicas: em busca do espaço pós-moderno*. Aparecida, São Paulo: Editora Ideias& Letras, 2009.

CARRANZA, B.; MARIZ, C. Novas Comunidades católicas: por que crescem? In.: CARRANZA, B.; MARIZ, C.; CAMURÇA, M. *Novas Comunidades Católicas: em busca do espaço pós-moderno*. Aparecida, São Paulo: Ideias & Letras, 2009.

CARRANZA, Brenda. Primavera em questão: Novas Comunidades. In.: SUSIN, Luiz Carlos. *Vida religiosa consagrada em processo de transformação: “vejam que estou fazendo uma coisa nova! Isaiás 43,19*. São Paulo: Paulinas, 2015.

CAVALHEIRO, G.; BRANDÃO, C. G. Comunicação e retórica: um contexto teórico para pensar a pós-verdade. In.: GUARESCHI, P.; AMON, D.; GUERRA, A. *Psicologia, comunicação e pós-verdade*. Florianópolis: ABRAPSO, 2017.

CHENU, Marie-Dominique. Os leigos e a “consacratio mundi”. In: BARÚNA, Guilherme. *A Igreja do Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 1965.

CHENU, Marie-Dominique. A missão da igreja no mundo de hoje. In: BARAÚNA, Guilherme. *A Igreja no mundo de hoje*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1967.

FIORE, André Gustavo Di. *Os leigos em Puebla e a evangelização na América Latina*. In.: SOUZA; SBARDELOTTI (orgs). *Puebla: Igreja na América Latina e no Caribe. Opção pelos pobres, libertação e resistência*. Editora Vozes: Petrópolis, RJ, 2019.

LIMA, Alceu Amor. Visão panorâmica sobre a constituição Pastoral “Gaudium et Spes”. In: BARAÚNA, G. *A Igreja no mundo de hoje*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1967.

MIRANDA, Maria de França. *A teologia de Medellín*. In: SOUZA; SBARDELOTTI. (org.). *Medellín: memória, profetismo e esperança na América Latina*. Editora Vozes: Petrópolis, RJ, 2018.

PASSOS, João Décio. *As reformas da Igreja Católica: posturas e processos de uma mudança em curso*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

PORTELLA, Rodrigo. Medievais e pós-modernos: a Toca de Assis e as novas sensibilidades católicas juvenis. In.: CARRANZA, B.; MARIZ, C.; CAMURÇA, M. *Novas Comunidades Católicas: em busca do espaço pós-moderno*. Aparecida, São Paulo: Ideias & Letras, 2009.

PRIVITERA, Salvatore. *La coscienza*. Bologna/Itália: Centro Editoriale Dehoniano, 1986.

SOUZA, Ney. *Contexto e desenvolvimento histórico do Concílio Vaticano II*. In.: GONÇALVES, P. S. L.; BOMBONATTO, V. I. (orgs). *Concílio Vaticano II: análise e perspectivas*. São Paulo: Paulinas, 2004. (Coleção Alternativas).

Verbetes de dicionários

ALMEIDA, A. J. de A. Lumen Gentium (pp. 562-573). In: PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L. *Dicionário do Concílio Vaticano II (1962-1965)*. São Paulo: Paulus, 2015.

ANJOS, Marcio Fabri dos. Teologia Moral (pp. 940-947). In: PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L. *Dicionário do Concílio Vaticano II (1962-1965)*. São Paulo: Paulus, 2015.

ANJOS, Marcio Fabri dos. Häring, Bernhard. In.: PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L. *Dicionário do Concílio Vaticano II (1962-1965)*. São Paulo: Paulus, 2015.

ALTEMEYER JUNIOR, Fernando. João XXII (pp. 498-501). In: PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L. *Dicionário do Concílio Vaticano II (1962-1965)*. São Paulo: Paulus, 2015.

BAUER, J.B. Consciência. In.: BAUER. *Dicionário Bíblico-Teológico*. São Paulo/Brasil: Edições Loyola, 2000.

BAUER, J.B. Coração. In.: BAUER. *Dicionário Bíblico-Teológico*. São Paulo/Brasil: Edições Loyola, 2000.

BOGAZ, A.; HANSEN, J. Dignitatis Humanae. In.: PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L. *Dicionário do Concílio Vaticano II (1962-1965)*. São Paulo: Paulus, 2015.

BRITO, Ênio J. da Costa. Congar, Yves Marie Joseph. (217-219). In: PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L. *Dicionário do Concílio Vaticano II (1962-1965)*. São Paulo: Paulus, 2015.

GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes. Gaudium es spes (pp. 395- 400). In: P., J. D.; S., W. L. *Dicionário do Concílio Vaticano II (1962-1965)*. São Paulo: Paulus, 2015.

GONÇALVES, Paulo Sérgio. Paulo VI (pp. 729-733). In.: In: PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L. *Dicionário do Concílio Vaticano I (1962-1965)*. São Paulo: Paulus, 2015.

GUNDRY-VOLF, J. M. Consciência. In.: HAWTHORNE, G. F.; MARTIN, R. P.; REID, D. G. *Dicionário de Paulo e suas cartas*. São Paulo: Paulus, Vida Nova e Edições Loyola, 2008.

HAHN, H. C. Consciência. In.: COENEN, L.; BROWN, C. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2000.

JOSAPHAT, Carlos. Chenu, Marie-Dominique (pp. 109-112). In.: PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L. *Dicionário do Concílio Vaticano II (1962-1965)*. São Paulo: Paulus, 2015.

KUZMA, Cesar. Leigos (pp. 527-533). In: PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L. *Dicionário do Concílio Vaticano II (1962-1965)*. São Paulo: Paulus, 2015.

KUZMA, Cesar. Apostolicam Actuositatem (pp. 26-30). In: P., J. D.; S., W. L. *Dicionário do Concílio Vaticano II (1962-1965)*. São Paulo: Paulus, 2015.

LIBANIO, João Batista. João Paulo II (pp. 496-498). In: PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L. *Dicionário do Concílio Vaticano II (1962-1965)*. São Paulo: Paulus, 2015.

LÜDEMANN, G. Synoida. In.: BALZ, H.; SCHNEIDER, G. *Diccionario exegético del Nuevo Testamento II*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2012.

MACKENZIE, John L. Consciência. In.: MACKENZIE, J.L. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Edições Paulinas, 1984.

MAURER, C. Consciência. In.: BORN, A. Van Den. *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. Petrópolis/Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1971.

PASSOS, João Décio. Francisco (pp. 390-394). In: P.; J. D.; S., W. L. *Dicionário do Concílio Vaticano II (1962-1965)*. São Paulo: Paulus, 2015.

PASSOS, João Décio. Lorscheider, Aloisio. In: PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L. *Dicionário do Concílio Vaticano II (1962-1965)*. São Paulo: Paulus, 2015, p. 561-562.

XAVIER, Donizete. Nouvelle Theologie (pp. 677-679). In: PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L. *Dicionário do Concílio Vaticano II (1962-1965)*. São Paulo: Paulus, 2015.

Artigos de periódicos

ALMEIDA, A.; FERREIRA, L.; MELO, A. A formação da consciência em uma cultura de “sujeitos bolhas” cristãos. Uma análise ético-teológica propositiva a partir da moral social do Papa Francisco. *Revista Encontros Teológicos*, v. 36, n. 1, jan.-abr., 2021, p. 163. Disponível em: <<https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/view/1647/1324>>. Acesso em: 11 jul. 2022.

AZEVEDO, F. A INESPERADA TRAJETÓRIA DO ULTRAMONTANISMO NO BRASIL IMPÉRIO. *Perspectiva Teológica*, [S. l.], v. 20, n. 51, 1988 p. 213. Disponível em: <<https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/1680>>. Acesso em: 19 jul. 2022.

GOMES, M. S. *Liberdade religiosa: algumas questões*. Didaskalia, v. XXXIII, . 1-2, pp. 257-281, 2003, p. 275. Disponível em: <<https://revistas.ucp.pt/index.php/didaskalia/article/view/1581/1508>>. Acesso em: 10 jul. 2022.

GUESSER, Murilo. Da Apostolicam Actuositatem aos ministérios leigos – conferência de Maria Clara Bingemer auditório do ITESC, 03/09/2012. *Revista Encontros Teológicos*, n. 64, ano 28, n.1, 2013. Disponível em: <<https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/viewFile/165/156>>. Acesso em: 15 fev. 2021.

HACKMANNAM, Geraldo L. B.; CAMARGO, Tiago Ávila. A expressão “nova evangelização” e seu desenvolvimento do pontificado de João XXIII a Francisco. *Revista Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 54, p. 623-643, set./dez.2016. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=especifico&nrSeq=27768@1>>. Acesso: 5 mar. 2021.

LIBANIO, João Batista. Segunda Assembleia Geral Extraordinária do Sínodo dos Bispos. *Revista Perspectiva Teológica*, vol.18, n. 44, 1986. Disponível: <<http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/1830>>. Acesso em: 07 mar. 2021.

LORSCHIEDER, Aloísio. A IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Santo Domingo-República Dominicana. *Revista Eclesiástica brasileira*, v. 53, n. 209, p. 19-39, 1993.

MOLINA, Dumar Iván Espinosa. Trabajo e historicidad en la teología de Marie Dominique Chenu. (pp. 63-83) *Theologica Xaveriana*, 67, 183, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.11144/javeriana.tx67-183.thtmdc>>. Acesso em: 20 fev. 2021.

MORAES, Eva A. R. A eclesiologia de comunhão de Yves Congar e sua relevância para a Igreja de hoje (pp. 157- 193). *Revista Atualidade Teológica*, ano XI, nº26, maio/agosto, 2007.

Disponível em: < <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/18530/18530.PDF> >. Acesso em: 02 fev. 2021.

SOUZA, Ney. A Igreja herdada pelo papa Francisco, um estudo histórico. *Revista de Cultura Teológica*, ano XXIV, nº88, jul/dez, 2016. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/rct.i88.30930/21422>>. Acesso em: 10 mai. 2021.

SOUZA, Ney. Lercaro e a Igreja dos pobres. *Revista de Cultura Teológica*, ano XXIX, nº 99, maio/ago, 2021. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/54386>>. Acesso em: 20 jun. 2022.

OLIVEIRA, Carlos Augusto Ferreira de. A Cristandade: um modelo eclesial de poder. (pp. 307-316). *Revista Fragmentos de Cultura - Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas*. Goiânia, v. 21, n. 2, 2012. ISSN 1983-7828. Disponível em: <<http://revistas.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/1889>>. Acesso em: 03 abr. 2021.

SCOPINHO, Sávio Carlos Desan. O laicato nos pontificados de Paulo VI e João Paulo II. *Revista Pistis & Praxis – Teologia e Pastoral*. Curitiba, v. 5, n. 2, p. 493-528, jul./dez. 2013. Disponível em: < <https://periodicos.pucpr.br/index.php/pistispraxis/article/view/12935> >. Acesso em: 25 fev. 2021

SILVA, Maria Freire da. *O laicato nos documentos do Concílio Vaticano II*. (pp. 63-74). *Revista Estudos Teológicos*, v. 52, n. 1, jan/jun, 2021. Disponível em: < http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/260 >. Acesso em: 10 fev. 2021.

SILVA, Maria Freire da. Uma eclesiologia de comunhão (pp. 119- 137). *Revista de Cultura Teológica*, v. 19, n. 76 – out/dez, 2011. Disponível em: < <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/viewFile/14996/11194> >. Acesso em: 02 fev. 2021.

Fontes eletrônicas

ALMEIDA, André Luiz Boccato de. Dissertação de mestrado/PUCSP: Consciência moral e pós- modernidade: discernir, decidir e agir a luz de uma ética das virtudes. São Paulo: s.n., 2010, p. 76. Disponível em: < <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/18391> >. Acesso em: 20 mai. 2022.

ARQUIDIOCESE DE FORTALEZA. *Dom Aloísio Léo Arlindo Lorscheider, OFM (1973 a 1995)*. Disponível em: <<https://www.arquidiocesedefortaleza.org.br/arquidiocese/historia/bispos-e-arcebispos->

[anteriores/06-dom-aloisio-leo-arlindo-lorscheider-ofm-1973-a-1995/](#)>. Acesso em: 2 fev. 2022.

ARQUIDIOCESE DE FORTALEZA. *Dom Cláudio Aury Affonso Hummes, OFM (1996 a 1998)*. Disponível em: <<https://www.arquidiocesedefortaleza.org.br/arquidiocese/historia/bispos-e-arcebispos-anteriores/07-dom-claudio-aur-affonso-hummes-ofm-1996-a-1998/>>. Acesso em: 02 fev. 2022.

ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. *A favor da vacinação*. Disponível em: <<https://j.pucsp.br/noticia/cardeal-lanca-manifesto-favor-da-vacina>>. Acesso em: 14 jul. 2022.

ARAÚJO, J. W. C. de. *A noção de consciência moral em Bernhard Häring e sua contribuição à atual crise de valores*. Tese de Doutorado do Programa de Pós Graduação em Teologia da PUC-RIO. Rio de Janeiro: s.n, 2007, pp. 137-138. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/10103/10103_4.PDF>. Acesso em: 12 julh. 2022.

BRAVO, José Manuel Valente. *Lei, liberdade e fidelidade: na teologia moral de Bernhard Häring*. Dissertação de Mestrado, s.n, 2014, pp. 19-22. Disponível em: <<https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/17633/1/Tese%20MIT%20-%20LEI%20LIBERDADE%20E%20FIDELIDADE.pdf>>. Acesso em: 13 jul. 2022

CARDEAL PEDRO BARRETO JIMANO. *Mensagem do Cardeal Pedro Barreto Jimano, presidente da CEAMA (Conferência Eclesial da Amazônia), durante a Missa Exequial do Cardeal Cláudio Hummes, em 06/07/2022*. Entre os minutos 1:31:22 à 1:35:59. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=10G1dqz4H6w>>. Acesso em: 09 jul.2022.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. *Estará o catolicismo na França do século XXI caminhando em direção a um perfil comunitário?*. *Revista Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 30 (2): 74-89, 2010, p. 77. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rs/a/Bkk7P9VGDsjpZJs9Z6XMyHC/?lang=pt>>. Acesso em: 21 mai. 2021.

CASTRO, Robson Ribeiro de Oliveira. *Leigos e leigas como sujeitos eclesiais: um laicato consciente para uma ‘igreja em saída’*. *Revista Encontros Teológicos | Florianópolis | V.33 | N.1 | Jan.-Abr. 2018*, p. 134. Disponível em: <<https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/view/830/559>> . Acesso em: 18 mai. 2021.

CNBB. *Twitte de 7 de maio de 2021*. Disponível em: <<https://twitter.com/cnbbnacional/status/1390834362850107392>>. Acesso em: 14 jul. 2022.

CNBB. *Dom Joaquim Mol: “A comunicação não é passiva, ela pacífica, ela constrói a paz”*. Disponível em: <<https://www.cnbb.org.br/entrevista-dom-mol-comunicacao-55-dmcs/>>. Acesso em: 14 jul. 2022.

COMUNIDADE CATÓLICA EMANUEL. *História da Comunidade Emanuel no mundo*. Disponível em: < <https://emanuelnobrasil.com.br/historia-da-comunidade-emanuel-no-mundo>>. Acesso em: 01 fev. 2022.

COMUNIDADE CHEMIN NEUF. *Histoire d'une fondation. Le jalons de l'esprit saint dans notre histoire communautaire*. Disponível em:<<https://www.chemin-neuf.fr/qui-sommes-nous/histoire-d-une-fondation/>> . Acesso em: 01 fev. 2022.

COMUNIDADE DAS BEATITUDES. *História*. Disponível em:< <https://beatitudes.org/pt-pt/historique/>>. Acesso em: 01 fev. 2022.

COMUNIDADE CANÇÃO NOVA. *Como nascemos*. Disponível em: <<http://comunidade.cancaonova.com/quem-somos/como-nascemos/>>. Acesso em: 20 fev. 2022.

COMUNIDADE CATÓLICA PANTOKRATOR. *Vocação El Shaddai-Pantokrator: conheça nossa história e carisma*. Disponível em: <https://pantokrator.org.br/comunidade1/fundador/vocacao_pantokrator/>. Acesso em: 01 fev.2022.

COMUNIDADE CATÓLICA PANTOKRATOR. *Cardeal Hummes revela bastidores da aprovação diocesana do Shalom*. Disponível em: <https://pantokrator.org.br/destaque/cardeal-hummes-revela-bastidores-da-aprovacao-diocesana-shalom/>. Acesso em: 23 jun. 2022.

COMUNIDADE MISSÃO BELÉM. *Quem somos*. Disponível em:<<https://www.missaobelem.org/>>. Acesso em: 10 mai. 2022.

CRISTIANO TULI. *Moysés Azevedo com o Papa João Paulo II em 1980*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CAsc4zFmNEM>>. Acesso em: 16 mar. 2022.

DECRETO DO DICASTERO PER I LAICI, LA FAMIGLIA E LA VITA. *Decreto do Dicastero per i Laici, la Famiglia e la Vita Le associazioni di fedeli che disciplina l'esercizio del governo nelle associazioni internazionali di fedeli, private e pubbliche, e negli altri enti con personalità giuridica soggetti alla direct vigilanza del medesimo Dicastero, 11.06 . 2021*. Disponível em: <<https://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2021/06/11/0375/00816.html#es>>. Acesso em: 22 jun. 2022.

ERPEN, Jackson. *Papa: clericalismo é uma perversão da Igreja*. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2018-08/papa-francisco-igreja-clericalismo-jovens-sinodo.html>>. Acesso em: 18 mai. 2021.

GIBELLINI, Rosino. *O papel da teologia no Concílio e o estatuto dos teólogos e teólogas hoje*. (28.jan.2021). Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/517231-o-papel-da>>

teologia-no-concilio-e-o-estatuto-os-teologos-e-teologas-hoje>. Acesso em: 18 out. 2020.

INSPETORIA SÃO JOÃO BOSCO. *Comunicado oficial da Inspetoria São João Bosco sobre o Jacarezinho*. Disponível em: < <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/609145-comunicado-oficial-da-inspetoria-sao-joao-bosco-sobre-o-jacarezinho> >. Acesso em: 14 jul. 2022.

KUZMA, Cesar. Leigos e leigas no debate teológico atual: uma reflexão a partir da V Conferência de Aparecida. In: *I Simpósio Internacional de Teologia (PUC-Rio). Desafios e horizontes para a teologia no diálogo com a sociedade contemporânea: Fé-Ciência-Transdisciplinariedade*, Rio de Janeiro. *Revista Atualidade Teológica - suplemento*. n.29. Ano XII - 2008. Disponível em: < <https://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/docdigital/simposioteologia/pdf/Cesar%20Augusto%20Kuzma.pdf> >. Acesso em: 1º mai. 2021.

KUZMA, Cesar. Os leigos em Medellín: memórias e nossas perspectivas. *Revista Horizonte*, Belo Horizonte, v. 16, n. 50, p. 632-647, maio/ago. 2018. Disponível em: < <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2018v16n50p632> >. Acesso em: 1º mar. 2021.

LEBRA, Andrea. *Papa Francisco e o Vaticano II: uma nova fase de recepção*. Disponível em: < <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/576506-papa-francisco-e-o-vaticano-ii-uma-nova-fase-de-recepcao> >. Acesso em: 10 mai. 2021.

OLLIVEIRA, C.; BETIM, F. *Mortos na chacina do Jacarezinho sobem para 28*. Disponível em: < <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-05-07/maioria-dos-mortos-na-chacina-do-jacarezinho-nao-era-suspeita-em-investigacao-que-motivou-a-acao-policial.html> >. Acesso em: 14 jul. 2022.

PEREIRA, Edilson. O espírito da oração ou como carismáticos entram em contato com Deus. *Revista Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 29 (2): 58-81, 2009. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/rs/a/RxnKy8kdMZ3GKQPDBKdSPP/?lang=pt> >. Acesso em 30 mai. 2021 .

PIKAZA, Xabier. *João Paulo II. Balanço de um pontificado*. Disponível em: < <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/599365-joao-paulo-ii-balanco-de-um-pontificado-artigo-de-xabier-pikaza> >. Acesso em: 05 mar. 2021.

SATONE, Adriano Cassova. *Benignidade em Santo Afonso Maria de Ligório: perspectiva teológico-moral e aplicação pastoral*. Dissertação de Mestrado em Teologia. Universidade Católica Portuguesa, s.n. 2019, p. 30. Disponível em: < <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/29587/1/Tese%20Adriana%20Satone.pdf> >. Acesso em: 09 jul. 2022.

SCHERER, Karina Pagliosa. *A Renovação Carismática Católica na condição Pós-Moderna e na Hipernovidade. As características dos seus sujeitos ante as novas tendências dos tempos*

atuais. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2014, p. 42. Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/1912/1/Karine%20Pagliosa%20Scherer.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2021.

SILVA, Emanuel Freitas. Novas Comunidades: a retomada “carismática” da tradição católica?. *Revista Conhecer: debate entre o público e o privado*. V10, nº 25/2, 2020, p. 51. Disponível em: <<https://revistas.uece.br/index.php/revistaconhecer/article/download/2062/3377/#:~:text=As%20Novas%20Comunidades%20constituem%20organismos%20independentes%20da%20administra%C3%A7%C3%A3o%20da%20RCC.&text=t%C3%AAm%20crescido%20na%20Igreja%20Cat%C3%B3lica,seculares%20e%20religiosos%2C%20movimentos%20etc>>. Acesso em: 25 mai. 2021.

SOBRINHO, Felipe Cosme Damião. *Entre fé e liberdade: catolicismo, operariado e ditadura no ABC paulista (1964-1985)*. Dissertação de mestrado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em: <<https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/18370>> São Paulo, 2015.

Obras da Comunidade Católica Shalom

AZEVEDO FILHO, M. Vós, quem dizeis que eu sou? Aquiraz/CE: Edições Shalom, 2011.

AZEVEDO FILHO, Moises Louro de. O mistério do homem: pecador vocacionado à santidade. In.: *Revista Parresia. A visão de homem no carisma Shalom*, vol. 1, nº 1. Aquiraz/CE: Edições Shalom, 2019.

CHAGAS JÚNIOR, João W. R. Uma obra nova para um novo tempo: a espiritualidade da Comunidade Católica Shalom. Aquiraz/CE: Edições Shalom, 2011.

COMUNIDADE CATÓLICA SHALOM. *Documento da Assembleia Geral 2019*. Aquiraz/CE: Edições Shalom, 2020.

COMUNIDADE CATÓLICA SHALOM. *Te seguirei: caderno de oração para vocacionados Shalom*. Aquiraz/CE: Edições Shalom, 2015.

COMUNIDADE CATÓLICA SHALOM. *Manual de retiro de ingresso dos postulantes – Comunidade de Aliança: assistência de formação, formação intracomunitária*. Sem ano.

COMUNIDADE CATÓLICA SHALOM. *Manual do formando: discipulado primeiro ano*. Aquiraz/CE: Edições Shalom, 2017.

COMUNIDADE CATÓLICA SHALOM. *Revista Escuta: tempo novo*. Aquiraz/CE: Edições Shalom, 2020.

DIAS, Gabriela. *Pescadores de homens*. Aquiraz/CE: Edições Shalom, 2015.

ESCRITOS. *Comunidade Católica Shalom*. 5ª edição. Aquiraz: Edições Shalom, 2011.

ESTATUTOS DA COMUNIDADE CATÓLICA SHALOM. *Comunidade Católica Shalom Aquiraz: Edições Shalom*, 2012.

GUERRA, Jean Brás. *Mundanismo hoje: reflexões do papa Francisco*. Aquiraz: Shalom, 2019.

NOGUEIRA, Maria Emmir Oquendo. *Louvor Brasa-Vida*. Aquiraz, Brasil: Edições Shalom, 2011.

NOGUEIRA, Maria Emmir Oquendo. *Belo é o amor humano: discernimento e vivência das formas de vida na Comunidade Católica Shalom*. Aquiraz: Edições Shalom, 2010.

NOGUEIRA, M.; LEMOS, S. *Tecendo o fio de ouro: caminho ordo amoris*. Aquiraz/CE: Edições Shalom, 2010.

NOGUEIRA, Maria Emmir Oquendo. O homem, caminho para a paz. In.: *Revista Parressia: A visão de homem no Carisma Shalom*, vol. 1, nº 1. Aquiraz/ CE: Edições Shalom, 2019.

Fontes eletrônicas da Comunidade Shalom

COMUNIDADE CATÓLICA SHALOM. *Quem somos*. Disponível em: < <https://comshalom.org/comunidade/>>. Acesso em: 01 fev. 2022.

COMUNIDADE CATÓLICA SHALOM. *Inauguração da primeira lanchonete da Comunidade Shalom*. Disponível em:< <https://www.youtube.com/watch?v=vL1NmNImJ0s>> Acesso em: 02 fev. 2022.

COMUNIDADE SHALOM. *Fundador*. Disponível em: < <https://comshalom.org/moyses/>>. Acesso em: 15 mar. 2022.

COMUNIDADE CATÓLICA SHALOM. *História da Comunidade Shalom*. Disponível em: < <https://comshalom.org/historia-da-comunidade-shalom/>>. Acesso em: 15 mar. 2022.

COMUNIDADE CATÓLICA SHALOM. *Cofundadora*. Disponível em: < <https://comshalom.org/emmir-nogueira/>>. Acesso em: 1º mar. 2022.

COMUNIDADE CATÓLICA SHALOM. *Carisma Shalom*. Disponível em: < <https://comshalom.org/comunidade/>>. Acesso em: 10 jan. 2022.

COMUNIDADE CATÓLCA SHALOM. *Somos uma família*. Disponível em: < <https://comshalom.org/vocacao-shalom/>>. Acesso em:15 jan. 2022.

COMUNIDADE CATÓLICA SHALOM. *Onde estamos*. Disponível em: < <https://comshalom.org/onde/>>. Acesso em: 20 jan. 2022.

COMUNIDADE CATÓLICA SHALOM. *Caminho Vocacional*. Disponível em: < <https://comshalom.org/comunidade/>>. Acesso em: 23 mar. 2022.

COMUNIDADE CATÓLICA SHALOM. *Uma vocação de paz*. Disponível em: <<https://comshalom.org/uma-vocacao-de-paz/>>. Acesso em: 25 jun. 2022.

COMUNIDADE CATÓLICA SHALOM. *O que tem escrito nos “Escritos”?*. Disponível em: <<https://comshalom.org/o-que-tem-escrito-nos-escritos/>>. Acesso em: 23 jun. 2022

COMUNIDADE CATÓLICA SHALOM. *Tau*. Disponível em: <<https://comshalom.org/tau/>>. Acesso em: 08 jul. 2022.

COMUNIDADE CATÓLICA SHALOM. *Tecendo o Fio de ouro, sobre autoconhecimento e cura interior, é realizado em Curitiba*. Disponível em: <<https://comshalom.org/tecendo-o-fio-de-ouro-sobre-autoconhecimento-e-cura-interior-e-realizado-em-curitiba/>>. Acesso em: 08 jul. 2022.

COMUNIDADE CATÓLICA SHALOM. *Portal*. Disponível em: <<https://comshalom.org/>>. Acesso em: 14 jul. 2022. COMUNIDADE CATÓLICA SHALOM. *Perfil*. Disponível em: <<https://instagram.com/comshalom?igshid=YmMyMTA2M2Y=>>. Acesso em: 14 jul. 2022.

COMUNIDADE CATÓLICA SHALOM. *Página inicial*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/comshalom>>. Acesso em: 14 jul. 2022.

COMUNIDADE CATÓLICA SHALOM. *Perfil*. Disponível em: <<https://twitter.com/comshalom>>. Acesso em: 14 jul. 2022.

COMUNIDADE CATÓLICA SHALOM. *Página*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/comshalom>>. Acesso em: 14 jul. 2022.

COMUNIDADE CATÓLICA SHALOM. *Artista verificado*. Disponível em: <<https://open.spotify.com/artist/0t9f7kAQ1wKeHeLC25ZYin>>. Acesso em: 14 jul. 2022.

COMUNIDADE CATÓLICA SHALOM. *Perfil: Shalom São Paulo*. Disponível em: <https://instagram.com/shalomsaopaulo_?igshid=YmMyMTA2M2Y=>. Acesso em: 14 jul. 2022.

COMUNIDADE CATÓLICA SHALOM. *Perfil: Shalom Rio*. Disponível em: <<https://instagram.com/shalomrio?igshid=YmMyMTA2M2Y=>>. Acesso em: 14 jul. 2022.

COMUNIDADE CATÓLICA SHALOM. *Palavra do fundador*. Disponível em: <<https://www.instagram.com/tv/B-FzoaDpkbo/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>>. Acesso em: 14 jul. 2022.